

CPAD

SÉRIE
Comentário
Bíblico

Judas

Batalhando pela genuína fé cristã

CLAUDIONOR DE ANDRADE

SÉRIE
Comentário
Bíblico

CLAUDIONOR DE ANDRADE

Judas

Batalhando pela genuína fé cristã

CPAD

Todos os direitos reservados. Copyright © 2001 para a língua portuguesa
da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Revisão: Kleber Cruz
Capa e projeto gráfico: Eduardo Souza
Editoração: Oséas Felicio Maciel

CDD: 225 – Epístolas do Novo Testamento
ISBN: 85-263-0374-0

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos
da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição/2001

Dedicatória

Ao Rev. Roberto Montanheiro (in memoriam), *meu primeiro pastor, por haver me ensinado a defender e a batalhar pela santíssima fé.*

Prefácio

A Epístola de Judas nunca foi tão necessária quanto agora; pois a apostasia, de que fala o apóstolo Paulo, já invade os arraiais dos santos. Se não estivermos vigilantes e se não soubermos como lutar contra o cruel e ardiloso adversário, acabaremos por ser subvertidos.

É chegado o momento de envidarmos todos os esforços na batalha pela santíssima fé. É o que Judas, irmão de Tiago, exorta-nos a fazer em sua carta endereçada a todas as igrejas daquela época. Apesar de todos esses séculos transcorridos, a Epístola de Judas não perdeu a atualidade. É contemporânea de todas as eras. É divinamente inspirada, infalível e inerrante. É Deus falando à sua Igreja.

Tendo em vista a relevância da Epístola de Judas, foi que resolvi fazer um comentário que reunisse exegese e devoção. Que a Igreja de Cristo, nesta obra, venha a descobrir as preciosas lições desse livro do Santo Livro. E que todos os filhos de Deus, conscientes da urgência deste momento,

preparemo-nos para o combate pela fé que, de uma vez por todas, foi confiada aos santos.

Jesus em breve virá! Maranata! Ora vem, Senhor Jesus!

Em Cristo Jesus,
Pr. Claudionor de Andrade

Sumário

Dedicatória

Prefácio

Introdução 1

1. As Armadilhas do Marketing Pessoal 9

2. Um Povo Chamado, Querido e Conservado 19

3. As Grandes Consolações da Vida Cristã 27

4. Um Projeto Interrompido 37

5. A Ameaça dos Falsos Mestres 47

6. A Obstinada Incredulidade de Israel 61

7. A Rebelião dos Anjos 75

8. A Abominação de Sodoma e Gomorra 89

9. A Reverência e a Postura de um Anjo 101

10. O Caminho de Caim 111

11. O Prêmio de Balaão 121

12. A Rebelião e a Contradição de Corá 129

13. Quando os Ímpios se Intrometem na Congregação dos Santos 137

14. A Profecia de Enoque para os Últimos Dias..... 147

15. A Chegada dos Escarnecedores 157

16. Edificados na Santíssima Fé 167

Introdução

Antes de considerarmos exegética e devocionalmente a Epístola de Judas, busquemos reconstituir o seu *background* — os elementos, fatos e antecedentes que levaram o apóstolo a escrevê-la. Através das evidências extraídas das Escrituras do Novo Testamento, e por intermédio das evidências que nos são disponibilizadas pelos documentos produzidos logo após a era apostólica, respondamos as seguintes perguntas:

- Quem escreveu, de fato, a Epístola de Judas?
- Quando foi escrita?
- De onde foi escrita?
- Para quem foi escrita?
- Por que foi escrita?
- Existem dúvidas quanto à sua canonicidade?
- Como é o seu estilo?
- Quais as suas características?
- Qual a sua relevância teológica?

Sem estas respostas, não poderemos entender a amplitude deste livro sagrado que, apesar de sua extensão, vem influenciando a Igreja de Cristo em

todas as épocas e lugares. Depois de recompormos o cenário da Epístola de Judas, constataremos ser o nosso tempo bastante parecido com o período em que o apóstolo foi inspirado a escrever a sua poderosa e irresistível carta-circular.

I. Autoria

O autor da Epístola de Judas identifica-se modesta e humildemente como irmão de Tiago. Refere-se ele ao presidente do Primeiro Concílio da Igreja (At 15) e autor da primeira epístola geral (At 1.1-3). Judas faz questão de assim identificar-se porque, além de sua natural reserva, não havia quem desconsiderasse o irmão do Senhor (Gl 1.19). Até os próprios adversários tinham a Tiago como justo e temente a Deus. Era uma das figuras de maior relevância da Igreja de Jerusalém.

Além de Judas, irmão de Tiago, somente Tadeu poderia haver escrito a epístola em questão (Jo 14.22). Este, contudo, não tinha qualquer parentesco com o irmão do Senhor.

Opinam alguns estudiosos ter sido a obra redigida por um autor desconhecido que, para ser acatado, usara o nome de Judas, irmão de Tiago. Naquele tempo, esse era um procedimento comum entre os escritores. Haja vista a farta produção pseudo-epígrafe do período interbíblico.

Hoje praticamente já não paira dúvidas sobre a autoria da Epístola de Judas. Em sua *Introdução ao Novo Testamento*, afirma Guthrie que as evidências todas indicam ter sido Judas, o irmão do Senhor, o autor desta epístola (Mt 13.55; Mc 6.3). De Vette é da mesma opinião.

Quanto à biografia de Judas, pouquíssima coisa sabemos. Infere-se haja ele se convertido após a ressurreição de Cristo (Jo 7.5; At 1.14). Diz a tradição que o zeloso obreiro ministrou

na Palestina, Síria, Arábia, Pérsia e Mesopotâmia. De seus presumidos descendentes, Hegesipo narra um fato curioso. Dois de seus netos foram levados perante Domiciano, acusados de haverem conspirado contra Roma pelo fato de pertencerem à casa real de Davi. Mas quando o imperador viu-lhes as mãos calejadas e o jeito interiorano e a dicção simplória, zombou deles, ordenando que fossem imediatamente soltos.

II. O Propósito e a Data da Epístola

Entre os anos 65 e 80 de nossa era, uma doutrina alheia à ortodoxia começou a ser introduzida veladamente nos arraiais cristãos. Não foi preciso muito tempo, e o gnosticismo, qual joio semeado pelo adversário, já grassava pela Seara do Senhor e já contaminava os mais desvelados rebanhos. Congregações eram subvertidas; obreiros, enganados. Até os mesmos responsáveis pelo redil viam-se ludibriados pelos sofismas e casuísmos dos falsos mestres.

Os promotores deste ensino diziam-se os únicos a possuírem uma perfeita visão de Deus. Era através desse conhecimento que, conforme alardeavam, haveriam de ser salvos. Além dessa extravagância, ensinavam que a humanidade de Cristo era apenas aparente. A matéria, tinham-na eles na conta de algo irremediavelmente mau e corrompido. Por isso, não podiam aceitar o fato de ser o Senhor Jesus verdadeiro homem e verdadeiro Deus.

O gnosticismo também visava conciliar todas as religiões, unindo-as através da *gnose* que, segundo diziam, era um conhecimento mais profundo, disponível apenas aos iniciados. Seus principais tópicos eram: a emanação, a queda, a redenção e a mediação exercida por inúmeras potências

celestiais entre a Divindade e os homens. Não bastassem tantos desvios, os gnósticos faziam apologia de uma vida desregrada e inconseqüente. Em nada diferiam eles de Balaão que, movido pelo lucro fácil, levou os israelitas à desenfreada orgia.

Foi para combater semelhantes heresias que Judas resolveu sair em defesa da fé que, uma vez por todas, fora confiada aos santos. Não havia mais tempo para se escrever um tratado teológico. O momento era crítico; exigia ação imediata. Por isso, põe-se ele a redigir a epístola que haveria de circular por todas as igrejas e congregações, combatendo o veneno instilado pelos gnósticos.

Mais importante que teologizar, era preservar a legitimidade e a pureza da fé evangélica. Outros santos iriam experimentar a mesma urgência de Judas. O que dizer de Tertuliano? Embora capaz de erigir grandes sistemas, viu-se coagido a defender os cristãos ante as arbitrariedades de Roma. Quem não gostaria de legar à posteridade uma *Súmula Teológica* como a de Tomás de Aquino? Todavia, não devemos desprezar as cartas, epístolas e credos; sem estes, jamais teríamos as dogmáticas. Os grandes sistemas teológicos nascem precisamente do solitário e urgente labor de homens que, na defesa da fé cristã, não vacilam em sacrificar grandes projetos pessoais.

III. Proveniência e Destino

Acredita-se que a Epístola de Judas foi escrita em Antioquia da Síria em virtude da preeminência missionária e teológica dessa igreja, e endereçada a todas as congregações cristãs. Há os que defendem a cidade de Roma pelo fato de haverem sido as igrejas latinas as primeiras a aceitar integral-

mente a canonicidade da carta. Haja vista as defesas que dela faz Tertuliano. Outros já apontam a Ásia Menor por causa de sua acolhida às doutrinas gnósticas.

Se a Epístola de Judas foi escrita depois do ano 70, não pode ter sido proveniente de Israel, uma vez que a comunidade judaica da Palestina fora completamente destruída pelos soldados romanos, e os cristãos, obrigados a fugir para outras regiões. Além disso, a igreja da Judéia já perdera, havia muito, a primazia para a igreja de Antioquia.

Embora não tenhamos nenhuma informação precisa quer quanto à sua proveniência quer quanto ao seu destino, temos aí uma epístola irresistivelmente universal; deve ela ser lida e acatada em todas as igrejas.

IV. A Canonicidade da Epístola

Se hoje a canonicidade da Epístola de Judas é aceita quase que universalmente, até o século IV eram as polêmicas, em torno de sua origem divina, ainda mui acirradas. Eusébio de Cesaréia (263-340) coloca a epístola na categoria dos livros disputados. A mesma posição era manifestada por alguns dos primitivos pais da igreja; não podiam assimilar o fato de a carta ter sido escrita por alguém do círculo íntimo de Jesus, por causa da alusão que a obra faz aos livros apócrifos de Enoque e da Assunção de Moisés.

Sobre as fontes não-canônicas citadas por Judas, discorre o abalizado erudito espanhol José Salguero: "O fato de um autor sagrado servir-se de literatura judia, ou pagã, não atenta de forma alguma contra a inspiração bíblica. Judas, como todo escritor, era tributário de seu tempo e do ambiente em que vivia". Paulo também cita autores seculares. Em Atos 17.28,

o apóstolo alude ao poeta Aratos, e, em Tito 1.12, faz referência a Epimênedes. Foram estes escritores divinamente inspirados? Certamente, não. Todavia, o registro de suas citações pelo apóstolo contou com o aval divino.

Clemente de Alexandria (150-215), que escreveu um comentário da Epístola de Judas, defendia a obra como inspirada por Deus. Semelhante posição era manifestada por Orígenes (185-254). Este chegou a testemunhar: "Judas escreveu uma carta mui breve, mas toda ela repassada de divina sabedoria". Atanásio (298-373) e Jerônimo (340-420) não tinham dúvidas quanto à canonicidade da epístola. Dídimo e Cirilo de Jerusalém sustentavam igual opinião.

O Fragmento Muratoriano, composto no final do século II, coloca a Epístola de Judas entre os livros canônicos.

Discussões à parte, a Epístola de Judas representou um grande avanço na luta contra um inimigo que, de forma célere, ia solapando igrejas e comprometendo ministérios.

V. O Estilo da Epístola

Apesar de seus semitismos, Judas demonstra possuir um completo domínio da língua grega. Seu estilo é enérgico, belo, elevado. Discorre sobre as doutrinas mais importantes da religião cristã, realçando-as sublimemente num espaço que dispensa dilação. Fortalecendo cada vocábulo, denuncia os falsos mestres e doutores, deixando sempre transparecer a piedade cristã.

É nessa epístola que encontramos a mais bela e expressiva bênção do Novo Testamento. Que palavras mais tocantes e sublimadas! Somente um destro escritor haveria de produzir uma obra tão magnificamente profunda.

VI. As Características da Epístola de Judas

Na Epístola de Judas, os exemplos são dados de forma tríplice. Três tipos de julgamentos extraídos do Antigo Testamento; três descrições de falsos mestres e três espécies de ímpios. Utilizando-se de tais recursos, produz o apóstolo a mais dura investida contra os hereges do Novo Testamento.

Na composição de sua encíclica, Judas fundamenta-se no Antigo Testamento, nas tradições judaicas e provavelmente numa citação direta de Pedro (2 Pe 3.3). Aliás, esta epístola é muito parecida com a de 2 Pedro. Por isso, acham alguns eruditos que esta haja servido de matriz à de Judas.

VII. A Relevância Teológica da Epístola de Judas

A Epístola de Judas é estrutural e formalmente cristocêntrica. Tem a Cristo como fundamento. Nisto, Judas em nada difere dos demais apóstolos. Em tudo, realça ele a divindade de Nosso Senhor; destaca a Santíssima Trindade em tudo.

O autor argúi ser impossível separar a fé cristã de nossa postura social. Acham-se ambas interligadas. A fé em Cristo implica necessariamente num comportamento que, em todas as coisas, glorifique o Senhor Jesus.

A epístola também possui um forte apelo escatológico. O autor deixa bem claro que, no Dia do Senhor, os ímpios todos serão destruídos por Jesus. Numa síntese surpreendente, Judas esboça o programa de Deus para estes últimos dias. Sua dicção assemelha-se à dos antigos profetas que, diante da ameaça dos apóstatas, respondiam com a iminência do julgamento divino.

Conclusão

"Enquanto os homens precisarem de duras reprimendas, a Epístola de Judas jamais perderá a relevância". Diante do que estamos vivendo, obrigamo-nos a concordar com Guthrie. Nosso tempo em nada difere da época de Judas. É um período em que a vida espiritual vai rapidamente esvaindo-se de suas qualidades. Se hoje os crentes podem ser contados aos milhões, os frutos dificilmente alcançam aquela cifra mínima da parábola do semeador. O Cristianismo foi despido de seu caráter sacrificial e amoroso para tornar-se na opção de homens e mulheres divorciados de Deus; estão na igreja, mas não são a Igreja.

Se não agirmos com o rigor e a energia requeridos em tempos de crise, perderemos as propriedades todas de Reino de Deus. Foi exatamente isto o que Judas tentou evitar ao escrever sua epístola. Se aquele período era de batalha, este só pode ser de guerra declarada e aberta pela manutenção da fé cristã.

A Epístola de Judas representou um grande avanço na luta contra um inimigo que, de forma célere, ia solapando igrejas e comprometendo vigorosos ministérios. Esse inimigo ainda não foi destruído. A hora é de vigilância!

Capítulo 1

As Armadilhas do Marketing Pessoal

Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago (Jd 1a).

Introdução

Você se preocupa com o marketing pessoal? Remy de Gourmont, ao refletir sobre as armadilhas da fama, lavrou uma advertência que tem de ser levada em conta por todo homem de Deus: "É preciso ser bastante cauteloso para não naufragar na popularidade".

Em sua sede de glória, muitos foram os que abandonaram a glória do Senhor de toda a glória. E, hoje, ingloriamente vivem, e haverão de desaparecer ingloriamente. Não nos esqueçamos de nossa real vocação! Fomos chamados a enaltecer aquEle que, esvaziando-se de suas prerrogativas como Deus, fez-se homem para resgatar-nos de nossa vã maneira de viver.

Você já leu a biografia dos heróis da fé? Compelidos por um amor que não conhecia

limites, em tudo magnificaram o nome de Deus. Em relação a si mesmos, eram um antimarketing; em relação ao Senhor, foram os mais bem-sucedidos publicitários da história.

Quão maravilhoso é o exemplo de Judas! Vivesse em nossos dias, estaria ele na lista negra dos marqueteiros. Pois evitava mencionar o seu parentesco com o Senhor Jesus. Que homem de propaganda desprezaria semelhante trunfo? Aliás, o que não fariam alguns de nossos pregadores com um merchandising desses?! Judas, contudo, fazia questão de apresentar-se como irmão de Tiago, e servo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Julgava-se indigno de ser lembrado como irmão do Salvador do mundo.

> *Como você lida com os cargos que recebeu do Senhor? Tem se aproveitado deles a fim de auferir dividendos pessoais? Você é um servo, e um servo não se ocupa com a glória do próprio nome. Sua única ocupação é glorificar o nome daquEle que detém toda a primazia e glória.*

I. Judas, a Humilde Condição de um Nome

Judas é a forma grega de Judá que, em hebraico, significa louvor. Como evocasse o quarto filho de Jacó, tornou-se essa uma das mais diletas alcunhas em Israel. Afinal, era o nome de um herói. Não obstante a ordem de seu nascimento, veio Judá a herdar os privilégios da primogenitura, a linhagem real e o cetro messiânico (Gn 49.8-12). Judá foi aquele eloqüente patriarca que levou o velho pai à comoção, e o judicioso José às lágrimas.

No Novo Testamento, encontramos pelo menos seis Judas. Este também era o nome daquele Macabeu que, insurgindo-

se contra Antíoco Epífanes, restabeleceu o culto de Jeová, em Israel, no período interbíblico. Raras as famílias que não possuíam o seu Judas. Eram tão encontradiços quanto os Jacós e Josés (Mt 13.55).

Foi com esse nome tão dileto (e tão comum!) que o apóstolo apresentou-se aos fiéis. Embora da casa real, não possuía Judas nenhum título nobiliárquico; apesar do glorioso passado de seu clã, o presente de sua família parecia não ter futuro. E não obstante a genealogia que remontava aos reis de Israel, ele em nada diferia de um reles plebeu daquela Judéia juncada de estrangeiros e aproveitadores.

Se Judas em hebraico já era tão comum, o que não dizer de sua forma helena? Do original hebreu, o nominativo grego havia exaurido toda a poesia. Além disso, Judas era também a alcunha daquele homem de Cariote que traíra a Cristo. Todavia, Judas, irmão de Tiago, passaria à história como apóstolo de Cristo Jesus e campeão da fé. Ele não olhou para o nome que não tinha, mas para o trabalho que do Senhor recebera.

> *Seu nome é comum? Não tem tradições familiares? Rogue ao Senhor a fim de que o seu trabalho seja em tudo singularizado. Não se esqueça: não é o nome que faz o obreiro, mas a obra que o obreiro apresenta humildemente ao Senhor da Seara.*

II. Judas, Servo de Jesus Cristo

Agora, identifica-se Judas como servo de Jesus Cristo – *Iesou Christou doulos*. Mais uma vez, demonstra o apóstolo toda a sua desambição e modéstia. Não deseja que o vejam como o irmão do Senhor, mas como servo de Cristo. A palavra grega

doulos é mais do que significativa; realça o caráter do servo. E o servo não passa de um escravo: não tem vontade própria; sua vontade acha-se absorta na soberana e irrecorrível vontade de seu Senhor.

Fôssemos mais fiéis ao original grego, teríamos substituído a palavra servo por escravo; o termo grego *doulos* significa exatamente isto – serviçal.

Judas prefere ser chamado de servo a ser conhecido como irmão do Senhor. Era-lhe isso uma deferência demasiado alta; julgava-se imerecedor de tamanha honra. Por isso, acha mais confortável identificar-se como escravo. O Novo Testamento dá muita importância a esse aspecto da personalidade do cristão. Haja vista que, de Mateus a Apocalipse, encontramos a palavra servo em 125 ocasiões.

Os verdadeiros santos jamais deixaram de se destacar como servos. Os galardões, não os receberam no pódio da glória, e, sim, no altar da submissão. Antes de serem quebrantados como campeões, foram eles exaltados como servos dos servos do Altíssimo. Abraão era conhecido como amigo de Deus, mas portava-se como um mero serviçal (Gn 18.27). Moisés falava a Jeová face a face, era porém lembrado como servidor (Ml 4.4). Davi era destacado como o homem segundo o coração do Altíssimo, julgava-se contudo um verme (Sl 22.6). Daniel era o homem excelente, entretanto vivia curvado diante do Senhor (Dn 10.9). E o que dizer de Cristo? Embora Criador e Senhor de tudo, passou à história da salvação como o Servo de Jeová (Is 49.7).

O servo não se preocupa com o marketing pessoal; seu único interesse é exaltar o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Sabe ele que a sua missão é viver para servir, pois o seu Senhor

até na morte foi exemplo de serviço. Por isso, coloca-se Judas na posição de servo. É-lhe honroso ser irmão do Senhor Jesus? Postar-se como servo de Cristo lhe é sumamente glorioso.

É chegado o momento de os ministros do altar colocarmo-nos na honradíssima posição de serviçais; somente assim lograremos os galardões que o Senhor preparou aos seus servos.

> *Você é servo de Cristo? Ou ainda não o tem como Senhor? Não pode haver Cristianismo sem uma claríssima definição de senhorio. Todo o cristão é, essencialmente, um servo. No pensar, servo. No agir, servo. No imitar a Cristo, servo. O Senhor não veio a este mundo para ser servido; veio Ele para servir-nos.*

III. Judas, Irmão de Tiago

Judas não se limita a exaltar o Senhor Jesus. Agora, enaltece a seu irmão, Tiago, a quem destaca como ímpar referencial no serviço eclesiástico. Pela maneira como o apóstolo Judas se apresenta, vemo-lo como se vivesse à sombra do ilustre irmão.

Ao declarar-se *adelphós dé Iakóbou* – irmão de Tiago – Judas não se sente diminuído, pois em tudo busca honrar a seus irmãos. Em relação a Jesus, enaltece-o como o Senhor de todas as coisas; em relação a Tiago, dignifica-o como um raro exemplo de piedade e um sublimado modelo de embaixador do Reino de Deus. Procede ele assim porque, segundo adianta Michael Green, está "disposto a desempenhar um papel de segunda ordem comparado com Tiago, seu irmão mais célebre". Também não agia assim André em relação a Simão Pedro?

Como seria maravilhoso se imitássemos a Judas! Infelizmente, damos muito valor à nossa imagem, e constantemente

flagramo-nos a redimensionar nossa posição. Perseguimos a primazia, e jamais nos contentamos com o segundo lugar. À semelhança de Júlio César, preferimos ser o primeiro numa aldeia a ser o segundo em Roma. Todavia, ignoramos que, no âmbito do Reino de Deus, os segundos sempre se destacaram. Barnabé não era o segundo de Paulo? Ei-lo o primeiro na renúncia. Não era Silas o segundo do apóstolo? Ei-lo o primeiro em sacrifício. E Lucas? Apesar de seu desmedido esforço, nem se ocupa em registrar o seu nome nos livros que escreveu. Só lhe sabemos o nome em virtude de uma amorosa deferência de Paulo (Cl 4.14) e daquelas sessões de Atos dos Apóstolos conhecidas como "nós". Pode haver marketing mais negativo? Entretanto, o que é perda para os homens, para Deus é ganho.

Não foram poucos os obreiros que, chamados a secundar, reivindicaram o primado. Como segundos, não deixariam de ter a sua primazia, mas como primeiros, tornaram-se os últimos (Mt 19.30). Há glórias e realizações em posições subalternas. Galardões e prêmios, sempre haverá para os assistentes fiéis. Se não soubermos, porém, ser os segundos, como haveremos de compreender as dificuldades dos primeiros?

> *Você está satisfeito com sua posição? Ou busca sempre as primeiras bancadas do ministério? Sabia que, com Cristo, o segundo tem a qualidade do primeiro? E que o primeiro nem sempre alcança a glória do segundo? Josué era o segundo de Moisés, este porém não pôde adentrar os frontões da Terra de Promissão. Sirva como segundo; o Senhor vê sempre o nosso trabalho em primeiro plano.*

IV. A Armadilha do Marketing Pessoal

O que diria Judas dessa nossa enfermiça preocupação pelo marketing pessoal? Dessa preocupação que já é ansiedade? Dessa ansiedade que já se vai tornando obsessão? O que o apóstolo diria dessa obsessão tão malévola e iníqua que grassa entre os obreiros de Cristo? Das primeiras palavras de sua epístola, logo depreendemos: não se deixava ele seduzir por semelhantes veleidades nem recorria a esses artifícios e engenhos.

Outros, em seu lugar, alardeariam o fato de ser irmão de Nosso Senhor; tirariam disso proveito, e até fundariam uma nova igreja. Judas, não! Trabalhar, para ele, era mais importante que cevar o nome: implicava na glorificação de Cristo Jesus.

Na história da Igreja, nunca o marketing pessoal foi tão explorado quanto hoje. Até mesmo os obreiros mais santos e piedosos surpreendem-se, de quando em quando, a nutrir a própria imagem; descobrem-se a engordar a personalidade; flagram-se a alimentar um logotipo que em nada lembra as marcas da cruz. A fim de atender a essa sede de fama e a essa fome de poder, livros são escritos e conferências são proferidas. Quem já não foi assediado por um orador que, blasfemamente, ousa destronar a Cristo e a entronizar-se no trono do Cordeiro? O que eles chamam de motivação, a Palavra de Deus classifica de soberba, orgulho e síndrome de Lúcifer.

Tal epidemia vem alastrando-se principalmente entre os que professam a Teologia da Prosperidade e a Confissão Positiva. O presidente internacional do Instituto Cristão de Pesquisa, Hank Hanegraaff, mostra, em seu livro *Cristianismo em Crise*, quão soberbos e inescrupulosos são os proponentes desse

aleijão doutrinário. Um deles chegou a dizer que o homem foi criado em termos de igualdade com Deus. Outro ousou afirmar, apontando para si mesmo: "Vocês estão olhando para Deus, estão olhando para Jesus". Asneiras como essas são citadas diariamente por homens que, embora ostentem uma convincente aparência de piedade, negam-lhe a eficácia através de suas blasfêmias, por meio de suas vidas desprovidas de vida e por intermédio de seu testemunho carente de testemunho.

No trato com essa tribo de infames, Hanegraaff é categórico: "Desde o alvorecer dos tempos, Satanás tem se desdobrado para apresentar a mentira de que meros homens podem se tornar deuses. Seu atraente silvo: 'Sereis como Deus', ouvido primeiramente no capítulo terceiro de Gênesis, tem reverberado através dos séculos com uma sensual freqüência. Ele empacota e reempacota essa mentira, no tamanho e formato necessários para fazê-lo vender".

Todos esses caíram naquilo que o apóstolo Paulo chama de a tentação do diabo (I Tm 3.6). Por isso, exorta o apóstolo a que não separemos os neófitos ao ministério. Caso contrário, virão eles a se ensoberbecerem, presumindo-se melhores que o mesmo Cristo. Se o neófito não pode chegar ao ministério, por que encontramos tantos anciãos soberbos? Ora, a natureza não cobra seus tributos apenas aos humildes; os soberbos também envelhecem. Não se combate a soberba com os anticorpos da idade, mas com a experiência que nos advém do andar diário com o Senhor Jesus.

Atentemos ao significado da palavra neófito. Era usada pelos antigos gregos para designar as árvores recém-plantadas. Quanto ao verbo ensoberbecer, vem este do vocábulo *tuphoseis* que, primariamente, significa encher-se, locupletar-se de or-

gulho. Como é triste deparar-se com obreiros inchados de si e inflados pelo diabo!

> *Você é uma árvore frutífera? Ou jamais se preocupou em dar os frutos em seu devido tempo? Não se distancie das correntes das águas; elas nutrir-lhe-ão as raízes. Não seja um eterno neófito. O tempo de frutificar já chegou.*

Conclusão

Como servos de Cristo, muito temos a aprender com Judas. Apesar de sua elevada posição como meio-irmão de Cristo e irmão de Tiago, portou-se como humilde servo do Redentor. Em nenhum momento buscou a primazia, nem reivindicou deferências. O seu maior prazer era servir ao Reino de Deus.

Judas não se preocupava com o marketing pessoal. Achava-se acima dessa doença que tantos ministérios vem destruindo. Contentava-se em servir. Que o seu exemplo cale bem fundo em nossos corações! Assumamos, e já, a posição de servos dos servos de Cristo.

Capítulo 2

Um Povo Chamado, Querido e Conservado

Aos chamados, queridos em Deus Pai e conservados por Jesus Cristo (Jd 1b).

Introdução

Michael Green afirmou que, nessa passagem de Judas, temos uma das maiores descrições do povo de Deus. Basta uma rápida análise para se comprovar a assertiva do zeloso teólogo.

Chamados, queridos e conservados!

Nesses três particípios, acha-se compendiada toda a história de nossa redenção. Fomos chamados pelo Pai, somos queridos no Filho e haveremos de ser, até ao arrebatamento da Igreja, conservados pelo Espírito Santo. Implicitamente, Judas deixa bem claro aos seus leitores que, sendo eles tão preciosos aos olhos de Deus, não poderiam

jamais deixar-se enredar pelos falsos mestres, pois estes só queriam uma oportunidade para tirar proveitos do rebanho de Cristo. Conscientizemo-nos do que temos recebido; os bens que nos legou Deus, através de seu Unigênito, são mais valiosos do que todo o ouro que se possa reunir.

Está você ciente de seus privilégios? Agradeça a Deus por essas inefáveis riquezas. Não se deixe enganar pelos falsos obreiros que, torcendo as Sagradas Escrituras, tudo farão para enganar os redimidos do Senhor. Leia a Bíblia, e dela não se aparte jamais; ela é o nosso refúgio nestes tempos difíceis e trabalhosos.

I. Chamados por Deus

Nas Sagradas Escrituras, temos duas chamadas distintas: a primeira para Israel, e a segunda para a Igreja. Em ambas, revela-nos Deus o seu amor, e insta-nos a que aceitemos o plano redentivo por Ele elaborado através de Nosso Senhor Jesus Cristo.

1. A chamada de Deus. É a conclamação feita pelo Deus Único e Verdadeiro para que os homens (sem quaisquer distinções) aceitem a salvação mediante o sacrifício vicário de Cristo. João 3.16 é um exemplo clássico da chamada divina. Deus amou o mundo todo, chamou a todos a receber o Evangelho e está sempre pronto a acolher, como filho, a todo aquele que se dispõe a crer e a aceitar a Jesus como o Único e Suficiente Salvador.

A chamada, ou vocação divina, encerra um grande significado. Berkoff no-la define: "A vocação consiste na apresentação da salvação em Cristo aos pecadores, juntamente com uma calorosa exortação a aceitarem a Cristo pela fé, para obterem o perdão dos pecados e a vida eterna".

Em Efésios 4.11, fala o apóstolo Paulo de uma chamada ainda mais específica; a chamada dos que são vocacionados a desempenhar os ministérios eclesiásticos. Esta chamada é exclusiva; aquela, inclusiva. Embora todos sejamos chamados a desfrutar dos benefícios da vida eterna, apenas alguns são vocacionados a desempenhar um ministério cristão específico. Mas voltemos à primeira chamada, que é o objeto deste estudo.

2. O sentido original da palavra *chamada*. No grego, temos a palavra *kletos* para descrever o chamamento divino. A pessoa que atende a esta convocação é alguém chamado a fazer parte do povo de Deus. Foi justamente assim que o Senhor formou a sua Igreja; somos a assembléia dos que foram chamados para fora.

3. A chamada e a eleição. Qual a diferença entre a chamada e a eleição? Eis um dos pontos mais controversos da teologia. Contudo, quando nos detemos na simplicidade das Sagradas Escrituras, e para trás deixamos toda a especulação, não nos é difícil concluir:

a) A chamada é universal. Toda a humanidade é conclamada a aceitar a fé. Infelizmente, nem todos atendem ao chamado divino. Eis por que indaga o profeta: "Quem acreditou em nossa pregação?" (Is 53.1).

No texto áureo da Bíblia, o Evangelista deixa mui claro que Deus amou todo o mundo; esse amor não comporta exclusões. Em seguida, deixa ele implícito que nem todos aceitarão a fé. Mas os que a receberem, terão a vida eterna (Jo 3.16). Conclui-se, pois, ser a chamada de Deus universal.

b) A eleição é particular. Se a chamada é universal e extensiva à humanidade toda, o mesmo não ocorre com a eleição. Esta é

rigorosamente exclusiva: destina-se tão-somente àqueles que recebem a Cristo como o suficiente Salvador.

Não é necessário enfatizar que, no programa redentivo de Deus, não há lugar para a predestinação absoluta conforme ensinam os calvinistas. Pois Deus predestinou toda a humanidade à vida eterna; todavia, somente haverão de ser eleitos os que receberem a salvação em Cristo Jesus.

A seguir, veremos como as duas comunidades de fé das Sagradas Escrituras foram chamadas por Deus.

4. A chamada de Israel. Deus chamou a Israel a fim de que, sendo-lhe este um povo mui particular, viesse a atuar como testemunha amorosamente fiel de seus poderosos feitos e palavras. Deveriam os israelitas, por conseguinte, assumir uma postura profética e sacerdotal. A vocação hebréia é ressaltada no Levítico: "Porque eu sou o Senhor, vosso Deus; portanto, vós vos santificareis e sereis santos, porque eu sou santo" (Lv 11.44).

Nenhum outro povo desfrutaria jamais de um chamamento tão singular e elevado (Êx 19.6). O ministério de Israel era essencialmente messiânico.

Infelizmente, os israelitas foram tardos em compreender a urgência e o alcance de sua vocação. Fracassaram como estado teocrático, e não tiveram condições de manter a secularidade de seu reino. Ao invés de influenciarem os gentios com a mensagem do Reino de Deus, deixaram-se aculturar pelas nações circunvizinhas: adotaram-lhe os deuses e as mais abjetas práticas. Em conseqüência de suas muitas e gravíssimas transgressões, Israel foi expulso de sua terra; acha-se espalhado pelas nações. E somente agora, depois de quase três mil anos, é que os israelitas começam a voltar à formosa herança.

5. A chamada da Igreja. Se os hebreus fracassaram em compreender sua chamada, o mesmo não aconteceria com a Igreja. Soube esta prevalecer sobre todas as circunstâncias, e firmar-se, diante de Israel e do mundo, como um povo santo, profético e sacerdotal.

O chamamento da Igreja pode ser considerado irresistível. Apesar de todos os assédios que vem sofrendo, a Igreja não pode deixar de ser Igreja. É por isso que as portas do inferno não prevalecem contra ela. Disse mui apropriadamente Paul E. Holdcraft: "Sem dúvida alguma, a Igreja deve ser de origem divina. Do contrário, ela não teria sobrevivido a tantos desacertos".

6. Tornando-se dignos da vocação. Tendo em vista a sublimidade de nossa vocação, porfiemos a fim de que jamais venhamos a envergonhá-la. A recomendação é do apóstolo Pedro: "Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis" (2 Pe 1.10). Conscientizando-nos de nossa vocação, perseveraremos até que o Senhor Jesus nos venha buscar. Como será glorioso esse dia! Até lá, andemos de maneira a dignificar a chamada que de Deus recebemos.

> *Você foi chamado por Deus. Não pode haver maior privilégio que este! Não pode haver maior prerrogativa que esta! Você que não era povo de Deus, hoje é Igreja de Cristo. Somente o amor do Pai poderia operar semelhante milagre.*

II. Queridos em Deus Pai

Queridos em Deus Pai! O que isto significa? Noutras versões, lemos: "Amados em Deus Pai". Em sua carta aos roma-

nos, Paulo decanta o amor de Deus: "Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8.38,39).

Sem o amor, nossa redenção seria impossível. Atentemos às palavras de Judas no original: *en Theo patrí egapeménois*. A tradução literal da frase é: "em Deus Pai, amados". O particípio, como aqui usado, indica que os destinatários de Judas haviam sido e continuavam a ser objeto do amor de Deus.

Amados em Deus Pai! Esta expressão não é encontrada em nenhuma outra escritura do Novo Testamento. O que o apóstolo busca enfatizar, logo no início de sua epístola, é que o Pai Celeste nos ama com eterno amor. Ao refletir sobre tão inesgotável afeição, escreveu James Wadsworth: "Deus nos amou antes que viéssemos a conhecer o sentido desta palavra". Não foi o que declarou João em seu Evangelho? "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16).

Implicitamente, Judas afirma que Deus não se limitou a amar-nos. Ele também gosta de nós. Deveríamos, por conseguinte, amar como Ele nos amou: amar gostando. Via de regra, amamos a todos, mas não conseguimos gostar de alguns. A estes, obrigamo-nos a amar. Se os amamos obrigados, onde está a voluntariedade do amor? E se não há voluntariedade, como pode existir o amor? O Senhor não é assim. Ele tanto ama como gosta de cada um de seus filhos. Como é reconfor-

tante saber que há um Pai sempre solícito a conduzir-nos às águas tranqüilas de seu amor!

> *Você tem desfrutado do amor de Deus? Ou ainda vive como órfão? Mediante Cristo Jesus, você tem acesso ao trono da graça. E já não precisa viver amedrontado; em suas orações, ouse clamar: "Aba, Pai". Somente um Deus tão amoroso nos haveria de permitir tamanha ousadia e intimidade.*

III. Conservados por Jesus Cristo

Se fomos chamados por Deus, e se por Ele somos eternamente amados, logo por Ele também seremos preservados do mal e do pecado. Apesar da exigüidade de sua epístola, Judas realça a doutrina da preservação dos santos, não tanto pela explicação que dá, e, sim, pela circunstância que evoca: achavam-se eles sob o ataque de um vírus que, caso não fosse debelado, acabaria por comprometer a Igreja de Cristo.

Nunca esse meio da graça fez-se tão indispensável! As heresias tentam nos invadir as igrejas; as apostasias buscam amotinar pastores e redis; os modismos nos são apresentados como substitutos da eterna e imutável Palavra de Deus; e os obreiros de Satanás, travestidos de cordeiros, ei-los a subverter a graça divina em dissolução. Se o Senhor Jesus, através de seu Espírito, não nos preservar, já não nos restará qualquer esperança!

Exalçando a doutrina da preservação dos santos, usa Judas a expressão grega *tetereménois* que, entre outras coisas, traz as seguintes denotações: guardar, vigiar, proteger, manter seguro. Eis, porém, o seu mais perfeito sinônimo: preservar. Da semântica deste vocábulo, depreendemos imediatamente ter o

Senhor Jesus um firme compromisso com a conservação integral de seus fiéis.

A preservação dos santos é a doutrina, segundo a qual o Espírito Santo mantém o crente incontaminado até ao arrebatamento da Igreja, ou até que, de conformidade com a soberana vontade de Deus, encerremos a nossa carreira terrestre.

Que maravilhosa e confortadora verdade!

Judas deixa bem patente aos seus destinatários: embora atacados por tantos erros e heresias, o Senhor Jesus haveria de lhes preservar a fé. E, agora, conservados pelo Espírito Santo, aguardemos todos o almejado e glorioso dia do arrebatamento. Aleluia! Ora vem, Senhor Jesus!

> *Você sabia que o Senhor Jesus vem preservando-lhe a fé? Doutra forma, onde estaria você? Você é preservado do pecado, a fim de que viva como santo. É preservado do mal, para que dê testemunho do bem. Preservado do erro, viva a verdade divina em toda a sua plenitude; viva única e exclusivamente para Cristo!*

Conclusão

Chamados, queridos e conservados! Tantos séculos hajam embora transcorridos, somos assim reconhecidos pelo Senhor. Agora e por toda a eternidade! Deus nos chamou através do Evangelho, amou-nos em seu Unigênito, e conserva-nos por intermédio do Espírito Santo. Eis por que é a Igreja um povo tão especial! Ela é a nação santa de Deus num mundo corrompido e corruptor. Mas, qual lírio dos vales, mantém-se sempre cândida e pura; o sangue de Cristo nos purifica de todo o pecado.

Capítulo 3

As Grandes Consolações da Vida Cristã

A misericórdia, e a paz, e a caridade vos sejam multiplicadas (Jd 2).

Introdução

Os judeus do tempo de Cristo cumprimentavam-se uns aos outros, invocando a misericórdia, a paz e a caridade de Deus. Eis a essência dos pactos e das alianças de Jeová; eis o resumo da Lei e dos Profetas! Nesses três vocábulos, acha-se também compendiado todo o Plano de Salvação.

Sentindo-se parte da comunidade espiritual de Israel, os primeiros cristãos passaram a se saudar como o faziam os filhos de Abraão. A única diferença é que evocavam também a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A saudação usada por Judas é encontrada, com leves nuanças, em outras epístolas do Novo Testamento. Os teólogos do segundo século ainda utilizavam-se dela em

suas correspondências. Haja vista a famosa Epístola de Policarpo.

Num momento tão difícil para a Igreja de Cristo como aquele, Judas cumprimenta os irmãos: "Misericórdia, graça e paz". Indistintamente, alcança judeus e gentios. Não há acepção de pessoas; em Cristo, todos podemos usufruir das grandes consolações do Espírito Santo.

> *Tem você desfrutado desta misericórdia tão santa? Tem gozado desta paz tão inaudita? Tem vivido este amor tão singular? Procure, agora mesmo, viver a vida abundante que somente Cristo nos pode dar. Através do Calvário, enleva-nos a alma às regiões celestes, onde descortinamos todos os mistérios de sua graça.*

I. Misericórdia – Quando o Coração de Deus se Volta à Nossa Miséria

Ao descobrir a etimologia da palavra misericórdia, fiquei vividamente impressionado. Não cuidava eu possuísse o vocábulo tanto significado, beleza e amor. Formado por duas palavras latinas: *míser*, miséria; *cordia*, coração, dá-nos uma idéia de um coração amoroso e mui compassivo voltado às misérias alheias. Assim é o coração de Deus. Através de seu Unigênito, inclina-se Ele às nossas misérias, promovendo-nos eterna redenção. Como descrever tanto amor?

1. A misericórdia no Antigo Testamento. Nalgumas ocasiões, o vocábulo hebraico *hessed* é traduzido como o equivalente da palavra misericórdia. Noutras, aparece como sinônimo de bondade e de amorosa benignidade. O referido termo é usado ainda em lugar da palavra graça. Estes vocábulos também evocam a misericórdia divina: *hemlá* – profunda afeição;

raham – amar profundamente. Esta última palavra significa ainda ventre; lembra-nos que temos de amar nosso semelhante de forma entranhável como Deus ama a cada um de nós em particular e a humanidade como um todo.

Nos momentos de crise; nas horas de decisão; nas instâncias de castigo e inexorável disciplina; nos períodos em que a mesma esperança jazia sem esperança, lembravam-se os hebreus das infinitas misericórdias do Senhor. O profeta reconhece quão ternas são as compaixões do Senhor: "As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos; porque as suas misericórdias não têm fim" (Lm 3.22).

2. A misericórdia no Novo Testamento. No original grego, a palavra misericórdia – *eleos* – comporta os seguintes significados: piedade, benignidade, indulgência. É a natural predisposição em se fazer o bem. Sendo este um dos mais notáveis atributos morais de Deus, jamais deixou Ele de se voltar às nossas misérias e desgraças.

A maior expressão de sua misericórdia deu-se quando enviou seu Unigênito para morrer em nosso lugar. Éramos nós que merecíamos a morte; fez-se Jesus, porém, a ignomínia das ignomínias, a fim de livrar-nos de nossos pecados. Isto é misericórdia! Infinita e inexplicável misericórdia.

3. A misericórdia na Epístola de Judas. Ao abrir sua epístola com semelhante palavra, Judas evoca o Antigo e o Novo Concerto; ambos os testamentos acham-se fundamentados na misericórdia de Deus. Não fora este atributo do Supremo Ser, não teria Ele escolhido nem Israel nem os gentios como objeto de seu amor. Uma só coisa merecíamos: a morte eterna; Ele, porém, galardoou-nos com a vida através da morte vicária de seu Único Filho.

Judas consola os seus leitores, reafirmando-lhes a infinitude da misericórdia divina. Embora enfrentassem uma incomum provação, havia um Deus que estava a zelar por eles. O Senhor não se limitou a chamar-nos para o seu redil; Ele acompanha cada um de nossos passos, conhece todos os nossos problemas, está ciente de todas as nossas fraquezas e vela por todos os nossos movimentos. Implicitamente, estava o apóstolo a dizer a seus leitores que havia um Deus no céu dispensando-lhes todos os desvelos.

Você confia nas misericórdias de Deus? Ou já se entregou ao desespero? Saiba que Ele é responsável por você. Confie em suas misericórdias; elas são infinitas.

II. A Paz de Deus que Excede Todo o Entendimento

Confessando sua descrença em relação à possibilidade de uma paz verdadeira, afirmou Gottfried Wilhelm Leibniz: "Apenas sobre a porta de um cemitério é que se podem gravar as palavras Paz Perpétua". Não sabemos o que teria levado o filósofo alemão a semelhante ceticismo. Certamente não conhecia ele o Deus da Bíblia que, superando conceitos e definições, concede-nos uma paz que vai além da compreensão humana.

Em sua epístola, Judas afiança: apesar daquele momento tão difícil e tão desconfortável para a Igreja de Cristo, era possível experimentar a verdadeira paz (Fp 4.7). Aliás, foi esta a paz que Jesus nos prometeu; uma paz que o mundo não conhece e não pode ter (Jo 14.27). Ele é o Príncipe da Paz! (Is 9.6). Sua paz escandaliza o mundo, e desorienta os inquisidores deste século. As autoridades romanas ficavam aturdidas com a

atitude dos cristãos. Mesmo diante do carrasco, demostravam estes uma serenidade que nem os próprios estóicos eram capazes de entender. Como explicar-lhes a alegria? E os cânticos entoados na arena?

Vejamos de que forma as Sagradas Escrituras apresentam a paz.

1. A paz no Antigo Testamento. O conceito de paz, no Antigo Testamento, é bastante amplo. Paz não significa apenas ausência de guerra, mas saúde, bem-estar, inteireza e perfeição.

Shalom é o termo hebraico traduzido por paz. Encontrado nas escrituras hebraicas em 237 ocasiões, o vocábulo traz a idéia de algo completo (Sl 41.9; Jr 20.10).

A paz descrita no Antigo Testamento, em suas várias acepções, exalta um estado harmonioso da alma, que leva o ser humano a agir de maneira serena nas ocasiões mais adversas.

Jesus é evocado em Isaías como a expressão máxima da paz – *sar shalom* (Is 9.6). O Nazareno é assim designado, porque somente Ele pode dispensar-nos a paz em toda a sua plenitude. O profeta descreve o Messias como aquEle que levará as nações a transformarem seus artefatos bélicos em implementos agrícolas, a fim de não mais aprenderem a guerra (Is 2.4).

2. A paz no Novo Testamento. *Eirene* é o vocábulo grego usado no Novo Testamento para realçar a paz que excede todo o entendimento. Em termos gerais, possui o vocábulo os mesmos significados da palavra hebraica *shalom*. Descreve um harmonioso relacionamento entre os homens e Deus (Mt 10.34; Rm 14.19); e, por conseguinte, entre nós e os nossos semelhantes.

3. A paz na Epístola de Judas. Tendo em vista o alcance e a sublimidade da paz que nos advém de Cristo, Judas deseja que todos os seus leitores dela usufruam. Somente assim haveriam de resistir às dificuldades e as tribulações que se abatiam sobre a Igreja.

> *Tem você desfrutado dessa maravilhosa paz? Ou ainda vive em tormentos? O Senhor Jesus o chamou a viver a plenitude de sua paz. Isso significa que, apesar das circunstâncias adversas, é possível ter uma vida plena e mais do que satisfatória em Deus. Somente Ele pode conceder-nos a paz que o mundo não conhece*

III. Grande e Incomparável Amor

Sócrates reuniu, certa vez, seus discípulos para discutir o amor. Não é necessário dizer que o grande filósofo grego não logrou alcançar a sublimidade das definições bíblicas. Aliás, algumas de suas conclusões eram visceralmente contrárias às demandas de uma vida santa e inteiramente consagrada a Deus.

Mas, o que é o amor? Como definir este sentimento que permeia a Bíblia do primeiro ao último livro?

1. O que é o amor. O poeta Heinrich Heine fez algumas perguntas que ainda carecem de respostas: "Que é o amor? Terá alguém analisado os seus componentes? Já terá sido resolvido o enigma do seu poder?" As respostas a essas perguntas acham-se nas páginas das Sagradas Escrituras. Os profetas e apóstolos, firmados em sua experiência espiritual, concluíram ser Deus não só a fonte do amor, como o próprio amor. Haja vista a definição que dá o evangelista João do Supremo Ser: "Deus é amor" (Jo 4.8). Eis uma definição essencial e

pura de Deus. Apesar de sua simplicidade, vem, até o dia de hoje, desafiando as mais poderosas mentes do Universo.

Na Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, o apóstolo analisa, de maneira bela e insuperável, os principais elementos do amor. Se Heine tivesse lido o capítulo 13 dessa epístola, ver-se-ia plenamente satisfeito quanto à definição do verdadeiro amor.

De maneira geral, o amor é definido como o sentimento "que impele as pessoas para o que se lhes afigura belo, digno ou grandioso". É tido também como afeição e grande amizade. Outros o têm como sinônimo de benevolência e caridade. Em filosofia, é a tendência da alma humana em apegar-se às pessoas e aos objetos.

2. O amor no Antigo Testamento. *Ahav* é a palavra hebraica mais usada pelos escritores do Antigo Testamento para descrever não somente o amor de Deus, como também o amor entre os seres humanos (Dt 15.16; 1Sm 16.21; 18.18).

Ahav significa amar, gostar. É um sentimento que nos liga ao objeto de nosso amor. Era com esta palavra que Deus se dirigia aos filhos de Israel, mostrando-lhes toda a sua afeição e desvelo. Nos instantes mais sublimados do profetismo hebreu, Jeová é descrito como o amoroso e afeiçoado esposo que, apesar das faltas e das infidelidades da amada, dedica-lhe um amor superno e jamais imaginado por qualquer mortal. Haja vista as declarações de Jeremias à pérfida Israel (Jr 3.1). E o que dizer da experiência conjugal de Oséias? Vê-se o profeta constrangido a desposar uma prostituta, a fim de mostrar aos hebreus que o amor de Jeová, embora ferido tantas vezes, ainda encontra forças para atrair a si a esposa infiel.

3. O amor no Novo Testamento. *Ágape* é a palavra grega usada pelos escritores do Novo Testamento para descrever o amor de Deus. É a mais alta forma de amor. Acha-se acima de *filéo*. Se este descreve o amor entre amigos, *ágape* fala de um amor que só Deus pode dispensar-nos. Deus é amor! (1Jo 4.8). Foi este amor que o levou a enviar o seu Unigênito a morrer em nosso lugar, quando merecíamos somente a danação eterna (Jo 3.16). O amor de Deus não pode ser visto de maneira exclusiva como o querem os calvinistas extremos. Segundo estes, Deus teria predestinado parte da humanidade à vida eterna, e parte à eterna perdição. O evangelista, porém, é bastante claro: Deus amou o mundo todo de um modo amorosamente inclusivo, predestinando a todos à vida eterna. A eleição dos salvos, porém, depende da forma como encaramos o oferecimento da graça de Deus. Diz Pedro que fomos eleitos segundo a presciência de Deus (1 Pe 1.2). O calvinismo extremado menospreza a força do amor divino, principalmente quando seus teólogos resolvem tributar suas incongruências à soberania de Deus. Ora, que amor é este que predestina alguns para a vida eterna e outros à eterna perdição?

De que maneira, então, podemos entender a doutrina da predestinação? Acha-se esta implícita em João 3.16. Se lermos atentamente a passagem, constataremos que toda a humanidade, sem quaisquer exceções, foi predestinada à vida eterna. A predestinação, portanto, é universal e amorosamente inclusiva. A eleição, todavia, é particular e justamente exclusiva: depende da forma como cada ser humano atende ao chamado do Evangelho de Nosso Senhor. Foi por isso que Pedro, ao dirigir-se aos seus leitores, afiança-lhes terem sido eles eleitos segundo a presciência de Deus. O que isto significa?

A expressão grega utilizada pelo apóstolo – *bithunias, katá prognosin Theou patrós* – é mui relevante. O vocábulo *prognosis* traz estas significações: preconhecimento, presciência. Fritz Rienecker aprofunda a explicação do vocábulo: "A presicência de Deus é muito mais do que saber o que vai acontecer no futuro". Ora, é justamente com base na presciência divina que somos eleitos. Isto é: Deus, sabendo de antemão de nossa escolha, elegeu-nos em Cristo. Como se vê, Deus não agiu de forma arbitrária ao eleger-nos; levou Ele em conta nossa aceitação. Isto significa que Deus não predestinou uns para a vida eterna e outros para a eterna perdição. Em seu infindável e inclusivo amor, predestinou a todos a viver a vida que seu Unigênito proporcionou-nos no Calvário.

4. O amor na Epístola de Judas. Num momento de tamanhas dificuldades, quando a Igreja se achava premida interna e externamente por angustias e provações, o apóstolo Judas mostra aos seus leitores que Deus continuava a dispensar-lhes o imarcescível amor. Por isso, podiam descansar em paz.

> *Tem você experimentado este amor? O Cristianismo é a religião do amor, porque em amor fomos nós resgatados do pecado. Assim como os leitores de Judas foram suficientemente amorosos para enfrentar todas aquelas vicissitudes, devemos nós agir diante das adversidades, a fim de que Deus seja em todas as coisas exaltado. Você tem experimentado este amor. Tem distribuído este amor, ou vive ainda, embora cristão, de forma desamorosa?Não se esqueça de que o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo.*

Conclusão

Misericórdia, paz e amor! É o que careciam, naquele momento, os destinatários de Judas. Externamente, enfrentavam a intolerância do Império romano; internamente, os ataques dos hereges e dos que, induzidos pelo sistema secular, iam apostatando da fé. Onde achar conforto a não ser no Cristo de Deus? Somente Ele pode administrar-nos tão altas consolações.

Se hoje não somos levados à arena, estamos às voltas com ameaças igualmente letais. As sanhas do adversário continuam tão insidiosas quanto antes. O que dizer dos que se declaram irmãos, e não passam de agentes de Satanás? E as falsas doutrinas? Velada e sorrateiramente, ei-las a minar os fundamentos de nossa fé. A era atual é de declarada rebelião contra Deus e a sua Igreja.

Só há um meio de vencermos o mundo: através da misericórdia, da paz e do amor que nos dispensa o Todo-Poderoso por meio de seu Amado Filho.

Capítulo 4

Um Projeto Interrompido

Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da comum salvação, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos (Jd 3).

Introdução

Quando eu trabalhava na Imprensa Metodista, em São Bernardo do Campo, tive oportunidade de ler várias obras de John Wesley. Repassando aquelas páginas, maravilhei-me com o que Deus faz na vida de um homem que se coloca incondicionalmente à sua disposição. Wesley foi o instrumento divino para evangelizar os ingleses, avivar a Igreja do século XVIII e reeducar os obreiros nas urgentes tarefas do Reino. Devido à influência de seu ministério, foi ele comparado, por alguns de seus biógrafos, ao apóstolo Paulo.

Gostaria de haver lido a Teologia Sistemática de John Wesley. Sua dogmática certamente nada ficaria a dever às Institutas de

Calvino ou aos grandes edifícios erigidos por Strong e Finney. No entanto, Wesley não teve oportunidade de escrever uma teologia sistemática. Em virtude das urgências de seu ministério, foi-lhe impossível encerrar-se num gabinete, a fim de elaborar um sistema doutrinal. Ao invés de uma obra sistemática, dedicou-se ele a redigir sermões, prédicas, um extenso diário e cartas eivadas de amorosas devoções. Sua teologia, posto que profunda, tinha uma preocupação sacrificialmente prática; visava edificar a Igreja de Cristo e não acalentar debates extenuantes e, quantas vezes, estéreis.

Para se conhecer a teologia de John Wesley é necessário abstraí-la de sua extensa e diversificada obra. Foi o que fez um escritor norte-americano; pôs-se a vasculhar-lhe a vasta bibliografia. Depois, com a paciência dos grandes antologistas, agrupou topicamente o pensamento do evangelista. Ao ler este livro, cujo nome do editor não me vem agora à memória, convenci-me de que Wesley, embora não tenha sido um teólogo sistemático, foi um pensador de grandes e insuperáveis pendores. Ele não escreveu uma Teologia Sistemática, mas fez teologia e forjou teólogos.

Que perfeito paralelo entre Wesley e Judas! Poderiam ambos compor uma monumental dogmática; preferiram, todavia, redigir uma obra edificativa que viesse a socorrer a Igreja de Cristo num momento de crise.

> *Não se sinta frustrado se, nalgum momento de sua carreira, tiver um projeto redirecionado para outra urgência. Deus sabe administrar nossas prioridades. Nem sempre nossas prioridades são prioritárias para o Reino de Deus. Nem sempre nossas urgências são urgências para a Igreja de Cristo. Ele pesa cada uma*

de nossas prioridades; sonda cada uma de nossas urgências. E, depois, leva-nos a agir de conformidade com as reais urgências e prioridades de seu Reino. Louve sempre a Deus, e jamais venha a sentir-se frustrado.

I. A Diligência de um Projeto Teológico

Tivesse Judas concluído seu projeto inicial, estaria este entre os grandes livros da humanidade? Sua epístola, contudo, embora pequena, arvora-se entre as mais belas páginas da literatura universal. Nestas poucas linhas, o apóstolo encontrou suficiente espaço para encorajar os primitivos cristãos a lutar contra as apostasias e a se erguerem como fiéis atalaias de Nosso Senhor. Quantas obras, exaustivamente pesquisadas, tiveram o mesmo êxito?

1. A diligência literária de Judas. Na consecução de seu projeto inicial, assim procedeu Judas: "...procurando eu escrever-vos com toda a diligência". A expressão grega, além de sonora, é carregada de significados: *pasan spoudén poioúmenos gráphein.* O vocábulo *spoudé* evoca diligência, esforço, empenho. Judas, por conseguinte, achava-se disposto a ultrapassar os limites da exaustão. Desejava levar as igrejas de Cristo a compreender a eficácia e as belezas de nossa comum salvação. Sem tal sacrifício, nenhum livro tornar-se-á relevante.

Consciente e imbuído de um ideal supremo, faria Judas de sua pena um instrumento de amor e de edificação. Assemelha-se ao salmista que, num momento de rara inspiração, consagra todo o seu talento ao Rei dos reis e Senhor dos senhores (Sl 45.1-5).

Se listarmos as obras-primas da literatura cristã, haveremos de constatar que foram todas elas forjadas no crisol do esforço e no cadinho do sofrimento e da tribulação. O que

dizer de *O Peregrino* de John Bunyan? E o *Paraíso Perdido* de Milton? E os hinos de Charles Wesley? Canta o poeta sacro que os mais belos hinos e poesias foram escritos em tribulação.

> *Esforço, empenho e diligência! Homens e mulheres singulares somam estas qualidades e multiplicam tais predicados. Tem você se esforçado pelo Reino de Deus? Tem se empenhado em servir a Deus com os talentos que lhe concedeu o bondoso Pai? Tem agido com diligência em servir aos santos? Ou tem se portado relaxadamente? O Senhor Jesus merece o melhor do que somos e do que lhe podemos dar. Consagre-se a Ele!*

2. O livro que o apóstolo Judas não escreveu. Que gênero literário pretendia Judas seguir? E que assunto buscava tratar? O teólogo espanhol Jose Salguero é de opinião que o apóstolo tinha em mente escrever uma epístola geral, cujo objetivo era exortar os crentes a serem mais fiéis a Cristo. Tendo em vista as evidências internas da epístola, Ray Summers afiança que este seria o título da obra: "A salvação que nos é comum".

Sobre o assunto, o admirável comentador Russel Champlin afirma: "Provavelmente o autor sagrado tinha planejado, reunira material e talvez tivesse começado uma obra acerca das glórias e da fé cristã, um tratado não polêmico, que tencionaria exortar, encorajar e ensinar aos crentes. Para ele não foi um prazer abandonar esse tipo de esforço, a fim de lançar uma severa advertência à igreja, concernente à heresia".

Robert Robertson é da mesma opinião: "Judas principiou a cogitar uma carta, ou tratado, sobre nossa comum salvação. Mas a situação que surgira na igreja o compeliu a escrever imediatamente a fim de sará-la".

Ouçamos Robert H. Gundry: "Judas tencionava escrever um tratado doutrinário, mas a infiltração na Igreja por parte de falsos mestres compelira-o a alterar a natureza de sua epístola para uma exortação a fim de que os cristãos se pusessem vigorosamente em defesa da verdade do Evangelho".

As palavras do apóstolo induzem-nos a concluir fosse a sua intenção escrever uma encíclica, ou carta circular, a fim de levar os cristãos a se inteirarem da origem, alcance e eficácia da salvação que nos proporciona o Senhor Jesus. O que vem a ser, porém, esta "comum salvação" que vinha ocupando a mente e o espírito do autor sagrado?

3. Nossa comum salvação. O tema que Judas pretendia tratar era de um apelo irresistível: *koines soterias*. O substantivo grego *koinós* significa aquilo que é comum e gera a comunhão num determinado grupo. O apóstolo queria mostrar estarem todos os santos a desfrutar de uma só salvação, pois um só era o seu Salvador. E que, em Cristo, já não há distinção entre judeus e gentios, bárbaros e gregos, ricos e pobres, senhores e livres. Todos somos um em Cristo Jesus. Judas haveria de mostrar ainda que somente a fé cristã é capaz de tornar todos os homens irmãos; a afinidade que a fé produz não é meramente cultural; é algo que envolve o espírito de todos coletivamente e a alma de cada fiel em particular.

> *Você já desfruta desta maravilhosa salvação? Ou só a conhece intelectualmente? O Senhor Jesus deseja que a experimentemos de modo pleno. A salvação envolve o nosso corpo, a nossa mente e o nosso espírito. É algo para desfrutarmos agora, e não apenas no futuro. Se ainda não tem certeza de salvação, aceite a Cristo agora mesmo.*

Como preservar uma dádiva tão maravilhosa? Mantendo-nos fiéis a Cristo Jesus: Ele é o autor e consumador de nossa fé (Hb 12.2)

II. A Urgência de uma Epístola Apologética

Enquanto preparava a redação de sua encíclica, Judas é alertado sobre a presença de certos elementos que, sorrateiramente, se haviam introduzido nas igrejas de Cristo, visando destruir-lhe a base de sua comum salvação: a fé que, de uma vez por todas, foi dada aos santos.

Se o projeto de Judas era louvável, a demanda de Cristo era inadiável. O apóstolo pretendia discorrer exaustivamente acerca de nossa comum salvação, mas o Senhor exigia que o seu servo bradasse abreviada, mas eloqüentemente, em prol da santíssima fé.

Na tradução corrigida de Almeida, lemos: *tive por necessidade escrever-vos.* Já na versão Atualizada do mesmo tradutor, encontramos: *foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco.* Recorramos, agora, ao original: *ananken eschon grápsai humin.* Esta frase poderia ser assim traduzida: "Tive compulsão para escrever-vos". Isto porque *ananke* não significa apenas necessidade; significa principalmente compulsão que não pode ser resistida.

Como resistir ao impulso do Espírito de Deus? Jeremias ensaiou certa vez opor-se ao chamado divino; isto porém foi-lhe como que um fogo a devorar-lhe as entranhas (Jr 20.9). Sentindo igual compulsão, levantou-se como profeta em meio a um povo rebelde e contumaz, para mostrar a este as reivindicações do Deus Santo (Ez 2.5). E o apóstolo Paulo? Confessa ter-lhe sido imposta a obrigação de pregar o

Evangelho de Cristo a todos, pois a todos era ele devedor (I Co 9.16).

Muitos foram os teólogos que, ao invés de se consagrarem à preservação doutrinal da Igreja de Cristo, puseram-se a discutir tolices e veleidades. Arvorando-se como sábios, tornaram-se loucos. O resultado de toda essa extravagância não poderia ser mais trágico. Haja vista os teólogos alemães que ensinaram seus contemporâneos a interpretarem liberalmente as Sagradas Escrituras. Eles de tal forma torceram a Palavra de Deus e de tal modo zombaram do Todo-Poderoso, que acabaram por abrir caminho a Hitler. Houvessem agido de forma responsável, teriam compelido seus contemporâneos a buscarem a Deus, e a rechaçarem as ofertas do nazismo.

Nossa nação requer profetas e obreiros comprometidos com a verdade. Não mais podemos conviver com teólogos, escritores e mestres que, ao ocuparem nossas cátedras e púlpitos, só demonstram uma única preocupação: exibir seu academicismo mumificado e estéril. Enquanto isso, vai nossa gente sendo entregue ao adversário. Se não agirmos como Judas, será tarde demais. O futuro de nosso país será desprovido de futuro em conseqüência de nossa presente letargia e inércia por aprender as lições do passado.

Judas sabia que o momento não era para se dedicar a obras exaustivas. Aquele momento demandava um breve manual de guerra, a fim de que os santos, ousadamente, enfrentassem o inimigo que se arremetia contra o arraial dos santos.

> *Você está preparado para a guerra? Já sabe como combater o adversário? Ou ainda não tem as armas espirituais? O momento é gravíssimo; não podemos nos perder em especulações e discussões tolas. É necessário*

que todos, sem exceção, estejamos adestrados para lutar em prol da pureza da Igreja de Nosso Senhor.

III. A Batalha pela Fé

Você já leu as 95 teses de Lutero? Embora insignificante quanto à extensão, foi este panfleto mais do que suficiente para revolucionar a Igreja e arrancar o Ocidente das garras do Catolicismo Romano. Martinho Lutero bem sabia que aquele não era o momento para se escrever um extenuante tratado sobre a justificação pela fé. Era um instante de luta e de renhidos embates. Não agisse ele enérgica e rapidamente, ficaria a Igreja de Cristo por mais alguns séculos sob o jugo de Roma. Sensível, pois, ao impulso do Espírito Santo, redigiu suas teses e, no dia 31 de outubro de 1517, fixou-as nos frontões de Wittemberg. Estava deflagrada a Reforma Protestante, cujos frutos são até hoje colhidos em todos os continentes e grupamentos evangélicos.

Igual urgência deve ter sentido Judas. O homem reflexivo de repente é arrancado ao seu refúgio, e posto num campo de batalha. Nesta, haveria de se empenhar até que estivesse o inimigo subjugado.

O momento não é de contemplação; é de combate pela pureza da fé. A expressão grega que descreve a cruzada de Judas pela integridade da doutrina é amorosamente conclusiva; não admite tergiversações. Diz o apóstolo em seu admirável e belíssimo estilo: *ananken eschou grápsai humin parakalon epagonízesthai te hapacs parakotheise tois hagiois pístei.* Eis o que podemos encontrar nestes vocábulos:

1. Exortando os combatentes. O verbo *parakaléo* pode ser traduzido como exortar, rogar e encorajar. Era usado para infundir coragem nos soldados que se achavam prestes a entrar em combate. Quando algum guerreiro mostrava-se acovardado, utilizavam seus companheiros este termo para levá-lo a portar-se varonilmente.

Entrevemos, pelo contexto da epístola, estarem os leitores de Judas numa situação particularmente grave. Suas dificuldades não se limitavam aos ataques externos; a maior ameaça provinha daqueles que, internamente, se mostravam irmãos. Com duas frentes a combater, os fiéis tendiam a desencorajar-se. Judas, todavia, à semelhança dos generais que fizeram a glória dos atenienses e dos espartanos, apropria-se dessa palavra tão feliz, a fim de impulsionar os santos a batalharem pela pureza da Igreja de Cristo.

2. A batalha pela fé. O verbo batalhar – *epagonízesthai* – ostenta uma sublimada semântica: lutar por, contender, exercer grande esforço por alguém, segundo explica Fritz Rienecker. A palavra era usada para descrever os jogos olímpicos da antiga Grécia; denotava a concentração dos atletas por conquistar a vitória.

À semelhança dos atletas helenos, empenhemo-nos por assegurar nossos triunfos em Cristo Jesus. Afinal, somos atletas e soldados do Salvador (2 Tm 2.3-7). Lutemos como Josué; combatamos como Davi; e esforcemo-nos como Jeremias. Doutra forma, haveremos de ser subvertidos pelo cruel adversário.

> *Tem você se esforçado por Cristo? Sua postura denota um guerreiro, ou um amedrontado recruta? Você tem coragem, determinação e garra? O Senhor o quer na*

linha de frente para combater o pecado; não recue. Fomos convocados pelo Supremo Comandante para lutar em prol da santíssima fé. Não decepcione o Cristo de Deus.

Conclusão

Usando um trocadilho que cai perfeitamente no inglês, afirma Wiersby que a vida cristã não é um *playground* e sim um *batleground*. Fôssemos traduzir a frase do admirável erudito americano, diríamos que a vida cristã não é um parque de diversões, mas um renhido campo de batalha.

Judas poderia ter se recolhido para redigir um tratado acerca da salvação. O momento, entretanto, requeria estivesse ele disponível para travar uma batalha, cuja meta era preservar a pureza da fé cristã. Não agisse de imediato, os falsos mestres e profetas haveriam de perverter a sã doutrina.

O atual momento é extremamente difícil. A apostasia já grassa pelos arraiais cristãos, comprometendo igrejas e corrompendo ministérios. O Senhor requer que todos os seus servos, teólogos ou não, entrem nesta guerra. É necessário que cada um busque, em fervente e humilhada oração, um poderoso avivamento. Sem o poder do Espírito Santo, não sobreviveremos.

Chega de brincar. A vida cristã não é um parque de diversões; é um campo de batalha onde somente os que estiverem preparados poderão resistir e triunfar.

Capítulo 5

A Ameaça dos Falsos Mestres

Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo (Jd4).

Introdução

Meu primeiro pastor chamava-se Roberto Montanheiro. Com ele aprendi o valor da pureza da fé cristã. Naquelas aulas que nos ministrava todos os sábados na Assembléia de Deus em São Bernardo do Campo, levava-nos ele, com autoridade e erudição, a discernir a verdade do erro, a ortodoxia da hetorodoxia, a sã doutrina da apostasia. Sem aqueles estudos bíblicos, minha formação teológica seria mui deficiente; não estaria preparado para as responsabilidades que, anos mais tarde, me entregaria o Senhor Jesus.

Posto que amoroso e compassivo, o pastor Montanheiro era inflexível com os falsos

mestres. Sabia ele que uma igreja somente haverá de progredir se primar pela correção doutrinária. Pondo-se a discorrer sobre as seitas e heresias, acabava sempre por citar esta passagem de Isaías: "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva" (Is 8.20).

Meu pastor não teve oportunidade de escrever um livro, mas lutou, árdua e incansavelmente lutou, a fim de que suas ovelhas conservassem incontaminada a santíssima fé. Em todas as suas aulas e estudos bíblicos, em todos os seus sermões e prédicas, estimulava-nos a batalhar as batalhas do Senhor, e a não nos enganarmos com os que, dissimuladamente, nos procuram destruir a comunhão com Jesus.

> *Tem você lutado pela verdadeira fé? Sabe discernir entre a verdade e o erro? É capaz de detectar as heresias e apostasias que, sutilmente, são introduzidas no arraial dos santos? Se a sua resposta for negativa, é hora de aplicar-se ao estudo intensivo e continuado da Palavra de Deus, à oração e á consagração. As apostasias não podem resistir a uma vida santa e inteiramente dedicada a Cristo Jesus.*

I. O Aparecimento dos Falsos Mestres

John Trapp afirmou que a heresia é uma lepra mental. Contamina não somente a ortodoxia bíblica, mas a própria comunhão dos santos. Eis por que, no Antigo Testamento, determinara o Senhor ficassem os leprosos fora do arraial até que viessem a se curar completamente. Caso contrário: sua moléstia haveria de contaminar o acampamento dos santos.

Se os hereges podem assim ser considerados, por que os contemporâneos de Judas não lhes perceberam a presença?

Estariam eles como o sírio Naamã que, apesar da doença, era tido como uma grande personalidade? O certo é que os apóstatas, fingindo-se de mestres consumados e infalíveis doutores nas Sagradas Escrituras, se haviam imiscuído nas igrejas de Cristo. E já se sentindo bem à vontade entre os fiéis, puseram-se a destilar, de modo sutil e quase imperceptível, seus erros e apostasias.

Não se apresentavam de maneira espalhafatosa; habilmente, iam se inserindo nas congregações e nos arraias de Cristo. Ladrões, esgueiravam-se como os répteis mais repugnantes; eram escorregadios e camaleônicos. O vocábulo usado por Judas para descrever a ação desses elementos é mui elucidativo: *pareisduómai* – entrar secreta e furtivamente. Temos aqui a idéia de alguém que, para disfarçar suas reais intenções, esconde-se sob a cobertura da piedade. F. B. Meyer assim os descreve: "Certas pessoas, que citavam a misericórdia de Deus como desculpa para a imoralidade e na prática repudiavam os ensinos do Senhor Jesus, haviam se introduzido na igreja dissimuladamente".

Ignácio, o Mártir, fala acerca de alguns pregadores itinerantes que, embora tivessem uma vida desordenada e torcessem as Sagradas Escrituras, encontravam guaridas em muitas igrejas. Ávidos pelos bens materiais, e tudo fazendo por cevar o seu marketing, os tais iam semeando apostasias, erros e maldições na seara do Senhor. Ao partirem para outras paragens, deixavam o rebanho de Cristo em grandes angústias e desacertos.

Que vívido retrato de nossos dias!

Muitos são os que, de igreja em igreja, saem a semear suas heresias e mentiras. Ostentando uma piedade que não têm, e

fingindo um conhecimento que não possuem, transtornam congregações e neutralizam operosos ministérios. Obreiros da iniqüidade, espalham eles os modismos que levam a confusão aos arraiais dos santos. Distorcendo textos, isolando versículos e trabalhando sua própria hermenêutica, falam de uma teologia que só prospera para eles; discorrem sobre uma confissão que somente a eles é positiva. Quando voltam aos seus covis, deixam rebanhos a se dividirem e ministérios às voltas com problemas insolúveis.

Esses aventureiros buscam apenas uma coisa: a lã das ovelhas e a gordura dos cordeiros. Não choram pelas almas nem ligança alguma emprestam aos que caminham para o inferno. Com a sua oratória arrancam vultosas oferendas dos redis; através de sua persuasão, extorquem os recursos que bem poderiam ser carreados às missões e às obras sociais. Não bastassem tantos estelionatos e apropriações indébitas, destroem lares, contaminam esposas e filhas, induzindo-as à imoralidade.

Disse-me, certa vez, um desses malfeitores que, com o conhecimento que possuía da psicologia dos pentecostais, era capaz de arrancar destes as próprias roupas. Possuía ele, de fato, um grande poder de convencimento. Falava com desenvoltura e com desenvoltura intrometia-se na intimidade dos santos. Durante sua estada entre os fiéis, destruiu lares e levou alguns rapazes ao homossexualismo. No púlpito, parecia não haver ninguém mais piedoso. O Senhor Jesus, porém, estava atento àquele iníquo. Sua carreira foi tristemente encerrada. Infelizmente, alguns de seus estragos jamais puderam ser reparados.

Não podemos esquecer-nos dos evangelistas itinerantes que vêm prestando um excelente trabalho ao Reino de Deus.

Haja vista Billy Grahan. Hoje, com mais de oitenta anos, o irmão Grahan pode olhar para trás sem ter de que se envergonhar. Não haveremos de esquecer também aqueles evangelistas e pastores que, nos mais distantes rincões de nossa terra, estão a cruzar rios e selvas, para levar as Boas Novas às populações mais distantes e recuadas. O trabalho de muitos destes heróis só haverá de ser conhecido no Tribunal de Cristo. Desprovidos de bens materiais, eles fazem questão de repartir o que não têm. Nisto a definição de D. T. Niles é exata: "Evangelização é um mendigo contando a outro onde encontrar pão".

Que o evangelista itinerante zele por seu ministério, a fim de que jamais seja confundido com um mascate da fé. Sua missão é falar de Cristo, cruzando fronteiras, fazendo cruzadas e sempre levando sua cruz. Ele não é um caixeiro viajante nem um daqueles ambulantes que nos tentam empurrar produtos de qualidade duvidosa.

> *Estaremos, porém, devidamente apercebidos a fim de barrar a entrada dos falsos doutores no rebanho de Cristo? Identifiquemos os falsos mestres, e divisemos entre o trigo do Senhor, o joio que eles, ladinamente, semeiam no rebanho enquanto tosquenejamos.*

II. Quem São os Falsos Mestres

Os hereges bem fariam se atentassem a esta advertência de Thomas Watson: "O homem pode ir para o inferno tanto por heresia quanto por adultério". O que estamos vendo no meio evangélico, porém, é um consumado adultério espiritual. O apóstata, deixando a recomendação de Cristo e dos após-

tolos quanto à pureza doutrinária, não vacila em deixar o Mestre dos mestres por aqueles que não passam de tolos. Entremos a ver, com mais vagar, quem de fato são os falsos mestres.

1. Os falsos mestres são ímpios. Judas classifica os falsos mestres de ímpios. A palavra grega usada pelo escritor sagrado: *asebés*, descreve alguém irreligioso e privado de toda piedade.

Discorrendo sobre os tais indivíduos, Pedro tacha-os de falsos doutores (2 Pe 2.1). O substantivo *pseudodidáskalos* denota um falso mestre na mentira e um graduado na apostasia. São os que buscam perverter a Igreja de Deus através de ensinamentos que, apesar da aparência de piedade, negam-lhe toda a eficácia.

Que poder não tem um falso mestre! Através de artifícios e sofismas, desacreditam os mais cristalizados dogmas e deitam por terra a mais alicerçada das doutrinas. A Igreja, em seu nascedouro, enfrentou muitas dificuldades em conseqüência dessa casta. Haja vista os nicolaítas e os defensores da doutrina de Balaão. Tornou-se tão crítica a situação, que o próprio Cristo teve de intervir (Ap 2.6; 14). Mas, qual a base do ensino desses elementos que, no período de Judas, tantos males causaram à Igreja?

2. A base do ensino dos falsos mestres. Tanto naqueles dias, quanto nestes, os falsos mestres visam três coisas básicas:

a) A conversão da graça de Deus em dissolução. Distorcendo a doutrina da salvação pela graça, ensinavam os tais doutores que o crente, mesmo vivendo uma vida dissoluta e sem limites, jamais haverá de perecer. Pois, de qualquer forma, acabará por ser alcançado pelo imerecido favor de Deus. Assim, induziam eles os fiéis a praticarem toda a espécie de desregramentos.

Para explicar o que estes indivíduos faziam, Judas é inspirado a usar o verbo grego *metatithentes* que ostenta estes significados: transpor, transferir, trocar de lugar. Da forma como o verbo é colocado, denota-se que os falsos mestres estavam tentando transformar a graça de Deus em dissolução. Não foi exatamente o que fez Balaão em pleno deserto? Embora conhecesse o amor e a justiça de Deus, usou de engenhosos artifícios para induzir os filhos de Israel a pecar. Sabia ele que só havia um jeito de forçar o bondoso Deus a acionar sua justiça: ferindo o atributo de sua santidade. Quando esta é ferida, aquela entra de imediato em ação.

Infelizmente, muitos são os que, menosprezando as riquezas da graça divina e zombando das reivindicações do Santo Deus, desviam os fiéis a uma vida devassa e abominável. O pastor John McArthur Jr. denuncia que, nos Estados Unidos, muitas foram as igrejas evangélicas transformadas em abomináveis casas de espetáculos. Em algumas delas, há inclusive desfiles de mulheres nuas e espetáculos violentos.

Que ninguém se engane! O mesmo Deus que reivindicou de Israel santidade e pureza, está a chamar a Igreja de Cristo a um compromisso mais sério com a sua Palavra.

Como encarar aqueles que afirmam ser mais importante a doutrina do que os bons costumes? Tal alegação, posto que verdadeira, precisa ser devidamente completada com esta afirmação: a boa doutrina sempre conduz aos bons costumes, ao passo que os costumes, quando deteriorados, estarão sempre a reclamar uma justificativa teológica. Foi o que aconteceu na Alemanha nos anos que precederam à ascensão de Adolf Hitler. Os alemães, olvidando o exemplo de Lutero, desviaram-se das reivindicações bíblicas, e puseram-se a torcer as Sagradas Es-

crituras. Este liberalismo acabou por abrir caminho a um dos mais abomináveis monstros da História. Desgraçadamente, o mesmo fenômeno vem se observando em alguns países que, até há bem pouco tempo, eram grandes colunas do evangelismo bíblico. Haja vista os Estados Unidos. Se não buscarmos com urgência um grande avivamento, terminaremos por abrir alas ao próprio Anticristo.

Se por um lado a Palavra de Deus condena o legalismo, por outro, ergue-se com igual veemência contra o mundanismo; requer o Senhor que sejamos santos e irrepreensíveis (Hb 14.12). Preservemos, pois, os bons costumes, a continência e um viver decente e regrado.

b) A negação da soberania divina. Presumindo-se deuses, rejeitavam eles a soberania divina; diziam ser a vontade humana absoluta. Colocavam-se a si mesmos como a medida de todas as coisas.

Os falsos mestres, sejam eles do tempo de Judas, sejam do nosso, têm uma linha de ação comum: "...negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo" (Jd 4). Não reconhecem nenhum tipo de autoridade: desconsideram o ministério cristão; desprezam os poderes constituídos e negam abertamente a Deus e a Cristo Jesus. A expressão grega usada por Judas para descrever a ação destes elementos é bastante forte: *arnéomai* significa não apenas negar como também dizer não. Desconsiderando todos os atributos naturais e morais de Deus, zombando de sua soberania e arvorando-se como os únicos potentados do Universo, os tais mestres dizem não a Deus em palavras e ações.

Não são poucos os que, em nossos dias, negam a Deus. Haja vista os proponentes da teologia da prosperidade e da confissão positiva. Induzem eles os santos a desconhecerem

por completo a vontade divina. Sob o disfarce de intocáveis mestres das Sagradas Escrituras, menosprezam o Supremo Ser. Alguns colocam-se na posição do Soberano Senhor, imitando aquele ungido querubim que, na ânsia de destronar a Deus, levou os céus a se romperem numa frustrada rebelião.

Seriam esses teólogos melhores do que Cristo? O Salvador não somente nos ensinou a subjugar-nos à divina vontade, como Ele próprio o fez no Getsêmani? (Mt 6.10; 26.42). Sejamos criteriosos nas orações; Deus não se agrada de sacrifício de tolos (Ec 5.1-7). Se não nos conformarmos à sua vontade, jamais poderemos reivindicar-lhe: "venha-nos o seu reino". A manifestação deste acha-se diretamente condicionada à inquestionável soberania de Deus.

Estes últimos dias exigem crentes quebrantados. Homens, mulheres, jovens e crianças que, em todas as coisas, reconheçam: os céus reinam. E que jamais venham a seguir os passos de Nabucodonosor e de Herodes. Quanto aos que teimam em imitar a Satanás, o seu lugar acha-se reservado no lago de fogo, onde será lançado o diabo e seus anjos (Ap 20.10).

c) A negação de Cristo como Senhor. Eles também ignoravam ao Senhor Jesus como Filho de Deus, e desconheciam-lhe o primado sobre a Igreja. Colocavam-se acima de Cristo, reputando-o como um ser sem qualquer importância. Ignoravam ser Jesus o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Desconheciam eles a doutrina da soberania do Senhor Jesus?

O apóstolo Paulo, nas epístolas gêmeas: Efésios e Colossenses, ressalta de forma sublime e insuperável a soberania de Nosso Senhor. Em ambas as cartas, Jesus é apresentado não somente como o cabeça da Igreja, mas como o potentado máximo de toda a criação.

Urge reavivarmos a doutrina da soberania de Cristo. Ele é o cabeça da Igreja e o Senhor do Universo! Quando de sua ressurreição, confiou-lhe o Pai irrestrita autoridade sobre todas as coisas (Mt 28.18; Cl 1.18; Ap 19.6).

Já observou como os falsos mestres tratam o Senhor Jesus? Vivem eles como se o Cristo de Deus inexistisse. Aliás, colocam-se acima do Cordeiro. Não sabem eles, porém, que, um dia, serão obrigados a curvar-se diante do Filho de Deus (Fp 2.1-11).

> *De que forma você trata o Senhor Jesus? Como o Rei dos reis e Senhor dos senhores? Ou como alguém que deve estar sempre submisso à sua vontade? Não se esqueça: Jesus é soberano! Ele comanda todas as coisas; deve estar por isso acima de tudo quanto existe quer na terra, quer no céu. Tal poder, conferiu-lhe o Pai. Se quisermos ser honrados como filhos de Deus, honremos o Senhor Jesus Cristo. Sua soberania é inegociável! Os que desprezam a Jesus no tempo, na eternidade haverão de ser desprezados.*

III. A Atuação dos Falsos Mestres no Antigo Testamento

Em sua epístola, que possui muitos pontos semelhantes à de Judas, alerta Pedro que, a exemplo dos falsos profetas do Antigo Testamento, os doutores falsos desta era tudo farão por induzir a Igreja de Cristo à heresia de perdição. Balaão é um exemplo bastante elucidador.

1. Balaão, o profeta mercenário. Conquanto possuísse aprofundados conhecimentos de Deus, ignorou-lhe Balaão as

advertências, pondo-se a mercadejar com os seus oráculos. Nesse tráfico, ensinou a Balaque a colocar tropeços diante dos filhos de Israel, a fim de que estes fossem amaldiçoados (Ap 2.14). Mais adiante, voltaremos a falar nesse obreiro fraudulento.

Infelizmente, continuamos a dar guaridas aos falsos mestres em nossos púlpitos e cátedras. Não bastasse, ainda lhes pagamos para que nos amaldiçoem com os seus ensinos, erros e apostasias. De tal forma motivados, eles jamais nos deixarão os redis e arraiais.

E o que ensinavam os falsos profetas a Israel? Responde Pedro: "encobertamente heresias de perdição" (2 Pe 2.1).

2. Heresias de perdição. A frase heresias de perdição é muito forte na língua grega: *hairéseis apoleías.* Denota os falsos ensinos que conduzem à completa destruição e à danação eterna. Foi o que aconteceu no lamentável episódio de Baal-Peor. Como os varões hebreus se prostituissem com as midianitas, insurgiu-se o Senhor no arraial, matando a 24 mil dentre eles (Nm 25.9). Passadas algumas décadas, os israelitas ainda se ressentiam dos amaros frutos daquela devassidão (Js 22.17).

> *Não se brinca com os falsos ensinos. Estes se trasformam em heresias, estas se fazem apostasias e as apostasias sempre acabam por trazer a maldição sobre o povo de Deus. Observe que a expressão grega* apoleias *significa, primariamente, destruição completa. É usada também para descrever a condenação eterna daqueles que, rejeitando a Cristo, apegam-se ao mal e à mentira.*

IV. A Motivação dos Falsos Mestres

Os falsos doutores, que estão a perambular livremente por nossas igrejas, possuem apenas uma única motivação: o lucro fácil. Atentemos ao alerta de Pedro: "E, por avareza, farão de vós negócio com palavras fingidas" (2 Pe 2.3).

1. Os negociantes da fé. Diz aqui o apóstolo, seguindo a mesma linha de Judas, que os tais doutores farão comércio dos santos. O vocábulo grego usado é *emporeúomai* que, entre outras coisas, denota: viajar como mercador, fazer negócios, comerciar, explorar e lucrar.

Vão os falsos doutores, de cidade em cidade, destilando o seu veneno; itinerantemente, vão eles enganando e fazendo grandes arrastões entre os santos. Destes, levam tudo; além do dinheiro, a própria fé.

2. Os produtos da fé. Ora, se existem tais comerciantes é porque os produtos são abundantes. Refiro-me às pobres ovelhas que, desamparadas de seus guardadores, ficam à mercê dos lobos. Estes graduam-se na exploração do povo e doutoram-se na destruição da fé singela e doce que do Senhor Jesus recebemos. Depois, como se nada houvesse acontecido, vão eles compondo suas teses de maldições e as suas monografias autenticadas pelo diabo.

Estejamos vigilantes! A natureza do lobo não mudou. Lobo é lobo ainda que pareça cordeiro. Mas quão lamentável será o seu destino!

V. O Destino dos Falsos Mestres

O destino dos falsos doutores é a perdição. O original grego encerra um fortíssimo sentido: danação irreversível. Judas

deixa bem claro que o castigo a se abater sobre os tais não dormita; acha-se desperto, e punirá os que zombam de Deus e mentem-lhe ao povo.

Estejamos despertos! Assim, o adversário não semeará o seu joio na seara do Senhor. Isso só ocorrerá se dormimos. Não foi o que afirmou o Mestre Divino?

Conclusão

Certa vez, o herege Marcião abordou a Policarpo, bispo de Esmirna, indagando-lhe com ares de importância:

— Conheces-me? Sabes quem sou eu?

O zeloso pastor, martirizado em 159 por causa de sua fé em Cristo, não se fez de rogado. Encarando gravemente o herege, respondeu-lhe:

— Conheço-te muito bem, e sei quem és. Tu és Marcião, primogênito de Satanás.

Os falsos mestres são piores que os leões enfrentados pelos servos de Cristo nas arenas romanas. Os felinos limitam-se a devorar o corpo; os apóstatas canceram a alma.

Consideremos as advertências de Judas. Não nos deixemos levar pelas blandícies dos falsos doutores e mestres que, de nossos púlpitos, fazem grandes publicidades do inferno. O que eles mais buscam é induzir os santos à perdição. Se estivermos vigilantes, porém, jamais semearão eles o joio em nosso campo.

O preço da pureza doutrinária é a eterna vigilância.

Capítulo 6

A Obstinada Incredulidade de Israel

Mas quero lembrar-vos, como a quem já uma vez soube isto, que, havendo o Senhor salvo um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram (Jd 1.5).

Introdução

Encontrava-me a discorrer, certa vez, acerca das Verdades Pentecostais, quando me vi constrangido a responder a uma pergunta que já vai criando ranço em nossos arraiais: "Por que os milagres não se repetem hoje como outrora?" Embora teologicamente justificável, tal curiosidade não procede.

Histórica e biblicamente, não procede.

Revirando o Antigo Testamento e já no Testamento Novo, há de se verificar que semelhante preocupação não é nova. Era já manifestada nos dias dos Salmos. Nesse tempo quase imemorial, quando a inspiração do Espírito Santo fazia-se notar nas Escrituras que

se iam lavrando, e quando os milagres do Êxodo e os de Canaã ainda podiam ser recordados sem a ajuda de qualquer registro. Sim, nesses dias encanecidos, tal preocupação já se fazia coeva. Eis a queixa dos filhos de Coré: "Ouvimos, ó Deus, com os próprios ouvidos: nossos pais nos têm contado o que outrora fizeste, em seus dias (Sl 44.1).

Para o Israel daqueles dias, a pergunta também era teologicamente justificável. Histórica e escrituristicamente, não. Encontravam-se os israelitas na mesma situação em que nos achamos. Sentiam um vazio mui grande e desconfortável. Eles desconheciam, porém, este fato: a geração que mais presenciara os grandes e poderosos feitos de Deus, contra Ele havia murmurado, caindo na apostasia. É o que Judas nos mostrará neste capítulo.

I. A Murmuração Leva o Povo a Retroceder

"A fé olha para frente com ânimo e coragem; a incredulidade olha para trás com murmuração e queixumes". Escritas por W. Wiersbe, estas palavras retratam, com incrível precisão, os israelitas em sua peregrinação à Terra de Promissões.

Poderiam eles ter chegado a Canaã em pouco mais de quarenta dias. Infelizmente, permitiram que a incredulidade lhes aumentasse as distâncias e lhes dilatasse o tempo. A murmuração atrai a incredulidade; a incredulidade chama o pecado; e o pecado, quando concebido, afasta, do povo de Deus, todas as bênçãos, distanciando-nos perigosamente do eterno repouso.

A murmuração não era privilégio da geração que Moisés arrancara ao Egito. Dela, muitos cristãos se apropriaram e não

mais a querem largar; tornou-se-lhes um vício. Ao invés de orar, murmuram. Murmuram, ao invés de clamar. O verbo murmurar, conjugam eles em todos os tempos e modos, não dando a Deus nenhum tempo para que Ele trate as coisas a seu modo.

> *Você clama a Deus ou contra Ele murmura? Suplica-lhe o socorro bem presente na angústia, ou contra Ele rebela-se? A murmuração afasta-lo-á do Senhor. Humildemente, clame a Deus; invoque-lhe o nome. Ele jamais nos deixará sem resposta! Diante das provações, não se conforme com o relatório dos incrédulos; o nosso Deus é especialista em coisas difíceis.*

II. O Relatório dos Incrédulos

Moisés enviara doze espias com a expressa missão de fazer um completo levantamento das potencialidades de Canaã. Deveriam eles verificar se a terra era boa ou ruim, se fértil ou improdutiva, se amuralhada ou desamparada de muros (Nm 13.1-24).

1. O relatório. Dez dos espias, porém, ao invés de se limitarem a cumprir a missão, houveram por bem emitir uma opinião bem pessoal sobre a terra. Entre outras coisas, disseram que, embora fosse a terra juncada por todas as excelências e prodigalidades, lá estavam os gigantes. Por isso, achava-se fora de cogitação a sua conquista (Nm 13.25-33).

É uma tragédia quando o obreiro resolve fazer as coisas por conta própria, desprezando a perspectiva da fé.

Induzida por um relatório desabridamente pessimista, pôs-se toda a congregação a chorar e a murmurar e a lembrar-se

do Egito (Nm 14.1,2). Não é só a fé que vem pelo ouvir; a incredulidade também nos chega pelas orelhas.

2. O ânimo de Josué e Calebe. Todos os 12 sabiam espiar, mas apenas dois podiam avaliar corretamente as coisas. Infelizmente, eram estes a minoria, e não puderam prevalecer sobre a incredulidade da maioria (Nm 14.1-3).

Quem disse ser de Deus a voz do povo? No caso que estamos a considerar, a voz do povo era a incredulidade, a contumácia e a rebeldia. A voz de Deus achava-se com aqueles que já não tinham voz para vencer uma turba agitada e histérica. A maioria tresloucada triunfou sobre uma minoria que, inexpressiva embora, tinha a resposta que poderia ter conduzido a nação à vitória: a perspectiva da fé.

O que havia acontecido àquela geração? Os contemporâneos de Moisés já não se sensibilizavam com os grandes feitos de Deus. Era-lhes algo banal, sem qualquer importância. Antes de entrarmos a fazer outras considerações acerca do fracasso da geração do deserto, vejamos o que é o milagre.

III. O Que É o Milagre

Na versão revista e atualizada da Bíblia de Almeida, a palavra milagre pode ser encontrada pelo menos 23 vezes. Originando-se do vocábulo latino *miraculum,* etimologicamente significa espanto, assombro. Explica-nos Silveira Bueno que a forma portuguesa da palavra surgiu com os antigos cancioneiros. É atribuída à influência dos monges cluniacenses que a trouxeram da França.

Classicamente, o milagre é definido como a suspensão ou derrogação temporária das leis da natureza por uma força so-

brenatural. Mario Ferreira dos Santos aprofunda-se no assunto: "Fato ou acontecimento que ultrapassa a natureza de uma coisa ou de um conjunto de coisas, um fato, em suma, sobrenatural (ou extranatural) e que exige, portanto, para a sua explicação, a aceitação de uma causa eficiente, que não pode pertencer à natureza de nenhuma das coisas finitas, sendo, portanto, atribuído à divindade. Por extensão, e em sentido popular, todo fato extraordinário, para o qual não é encontrada uma explicação satisfatória".

É do professor Maximilian Rast a próxima definição: "O milagre é um acontecimento perceptível e extraordinário que, ultrapassando as forças meramente naturais, tem em Deus seu autor imediato ou mediato. Só recebe o nome de milagre o acontecimento sobrenatural manifesto, perceptível".

IV. Quando o Milagre Torna-se Banal

Não obstante os espantos e as admirações que nos arranca o milagre, pode levar-nos este, se da santíssima fé estivermos desprovidos, à saturação. É extraordinário, mas acabará por viciar-nos os sentidos do corpo e os da alma. Derroga as leis da natureza, terminará, contudo, por induzir-nos a enfadar-nos de suas performances. O milagre abre-nos as portas ao sobrenatural, todavia nem sempre consegue desarraigar-nos das mesmices espirituais. A ocorrência de milagres não denota necessariamente um avivamento; a característica principal deste é o amor ao Filho de Deus. Amamos a Jesus não pelos sinais e maravilhas que Ele opera; amamo-lo pelo sacrifício do Calvário que ousou por todos nós.

Se não tomarmos cuidado, pode o milagre encaminhar-nos até mesmo à incredulidade. Mostre-se embora

paradoxal, essa assertiva é teológica, histórica e biblicamente mais que justificável. É só adentrar os diversos pavilhões do Livro Santo para se lhe comprovar a validade.

No Antigo Testamento, nenhuma geração presenciou tantos milagres como aquela que Moisés arrancara ao cativeiro. Maravilhas no Egito. Prodígios na travessia do mar Vermelho. Sinais e portentos no deserto. Nenhuma outra gente jamais assistira a tantos atos sobrenaturais. O mesmo Deus o testemunha: "Eis que faço uma aliança; diante de todo o teu povo farei maravilhas que nunca se fizeram em toda a terra, nem entre nação alguma: de maneira que todo este povo, em cujo meio tu estás, veja a obra do Senhor; porque cousa terrível é o que faço contigo" (Êx 34.10).

As maravilhas e sinais; os prodígios; enfim, todos os milagres não foram suficientes para erradicar a incredulidade de Israel. Por quarenta anos divagaram os israelitas pelo deserto. Avançavam dunas e areais; regrediam na fé. Embora pisassem remansos, o chão de sua crença jamais perdeu aquela aridificação tão própria das terras do Faraó. E, agora, perto de Canaã, e tão distantes do repouso divino.

Os israelitas já estavam enfadados do sobrenatural.

Quando o maná cobriu pela primeira vez o arraial hebreu, causou espanto. Diante daquela maravilha que nem nome tinha, o povo resolveu colocar uma interrogação como apelido ao singular alimento. *Que é isto?* Era o que todos perguntavam. E assim maná passou a designar o pão dos anjos. Não era propriamente pão; interrogação era. Israel alimentado por uma pergunta que jamais seria respondida! Pode haver maravilha maior? Contudo, o objetivo de Deus não era matar a curiosidade de Israel; mitigar-lhe a fome era o seu desígnio.

Que é isto?

No primeiro dia, milagre. No segundo, ainda maravilha. No terceiro, não deixava de causar espécie. Mas os dias se passaram e fizeram-se semanas. Estas acharam-se em meses. E, agora, o maná já serve de tropeço em Israel. O que era milagre, agora cansa Israel. Agora enfastia Israel. Ainda é maná. É ainda uma pergunta. Uma interrogação que não obteve resposta. E mesmo não elucidada, já não é sensação. E por causa desse milagre que se fez rotina às portas hebréias, Israel murmura. E, amargamente, murmura: "Agora, porém, seca-se a nossa alma, e nenhuma cousa vemos senão este maná" (Nm 11.6).

Nessa queixa dos hebreus, não vemos apenas incredulidade. Há de se divisar aquela amargura tão própria de quem já se fez indiferente ao extraordinário. Tantos eram os milagres, que eles já não suportavam o sobrenatural. Pois a primeira coisa que viam, tão logo descerravam as tendas, era justamente o milagre.

Sim, o milagre estava lá!

Tudo branco. O pão dos anjos caía de madrugada, orvalhava o deserto e tornava ameno o arenal. Mesmo assim, o povo enfadara-se do milagre; não demoraria muito e haveria de cair na apostasia. Sem o perceber, deixava Israel o plano sobrenatural para resvalar-se para o natural.

V. Em Busca do Natural

Israel, agora, almeja pelo natural. Já anseia pela opressão do Egito: "Lembramo-nos dos peixes que no Egito comíamos de graça; dos pepinos, dos melões, dos alhos silvestres, das cebolas e dos alhos" (Nm 11.5).

Como se pode desejar mais a opressão que os milagres? Mais a escravidão que as maravilhas do Senhor? Assim acontecia, assim acontece. Os sentidos de Israel já se achavam embotados pelo sobrenatural; pelos milagres contínuos, embotados.

A semelhança dos filhos de Israel, vemo-nos também saturados de milagres. Embora perguntemos por estes, tememo-los: eles trazem a glória de Deus. E nem sempre estamos preparados a aproximar-nos do fumegante Sinai.

Se o povo de Deus já se acha cansado dos milagres, e se do sobrenatural já se encontra enfadado, o que isso vem a demonstrar? A incredulidade! Não obstante o sobrenatural, o povo continua a lembrar-se do mundo como se este lhe fosse mais atrativo. Era a situação de Israel em sua peregrinação pelo Sinai. Vejamos, pois, quais as evidências da incredulidade na vida daqueles hebreus.

VI. As Evidências da Incredulidade

Não é só a fé que é demonstrada por evidências (Hb 11.1). A incredulidade também é reconhecida por suas obras. Vejamos algumas destas.

1. Murmuração. Diz o texto sagrado que, diante do relatório apresentado pelos espias, "todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e contra Arão" (Nm 14.2). No original hebraico, o verbo murmurar encerra uma grave acepção: *lûn*, além de murmurar, significa também rebelar-se. A murmuração dos israelitas contra Moisés e Arão, era, na verdade, uma rebelião contra o próprio Deus.

Israel havia caído na apostasia. Não era um mero tropeço espiritual, ou um incidente de menor importância em sua jor-

nada a Canaã; era uma rebelião declarada contra o Grande Eu Sou que os arrancara com poderosa mão do Egito.

2. **A apostasia.** Não bastasse a murmuração, que já era grave, os israelitas deixam-se arrastar pela apostasia: "E diziam uns aos outros: Levantemos um capitão e voltemos ao Egito" (Nm 14.4).

Durante a sua caminhada pelo deserto, Israel vivia a levantar substitutos a Deus. No monte Sinai, um bezerro de ouro; nas imediações de Canaã, um capitão; nas campinas de Moabe, Baal-Peor. Assim agem muitos cristãos que, ao sentirem comichões nos ouvidos, procuram mestres de acordo com as suas concupiscências (2 Tm 4.3).

Israel, agora, busca um capitão que os reconduza ao Egito. O original hebraico não diz propriamente capitão, mas *rosh*: cabeça. Isso significa que, se tentarmos substituir a Cristo como o nosso cabeça, cairemos na mesma apostasia; Ele é o cabeça da Igreja (Ef 5.23).

3. **Rebeldia contra o ministério.** Diante de toda aquela murmuração, levantam-se Josué e Cabele, buscando demover os israelitas de sua insanidade. Estes, porém, tentam apedrejá-los; rejeitam-lhes a palavra. Não se deixam convencer nem pela manifestação da glória de Deus (Nm 14.10).

Como é triste a rebelião na casa de Deus! Se os pastores não são acatados, como ficarão as ovelhas? Se os evangelistas não são respeitados, como se haverá de expandir o Reino dos Céus? Se os presbíteros não são honrados, como consolar o rebanho? Se os diáconos forem desconsiderados, como se poderá manter a ordem entre os santos?

Pobres israelitas! Enfadaram-se dos feitos de Deus; cansaram-se do sobrenatural; amedrontaram-se ante os frontões

de Canaã, e diante dos gigantes acovardaram-se; deram asas à incredulidade até que se lhes cristalizasse a apostasia no coração. Sua atitude, contudo, não ficaria impune. Não estavam eles rebelando-se contra Moisés, ou contra os dois espias; rebelavam-se contra o mesmo Deus. Quão pesadas conseqüências haveriam de cair sobre si. Teriam de aprender que de Deus não se escarnece.

VII. As Conseqüências da Incredulidade

Devido à sua incredulidade, os israelitas seriam obrigados a suportar o insuportável. As conseqüências de sua apostasia diziam respeito tanto ao tempo quanto ao espaço. Sofreriam, doravante, irresistível oposição de Deus.

I. Conseqüência quanto ao tempo. Tivessem acreditado em Deus, poderiam os israelitas ter entrado na Terra de Promissões em pouco mais de quarenta dias. Todavia, a incredulidade dilatar-lhes-á o tempo de peregrinação: "Segundo o número dos dias em que espiastes esta terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniqüidades quarenta anos e conhecereis o meu afastamento" (Nm 14.34).

Quão dura é esta palavra!

> *Enquanto você murmurar, mais afastado estará da bênção por que tanto almeja. Seja paciente! Espere em Deus; dê tempo ao tempo de Deus. Quanto mais murmuração, mais os dias de sua provação transformar-se-ão em anos que se desdobrarão em eternidades.*

2. Conseqüência quanto ao espaço. Já estavam os israelitas nos frontões de Canaã. Era só atravessar o Jordão, e tomar posse de sua herança. Mas por causa de seu pecado, terão de voltear todo o Sinai, a fim de que Deus, nos quarenta anos por vir, trabalhe a nova geração.

A geração anterior fora arrancada do Egito, mas não conseguiu arrancar de si o Egito. Com a nova haveria de ser diferente: teria de viver com os olhos fixos em Canaã, e com o coração voltado ao Deus do Êxodo.

> *Se você anda a descrever círculos em sua caminhada, é porque, em algum momento, provocou a Deus com as suas murmurações. Arrependa-se. E o Senhor, em sua infinita misericórdia, conduzi-lo-á ao refrigério tão esperado.*

3. A morte no deserto. Falaram os israelitas tanto em morte, que acabaram por atraí-la a si: "Neste deserto cairá o vosso cadáver, como também todos os que de vós foram contados segundo toda a vossa conta, de vinte anos para cima, os que dentre vós contra mim murmurastes" (Nm 14.29).

A geração que mais presenciara os poderosos feitos de Deus, estava para cair nas inclemências do deserto. Morreriam aos poucos, e aos poucos seriam sepultados em sua incredulidade.

4. A advertência de Judas. Ouçamos o apóstolo: "Mas quero lembrar-vos, como a quem já uma vez soube isto, que, havendo o Senhor salvo um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram" (Jd 1.5). Que esta advertência jamais seja esquecida daqueles que lutam por entrar na Jerusalém Celeste! Judas escreveu sua epístola a fim de que jamais nos esqueçamos das lições do passado. Caso contrário,

deixar-nos-emos comprometer no presente pela incredulidade, que acabará por tirar-nos todo o porvir ao lado de Deus. O ser humano tem a tendência de esquecer-se das advertências divinas com uma certa facilidade. O Espírito Santo, porém, que nos enviou o Senhor Jesus, far-nos-á lembrar de todas as coisas. Se agirmos como a geração do deserto, também seremos proibidos de entrar no descanso que nos preparou Deus.

5. A proibição de se entrar na Terra de Promissões. A palavra do Senhor aos israelitas é irretorquível e inapelável: "Não entrareis na terra" (Nm 14.30). Interpretando esta passagem à luz da Nova Aliança, diz o autor da Epístola aos Hebreus que a terra de Israel simbolizava o descanso que Deus, através de Cristo Jesus, nos estava preparando (Hb 3.7). A advertência do autor sagrado é grave. Denota claramente que muitos crentes estão colocando em perigo a sua salvação por causa de rebeliões e apostasias. Se não se arrependerem, serão alijados da Jerusalém Celeste em conseqüência da incredulidade!

6. O afastamento de Deus. Estava por vir, no entanto, a pior de todas as conseqüências: "...conhecereis o meu afastamento" (Nm 14.34). A expressão hebraica é carregada de advertências: *tenuâ* não significa apenas afastamento, mas principalmente oposição. O próprio Deus se havia colocado como opositor de seu povo. O que poderia fazer Israel? O que poderemos nós fazer se o próprio Deus pelejar contra nós?

Conclusão

É hora de crer! É hora de viver pela fé! Por que imitar a geração que, apesar de tantos e singulares privilégios, acabou

por cair em pleno deserto, e não pôde adentrar a Terra de Promissões?

Como está a sua fé? É natural ou tem as dimensões da Palavra de Deus? Muitos serão alijados da Jerusalém Celeste por causa de suas rebeliões, apostasias e incredulidades. Nós, porém, aguardamos a manifestação de Cristo Jesus que nos levará a desfrutar de tudo aquilo que Deus, em seu inefável amor, preparou aos seus amados filhos.

Capítulo 7

A Rebelião dos Anjos

E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande Dia (Jd 6).

Introdução

"Ambição graciosa é desejar ser como o Santíssimo, pois Ele mesmo nos ordena: 'Sede santos, porque eu sou santo'. Todavia, é pecaminosa ambição aspirar ser igual ao Altíssimo, porque Ele disse: 'O que se exalta será humilhado'".

Tão piedoso comentário partiu de um experimentado e erudito pastor do século XVII. Nesse texto, Matthew Henry discorre acerca do 14º capítulo de Isaías, onde o profeta mostra a rebelião do ungido querubim nas regiões celestiais. Segundo diz aqui Henry, e com ele concordamos plenamente, tanto os anjos quanto os homens, deveríamos almejar

uma única coisa: ser tão santos quanto Deus. Houve, porém, uma parte das legiões celestes que, desprezando-lhe o atributo da santidade, almejou-lhe as prerrogativas que só Ele pode ter. São estes os anjos que, conforme escreveu o apóstolo Judas, "...não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação" (Jd 6).

Tem você perseguido o ideal de uma vida santa? Ou já se conformou com uma vida mundana e vazia de Deus? Deseja realmente ser santo? Em primeiro lugar, submeta-se a Cristo Jesus, reconhecendo-lhe a soberania sobre toda a sua vida. Não imite aqueles anjos que, embora poderosos em glória, desconheceram a glória do Senhor da glória. Mas, à semelhança dos sefarins vistos pelo profeta, não cesse de clamar: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos!

I. Quem são os Anjos

Tomás de Aquino, o grande teólogo do século XIII, sintetizou admiravelmente a doutrina bíblica dos anjos: "Os anjos são mensageiros e ministros. A função deles é executar o plano da providência divina, até mesmo nas coisas terrenas". À semelhança dos homens, são eles criaturas morais e dotadas de livre-arbítrio. No Apocalipse, apresentam-se como nossos conservos (Ap 22.9).

João Calvino assim delineia a função dos seres angelicais: "Os anjos são os despenseiros e administradores da beneficência divina para conosco".

Buscássemos outras definições, achá-las-íamos nos mais variegados compêndios; não há teólogo que se não preocupe

em pesquisar e discorrer sobre a angelologia. Aliás, não são apenas os teólogos que se interessam pelos anjos; os escritores seculares também deles se ocupam. Haja vista os roteiros de filmes e seriados, cujos protagonistas são pretensos anjos. E as músicas neles inspiradas? No exato momento em que escrevo este tópico, ouço uma canção, enfocando a assistência dos seres angelicais na casa de Deus. Ora, se tão importantes são eles, é mister que lhes conheçamos a natureza e a função.

1. Criados por Deus. Segundo lemos nos Salmos, assim vieram os anjos chamados a existir: "Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus; e todo o exército deles, pelo espírito da sua boca" (Sl 33.6). Como não se reproduzem sexualmente, o número de suas hostes mantém-se inalterado desde que chamados à vida (Dn 7.10; Lc 20.34).

2. Organizados em legiões. Exércitos de Deus, acham-se os anjos organizados em legiões, compreendendo uma perfeitíssima hierarquia militar (Mt 26.53; Cl 1.16). Eis por que, no Antigo Testamento, é o Todo-Poderoso conhecido como o Senhor dos Exércitos (Jr 50.34).

3. A missão dos anjos. Das Sagradas Escrituras, depreendemos serem duas as missões dos anjos:

• **Adorar a Deus.** Os serafins vistos por Isaías clamavam noite e dia: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos (Is 6.3). Os anjos são instados pelo salmista a louvar e a magnificar a Deus (Sl 103).

• **Proteger os santos.** Escreve o autor da Epístola aos Hebreus serem os anjos espíritos ministradores nomeados para estarem a serviço daqueles que hão de herdar a vida eterna (Hb 1.14).

Somos gratos a Deus pela intervenção dos anjos na história da humanidade. Têm eles auxiliado os santos, sustenta-

do os missionários e evangelistas; têm eles frustrado as armadilhas que nos armam os adversários e assistido os peregrinos do Senhor nas mais adversas situações.

4. O caráter dos anjos. Excetuando os que se rebelaram contra Deus, têm os anjos um caráter essencialmente bom. São eles qualificados de santos e eleitos (Mt 25.31; 1Tm 5.21). Obedientes, cumprem rigorosamente as ordens que lhes dá o Senhor dos Exércitos (Mt 6.10). Ao prelecionar sobre essa singular característica dos anjos, Andrew Bonnar é teologicamente lapidar: "Os anjos nunca serão reis. Sempre serão servos".

No entanto, conforme entraremos a ver no tópico seguinte, uma parte dos exércitos celestes, apequenando a glória de Deus, contra o Soberano Senhor se revolta, caindo na apostasia.

II. A Apostasia dos Anjos

Dá-se a apostasia quando a criatura, voluntária e declaradamente, rebela-se contra o seu Criador. Assim aconteceu nas regiões celestes. Com incrível exatidão, Judas mostra que a apostasia de Satanás e seus anjos constituiu-se de dois pecados básicos.

1. Eles não guardaram o seu principado. Ao invés de se manterem fiéis às instruções que lhes foram prescritas pelo Senhor, contra Ele se rebelaram, abandonando suas posições (Jd 6). O que vem a significar a expressão: "E aos anjos que não guardaram o seu principado"? No original, a expressão: *mé terésantas tén eauton archén*, parece reproduzir um vocabulário militar e nobiliárquico.

O vocábulo *terésantas* remete-nos ao mister do antigo vigilante grego: guardar, proteger e manter afastados os intrusos;

nessa posição, haviam também de prestar as devidas honras aos superiores. Dessa passagem, inferimos estarem os anjos, quais soldados engalanados, em postos de elevadíssima honra, a fim de magnificar a glória do Criador. Eles, porém, abrindo guarida ao ungido querubim, abandonaram seus postos. A palavra *archén* significa não apenas principado, mas também preeminência, ofício e autoridade.

Os tais anjos são, irrecorrivelmente, condenados por deserção. Agiram como os soldados que, ignorando as ordens de seus superiores e não emprestando ligança alguma à urgência da batalha, abandonam seus postos. Num exército terreno, seriam eles enviados à corte marcial, e sumariamente executados.

Como seria triste se os obreiros de Cristo desertarem de seus postos! (2 Tm 2.4) Se o pastor descurar das ovelhas, o que será do rebanho? Se o evangelista não pregar as Boas Novas, o que acontecerá aos perdidos? Se o presbítero não consolar e não mais administrar os meios da graça, como serão restauradas as pobres almas por quem Cristo morreu? Se os diáconos deixarem de lado o serviço, como ficará a mesa do Senhor?

Os anjos rebeldes, porém, tudo abandonaram; inominável lhes foi a apostasia. Estavam no céu, e nenhum valor deram ao céu; eram os guardiões da glória de Deus, e a menosprezaram; detinham principados e subidos ofícios, e tudo desampararam para seguir a um ente que haveria de ser conhecido como o príncipe das trevas.

A história da rebelião de Lúcifer é admiravelmente retratada por Isaías e Ezequiel. Isaías, utilizando-se da lei da dupla referência profética, ao condenar o orgulho do príncipe babilônico, lança um poderoso repto contra Satanás:

"Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, e, acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono, e, no monte da congregação, me assentarei, da banda dos lados do Norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo. E, contudo, levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo. Os que te virem te contemplarão, considerar-te-ão e dirão: É este o varão que fazia estremecer a terra e que fazia tremer os reinos? Que punha o mundo como um deserto e assolava as suas cidades? Que a seus cativos não deixava ir soltos para a casa deles? Todos os reis das nações, todos eles, jazem com honra, cada um na sua casa. Mas tu és lançado da tua sepultura, como um renovo abominável, como uma veste de mortos atravessados à espada, como os que descem ao covil de pedras, como corpo morto e pisado. Com eles não te reunirás na sepultura, porque destruíste a tua terra e mataste o teu povo; a descendência dos malignos não será nomeada para sempre. Preparai a matança para os filhos, por causa da maldade de seus pais, para que não se levantem, e possuam a terra, e encham o mundo de cidades. Porque me levantarei contra eles, diz o SENHOR dos Exércitos, e desarraigarei da Babilônia o nome, e os resíduos, e o filho, e o neto, diz o SENHOR. E reduzi-la-ei na possessão de corujas e a lagoas de águas; e varrê-la-ei com vassoura de perdição, diz o SENHOR dos Exércitos" (Is 14.14-22).

Através da mesma lei da revelação profética, o profeta Ezequiel, em seu protesto contra o orgulhoso Etbaal II, rei de Tiro, assim condena o ungido querubim:

"Veio mais a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro e

dize-lhe: Assim diz o Senhor JEOVÁ: Tu és o aferidor da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Estavas no Éden, jardim de Deus; toda pedra preciosa era a tua cobertura: a sardônia, o topázio, o diamante, a turqueza, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo, a esmeralda e o ouro; a obra dos teus tambores e dos teus pífaros estava em ti; no dia em que foste criado, foram preparados. Tu eras querubim ungido para proteger, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniqüidade em ti. Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim protetor, entre pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. Pela multidão das tuas iniqüidades, pela injustiça do teu comércio, profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu a ti, e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te vêem. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; em grande espanto te tornaste e nunca mais serás para sempre" (Ez 28.11-19).

2. Abandonaram a própria habitação. Já rebelados contra o Senhor, abandonam a própria habitação para seguir ao ungido querubim que, consumido pelo orgulho, não esconde o seu intento: "Eu subirei ao céu, e, acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono, e, no monte da congregação, me assentarei, da banda dos lados do Norte" (Is 14.13).

Eles abandonaram o lugar da própria habitação! O verbo

abandonar no grego – *apoleipo* – carrega este significado: deixar, desertar, abandonar. Estava o Todo-Poderoso, pois, a lidar com soldados desertores. Como toleraria o Senhor dos Exércitos semelhante indisciplina?

O que os tais anjos abandonaram? O lugar de sua habitação: *oiketérion*. O termo remete-nos não somente a uma habitação, mas a um lugar onde um ofício é exercido. Era um posto, no qual deveriam os anjos estar de prontidão para saudar a autoridade máxima do Universo.

Ao visitar Brasília, fiquei admirado pela forma com que o dragão da independência guarnecia o seu posto. Completamente imóvel e atento, não podia descuidar-se, pois a qualquer momento chegaria o presidente a quem teria de prestar as honrarias protocolares. E se aquele dragão abandonasse o posto? Se viesse a distrair-se e não se apercebesse da chegada do chefe da nação?

Muitos são que, contaminados pelo orgulho, abandonam a sua posição na Obra de Deus, e aventuram-se por aí em busca de cargos e *status*. Pobres miseráveis! Serão precipitados de seus postos como o foram o diabo e os seus anjos!

> *Não se esqueça da recomendação do apóstolo (Hb 10.25). Espere em Deus. Não se precipite. Por que imitar os anjos maus? Não foram todos eles severamente castigados pelo Altíssimo? Quem se exalta será humilhado. Quem se humilha será exaltado. Humilhe-se, pois, sob a potente mão de Deus; a seu tempo, Ele o exaltará.*

III. O Castigo dos Anjos que Deixaram a sua Habitação

Em sua tresloucada rebelião, pensavam aqueles anjos estivesse o Senhor dos Exércitos alheio ao que se passava. Mas sem que o soubessem, estavam sendo provados quanto ao seu arbítrio. Surpreendidos em sua apostasia, teriam, agora, de arcar com a pena que lhes requeria o pecado.

1. Foram encerrados em prisões eternas. Devido à sua alta periculosidade, foram os anjos rebeldes imediatamente encerrados em prisões eternas. O original grego é grave em sua acepção: *desmóis aidíois*. A expressão descreve prisões espirituais especialmente projetadas, a fim de conter os que, em conseqüência de sua apostasia, tornaram-se incontroláveis.

Se foram presos os anjos maus, por que o seu chefe apareceria livre no Éden para enganar Adão e Eva? Por que se mostraria livre para induzir Davi ao pecado, e incitar o Senhor contra o piedoso Jó? Por que surgiria no deserto para tentar a Cristo? Por que teria ele os ares como habitação, e não as prisões de que fala Judas? E por que a sua prisão somente será decretada no final dos tempos? A Palavra de Deus não se ocupa com tais assuntos. Se a Bíblia se cala, como haveríamos de ter voz? Todavia, permitam-me algumas ilações.

Na Grande Tribulação, entes poderosíssimos serão liberados para atormentar os que se recusam a crer no Cristo de Deus (Ap 9.1,2). Serão os mesmos seres angélicos? Sei que não devo especular. Infiramos um pouco mais. Acredito que os anjos encerrados na prisão faziam parte de uma elevadíssima categoria que, mesmo caída, conservava seus extraordinários poderes. E caso não fossem detidos, por-se-iam a destruir tudo quanto Deus criara. Por isso, encerrou-os o Senhor em cárceres especiais.

O mais importante aqui não é o mistério, e, sim, a advertência. Se não formos fiéis a Deus, seremos também lançados em cadeias eternas (Jd 6).

2. O juízo do grande dia. Além de estarem encerrados em prisões eternas, serão os anjos rebeldes submetidos ao julgamento do Grande Dia (Jd 6). E haverão de ser lançados no lago de fogo juntamente com Satanás. Também serão citados todos os seres humanos que, desprezando o Evangelho, preferiram viver como se não houvera Deus (Ap 21.8).

IV. Advertências que não Podem Ser Ignoradas

Do episódio referido por Judas, atentemos para algumas preciosas lições, a fim de que não caiamos na condenação do diabo.

1. Não podemos rejeitar a autoridade de Deus. Acatemos não somente o Supremo Deus como também aos que Ele designou como autoridade: o ministério da igreja (Ef 4.8-11; Hb 13.17); os pais (Cl 3.20); os patrões (Cl 3.22) e as autoridades legitimamente constituídas (Rm 13.1-5).

Não são poucas as ovelhas que, rebelando-se contra os pastores, desculpam-se como os coríntios: "Eu sou de Cristo". São os piores crentes; mostram não estarem dispostos a acatar a nenhum ministério ordenado por Nosso Senhor. Sem o saber, deixam o seu principado para imitar ao príncipe das trevas.

Infelizmente, até mesmo alguns obreiros assim agem. Ignorando o ministério local e menoscabando as autoridades convencionais, julgam-se acima do bem e do mal. Não querem prestar contas a ninguém. E, desse modo, vão precipitando-se na condenação do adversário (I Tm 3.6).

Que os obreiros jamais nos esqueçamos de prestar contas de nosso ministério, de nossa vida particular e de nossas devoções. Os que ignoram esse princípio, acham-se à beira do abismo. Se você quer saber quantas conseqüências acarreta a soberba, leia *O Orgulho Fatal* de Richard Dortch. Este pastor americano, como se tornasse uma das maiores celebridades do mundo evangélico, presumiu achar-se acima de qualquer autoridade. A mão de Deus, todavia, começou a pesar sobre ele. A despeito de toda a sua nomeada, viu-se constrangido a cumprir pena numa prisão federal. Mas aqui, entre os piores vilões dos Estados Unidos, veio a reconhecer que os céus reinam. Hoje, o irmão Dortch dedica-se a fazer conferências, alertando os obreiros a jamais abandonar a posição onde foram postos pelo Senhor Deus.

> *Você foi chamado para ser atalaia? Permaneça em sua posição (Ez 33.6). Foi designado para estar na torre? Vigie e não deixe que o inimigo invada o arraial dos santos (Jr 6.27). Foi santificado para ser mensageiro do Senhor? Cumpra a sua missão; não se furte à verdade (Ez 2.5).*
>
> *Não imite aqueles anjos que, desdenhando de sua posição, rebelaram-se contra o Senhor. Não saia por aí à cata de ordenações e credenciais. Que a sua ordenação seja o amor sacrificial e desinteressado ao Senhor Jesus. E se deseja credenciais, busque ter uma vida poderosa em Deus (2 Co 12.12 ARA).*
>
> *No devido tempo, segundo a economia divina, tudo lhe virá às mãos. Por que apressar o tempo de Deus? O tempo de Deus sabe dar tempo ao tempo, ao passo que o nosso tira do tempo toda a oportunidade. Além do*

mais, o que se rebela, além de cair na tentação do diabo, comete o pecado de feitiçaria.

2. A condenação do diabo. O que isto significa? Alistando as indispensáveis qualificações para o ministério cristão, recomenda Paulo: "não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça, e incorra na condenação do diabo" (1Tm 3.6, ARA).

O termo grego *neóphutos* denota alguém recém-plantado no solo da fé. Na Grécia, era a palavra usada para designar as plantas que ainda eram objeto de intensos cuidados, até que viessem a radicar-se, enflorar e a frutificar. Assim é o novo convertido.

Em nossas igrejas, temos assistido a um triste espetáculo. Os que gozam de fama e prestígio no mundo secular, tão logo se declaram convertidos, põem-se a ensinar à congregação e até aos obreiros. Fazem campanhas, montam seus ministérios, e saem, quais ambulantes orientais, a mercadejar a fé. A maioria deles jamais apresentou qualquer evidência do novo nascimento; ei-los, porém, a se apossarem de nossos púlpitos, cátedras e magistérios. Fossem eles biblicamente discipulados, haveriam certamente de crescer na graça e no conhecimento de Nosso Senhor.

Deus não é contra os neófitos. Ele só não os quer transformados em demônios. Aos convertidos famosos, dispensemos os mesmos cuidados que prescrevemos aos demais pecadores que aceitam a fé. Deus não faz acepção de pessoas. Os excessos e bajulações acabarão por levar as pobres almas ao inferno.

O caso do atentado ao presidente norte-americano Abraham Lincoln elucida bem o que estamos dizendo. O médico de

Lincoln, ao invés de dispensar-lhe os cuidados que prescreveria a um paciente comum, usou de expedientes que contrariavam todos os cânones da medicina. Em vez de estancar-lhe a hemorragia do crânio, tentou extrair-lhe o projétil que se alojara no cérebro. Assim procedendo, empurrava ainda mais a bala, tirando ao paciente todas as chances de sobrevivência.

O mesmo já não aconteceria com o presidente Ronald Reagan. Vítima de um atentado em Washington, foi ele levado a um hospital público onde o trataram como se fora um paciente comum. Assim, pode o estadista resistir aos ferimentos que, noutra circunstância, ser-lhe-iam fatais.

Que tratamento encontramo-nos a dispensar aos novos convertidos? Somos fazedores de discípulos ou criadores de demônios? Estamos gerando novas criaturas ou novos diabos? Se os conversos estão a incorrer na condenação de Satanás, como nos haveremos diante do Tribunal de Cristo? Os bebês espirituais necessitam de pediatras, não de publicitários.

3. O pecado de feitiçaria. Sempre que alguém se rebela contra Deus e contra a sua Palavra, comete o pecado da feitiçaria. Saul não procedeu assim ao ignorar as recomendações de Samuel? Ao invés de obedecer, resolveu sacrificar ao Senhor. O que são, porém, os sacrifícios sem a obediência? Magia e culto exótico; perdem todo o sentido; esvaziam-se de toda a piedade. Eis a advertência do profeta Samuel: "Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniqüidade e idolatria. Porquanto tu rejeitaste a palavra do SENHOR, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei" (I Sm 15.23).

Discorrendo sobre essa passagem do Livro Sagrado, Mathew Henry é irretorquível: "O coração carnal e enganoso

como o de Saul, pensa estar liberado da observância dos mandamentos de Deus por aquilo que pensam eles estar oferecendo a Deus. Não é fácil convencer os filhos da desobediência. Mas a obediência humilde, sincera e consciente à vontade de Deus é-lhe mais agradável e prazenteira do que todos os holocaustos e sacrifícios. É muito mais fácil levar um boi ou um cordeiro para ser queimado sobre o altar, que levar cativo cada pensamento altivo à obediência de Deus, e submeter a nossa vontade à sua. São ineptos e indignos de governar os homens os que não estão dispostos a se submeter ao domínio de Deus".

O primeiro feiticeiro do Universo foi o ungido querubim. Muitos imitaram-lhe o gesto: nossos pais, no Éden; Israel, no deserto; Ananias e Safira, na Primitiva Igreja. Não são poucos também os obreiros que, rebelando-se contra Deus, agem como os anjos caídos. De nada lhes adianta o culto; de nada lhes serve a adoração. Se obedientes, não haveriam de necessitar de tantos rituais; rebelados, contudo, todos os rituais não lhes bastam para arrancar-lhes as almas do inferno.

Conclusão

Que belíssimo exemplo deixou-nos o Senhor Jesus! Embora criador de tudo quanto existe, e apesar de ser igual a Deus em todas as bondades e grandezas, agiu como se fora o mais indigno dos homens. Ele humilhou-se até à morte e morte de cruz (Fp 2.1-11).

Este é o exemplo que temos de seguir! Sejamos humildes. Curvemo-nos aos pés de Cristo. E jamais deixemos a posição que Ele, em sua infinita misericórdia, conferiu-nos.

Capítulo 8

A Abominação de Sodoma e Gomorra

Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago (Jd 1a).

Introdução

Assisti a um debate, certa vez, que me fez corar de vergonha. De um lado, um dos maiores especialistas em Bíblia de nosso país. Do outro, um militar que, embora mui ilustrado, parecia não ter a mesma intimidade com o Livro dos livros. Para iniciar a discussão, o mediador perguntou-lhes:

— Afinal, a Bíblia condena, ou não, o homossexualismo?

Ostentando seu doutorado, e exibindo as cátedras das quais era titular, respondeu o teólogo:

— Não! A Bíblia, em parte alguma, condena o homossexualismo.

Sua resposta causou surpresa. Afinal, se a Palavra de Deus não condena tal pecado, por que iríamos nós censurar o pecador?

O militar, por seu turno, abriu a Bíblia, e pôs-se a citar várias passagens que, de maneira clara e mais do que explícita, condenam a iniqüidade de Sodoma. Quanto ao teólogo, pobre e confundido teólogo! Mais parecia um embaixador de Gomorra do que um ministro de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O que diria Judas tivesse participado daquele debate? Tomando como exemplo as impenitentes Sodoma e Gomorra, condenaria a dissolução daqueles que, apesar da aparência de piedade, levam uma vida dissoluta e desregrada como se Deus não existisse.

> *Tem você vivido uma vida santa e irrepreensível? Ou acha que as demandas da Palavra de Deus já não têm importância? O Deus que destruiu Sodoma e Gomorra não mudou. Sua ordem ainda é: "Sede santos porque eu sou santo".*

I. As Impenitentes Sodoma e Gomorra

Sodoma e Gomorra haviam alcançado um admirável progresso social, cultural e tecnológico. De nada se ressentiam. Havia fartura e prosperidade em seus termos, conforme atesta o profeta: "Eis que esta foi a maldade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e abundância de ociosidade teve ela e suas filhas; mas nunca esforçou a mão do pobre e do necessitado" (Ez 16.49).

Assemelhavam-se elas a alguns países que, enquanto pobres e atribulados, buscavam a Deus, implorando-lhe por um avivamento espiritual. Vindo-lhes, porém, o refrigério, esqueceram-se mui rapidamente das beneficências do Senhor, passando a viver como as mais promíscuas das sociedades. Haja vista a Escandinávia.

Um amigo esteve, certa feita, na Suécia, e voltou escandalizado com o que lá testemunhou. O país, que no século XIX, muito contribuíra para o despertamento pentecostal, achava-se agora entregue aos mais vergonhosos vícios. As igrejas encontravam-se vazias como vazias as vidas de seus membros. Os pastores, constrangidos, eram obrigados a dar guarida às abominações que, no Antigo Testamento, foram a causa da queda de Israel e Judá. O homossexualismo é tolerado inclusive na casa de Deus. E as drogas? E a indústria da pornografia? E os divórcios que, a passos largos, vêm destruindo a família?

A iniqüidade, porém, não se acha circunscrita à Escandinávia. Os Estados Unidos, que já foram uma potência missionária, mergulham em graves problemas morais e espirituais. Durante o governo de Bill Clinton, a filha de Billy Grahan, a destemida e ousada Anne Lotz, foi convidada a visitar a Casa Branca. E aqui, em meio a líderes de diversas religiões, afirmou que o problema da nação americana é espiritual e moral. E se os americanos não se voltarem aos princípios bíblicos, nenhuma esperança lhes restará. Os ataques terroristas sofridos pelos americanos, em 11 de setembro de 2001, vieram demonstrar que a irmã Anne estava correta em sua avaliação.

Você tem mostrado a esta geração a necessidade de se ter uma vida santa e irrepreensível? Você é uma voz profética; não se cale diante da iniqüidade.

I. A localização de Sodoma e Gomorra. Juntamente com Admá, Zeboim, Zoar e Gomorra, a cidade de Sodoma fazia parte da famosa Pentápolis, ou região das cinco metrópolis. Não havia lugares mais impenitentes nem mais abomináveis.

Localizadas nas aprazíveis campinas do Jordão, circundavam elas o mar Morto. Informa o autor sagrado que Sodoma e Gomorra eram tão belas e magníficas que em nada diferiam do Jardim do Senhor (Gn 13.10). Foi para essa região que imigrou o piedoso Ló. Posto que sobrinho de Abraão, não aprendera como este a andar pela fé.

2. A terra que Ló escolheu como lar. Apesar de todo o esplendor de Sodoma e Gomorra, o patriarca Ló jamais encontraria refrigério para a sua alma naquelas imensas e verdejantes paragens. E não precisou de muito tempo para descobrir: achava-se ele no lugar mais miserável e pecaminoso da terra.

> *Não se deixe contaminar pelos esplendores deste mundo. Eis que tudo passará. Mas aquele que ama a Deus permanece para sempre. Nossa cidade é a Jerusalém Celestial.*

II. Os Pecados de Sodoma e Gomorra

João Crisóstomo afirmou certa vez: "Pecar é humano, mas perseverar no pecado é diabólico". As palavras do grande doutor da Igreja Oriental, aplicadas a Sodoma, revelam não somente uma cidade diabólica, mas uma metrópole arquitetada no próprio inferno.

O autor sagrado assim descreve os sodomitas: "Ora, eram maus os varões de Sodoma e grandes pecadores contra o SENHOR" (Gn 13.13). O original hebraico é mui significativo: *Ve anashei Sedom raim ve hataim la Yahweh Meod.* Fôssemos traduzir mais livremente o referido versículo, usaríamos as seguintes palavras: "E os homens de Sodoma eram perversos e excessi-

vamente pecadores diante do Senhor". André Chouraqui assim traduz esta passagem: "Mas os homens de Sedôm são maus, muitos são os seus pecados contra Adonai".

Sodoma e Gomorra fizeram-se notórias como as cidades do homossexualismo. Do texto sagrado, inferimos que toda essa região achava-se tomada por todos os vícios, desregramentos e animalidades. Não havia nesses termos dez justos sequer; se os houvesse, não teria o Senhor destruído a cidade. Como essa gente chegou a um nível tão baixo, se a memória do dilúvio ainda se achava viva? De acordo com algumas cronologias, ainda estavam vivas algumas testemunhas oculares do cataclismo universal. Ainda era possível ouvir a narrativa do castigo de Deus sobre a primeira civilização dos lábios de Sem, Cam e Jafé. Aliás, segundo alguns intérpretes, o sodomitas ainda chegaram a ter a Noé como contemporâneo.

De igual modo, tem a nossa geração muitos testemunhos a considerar. Se hoje os indícios do dilúvio já estão quase extintos; se os vestígios de Sodoma e Gomorra já não mais existem; se os testemunhos da destruição de cidades impenitentes como Nínive, Babilônia, Atenas e Roma já não possuem a mesma eloqüência; temos, por outro lado, muitos fatos que estão a patentear-nos ser a justiça de Deus imutável. O Titanic não foi a pique em conseqüência de sua soberba? E o dirigível Zepelin considerado um bordel voador? E os castigos que se têm abatido sobre a impenitente San Francisco, nos Estados Unidos, tida como a capital das perversões sexuais?

I. **O homossexualismo.** No exato momento em que escrevo este capítulo, o parlamento brasileiro discute, acirrada e apaixonadamente, a regulamentação da união civil entre pessoas

do mesmo sexo. Não são poucas nem débeis as vozes que se têm levantado em defesa desse instituto que contraria frontalmente a Bíblia Sagrada. Entre os seus apologistas, encontram-se, desgraçadamente, até mesmo teólogos e renomados homens de igreja. Homens que, apesar de seu grande saber, fizeram-se loucos em seus discursos e arrazoados. Será que eles já se esqueceram das advertências divinas contra a imoralidade sexual? Ou já se olvidaram das lições de Sodoma e Gomorra?

2. A advertência de Judas. Ouçamos o apóstolo Judas: "Assim como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se corrompido como aqueles e ido após outra carne, foram postas por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno" (Jd 7).

Adverte Judas que Sodoma e Gomorra corromperam-se. O que isto significa? O vergo grego *ekporneúo* denota que os habitantes dessas cidades achavam-se a praticar excessivas imoralidades, contrariando todas as leis naturais quanto à santidade de seus corpos. Por causa disso, foram eles colocados – *prókeintai* – como exemplo. O escritor sagrado, utilizando-se de um costume observado no mundo antigo, mostra que os impenitentes, quais cadáveres de malfeitores, ficaram para sempre expostos à execração pública, a fim de que ninguém viesse a incorrer em seus crimes.

Quando o Senhor adverte: "Lembrai-vos da mulher de Ló", estava Ele apontando não somente para a esposa do patriarca, mas para aqueles que, não obstante a exemplaridade da justiça divina, teimam em suas práticas abomináveis. Achamo-nos, por conseguinte, numa imensa praça, onde os cadáveres dos impenitentes encontram-se expostos. Ninguém pode ignorar a advertência.

O homossexualismo era a natureza da iniqüidade de Sodoma. Desgraçadamente, tanto este como outros pecados são vistos hoje como simples opção comportamental. Haja vista o que apregoam os intelectuais através da mídia. A Bíblia, porém, trata o pecado não como opção, e, sim, como a transgressão da Lei de Deus.

O apóstolo Paulo, utilizando-se de uma linguagem clara e direta, põe-se a descrever o vergonhoso pecado de Sodoma: "Os varões, deixando o uso natural da mulher, inflamaram-se em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão" (Rm I.23). Diante da linguagem do apóstolo, como determinados teólogos ousam afirmar que a Palavra de Deus não condena o homossexualismo? O deus deste século cega o entendimento não somente dos ignorantes e despossuídos, como também dos que se dizem doutos. Aliás, principalmente destes.

3. O homossexualismo feminino. Como a Bíblia interpreta-se a si mesma, concluímos: o pecado de Sodoma não era praticado somente pelos homens; a abominação estendia-se também às mulheres: "Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza" (Rm I.26).

Certa vez, uma emissora de televisão apresentou um drama em que duas moças, desprezando a orientação de suas famílias, pretendiam assumir publicamente a sua abominável união. Como o programa era interativo, uma pergunta foi lançada aos telespectadores: "Devem elas ficar juntas, ou não?" O desfecho da pesquisa chocou a reserva moral da nação: a maioria opinou que deveriam elas prosseguir com aquilo que chamavam de romance.

Se os jovens não forem adequadamente advertidos, passarão a encarar a chamada opção sexual como algo inconse-

qüente e corriqueiro. Aquilo, todavia, que o mundo chama de opção na verdade não passa de pecado e ofensa contra o santíssimo Deus. A advertência divina não comporta dúvidas: "Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o Reino de Deus" (I Co 6.10).

4. Distorções do ato conjugal. Muitos são os crentes que, nos seminários de família, perguntam acerca da legitimidade de algumas práticas anômalas como, por exemplo, o sexo anal. É pecado ou não? É claro que é! Até a própria legislação brasileira considera o tal ato anormal e atentatório à integridade física e moral da pessoa. Tal prática era comum em Sodoma, mas tem de ser banida do arraial dos santos.

O autor da Epístola aos Hebreus é irreplicável: "Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; porém aos que se dão à prostituição e aos adúlteros Deus os julgará" (Hb 13.4). A expressão grega para leito conjugal é *koíte*, sendo este o seu significado: relacionamento sexual entre pessoas devidamente casadas. O autor sagrado, contudo, deixa bem claro que não é somente o adultério que mancha a intimidade entre o marido e a mulher. Todas as impurezas e abominações, que o mundo aceita e pratica com naturalidade: sexo anal, sexo oral, pornografia, zooerastia, etc, não podem, não devem e não têm de fazer parte do relacionamento sexual dos cônjuges que professam amar a Deus.

O homem que ama a esposa e zela por sua santificação, jamais a levará a lugares esconsos e duvidosos como motéis, boates e festas mundanas. Ao invés de se arriscarem nesses lupanares, que se dediquem os cônjuges cristãos a uma vida

mais piedosa. E que o culto doméstico jamais seja relegado pelos que servem ao Senhor Jesus.

Aquilo que o casal pratica na intimidade, alegam alguns conselheiros matrimoniais, só interessa aos cônjuges. Mas não é o que diz a Bíblia. Ainda que estes se achem legalmente casados, jamais poderão olvidar a santidade de seus corpos. Deus nos presenteou com o sexo a fim de que manifestemos nosso amor e afeição à pessoa que escolhemos como cônjuge e perpetuemos a espécie. Por isso, o sexo tem de ser santo, limpo e satisfatório tanto para o marido quanto para a mulher. No capítulo sete de sua primeira epístola aos coríntios, Paulo é bastante claro a respeito.

> *Como você tem tratado o seu cônjuge? Com amor, afeição e respeito? Lembre-se: O homem que ama a sua esposa, tudo fará a fim de que ela seja santificada (Ef 5.26). Além do mais, não nos chamou Deus para a imundícia (1Ts 4.7).*

III. O Castigo de Sodoma e Gomorra

Sodoma e Gomorra tiveram as suas oportunidades. A Bíblia fala de pelo menos três grande visitações que o Senhor Deus lhes fez, a fim de que viessem a se arrepender. No entanto, preferiram aferrar-se aos seus muitos e grosseiros pecados, rejeitando a misericórdia de Deus.

1. O testemunho de Abraão e Melquisedeque. No capítulo 14 de Gênesis, temos a guerra dos reis das campinas do Jordão contra os reis orientais. Nesta peleja, Ló, o sobrinho de Abraão, que já morava em Sodoma, foi levado cativo juntamente com os sodomitas. Ao ser informado do fato, o patri-

arca formou um pequeno, mas bem disciplinado exército, e foi ao encalço dos raptores.

Depois de libertar os cativos, foi Abraão recepcionado por Melquisedeque, rei de Salém, que o abençoou com todas as bênçãos do Altíssimo (Gn 14.18-24). O rei de Sodoma, embora a tudo assistisse, perseverou em suas iniqüidades. Lá estavam dois dos maiores personagens da História Sagrada: o amigo de Deus e o sacerdote do Altíssimo Deus, mas o sodomita não quis abandonar suas impiedades e rebeliões contra o Eterno.

Pode o homem tornar-se tão insensível ante as demandas divinas? Apesar de o Evangelho de Cristo ser exaustivamente proclamado, nossa geração fez-se mouca; não atina com o fato de que, um dia, todos haveremos de prestar contas de nossos atos a Deus. Nossos contemporâneos em nada diferem de Sodoma; escarnecem das reivindicações divinas e zombam dos piedosos. Até suas músicas são abomináveis. Juncadas de obscenidades, constrangem-nos a ouvir coisas que chocariam, noutras épocas, os mais mundanos dos mundanos. Infelizmente, levamos tais ritmos às nossas igrejas, tirando do culto divino toda a reverência.

Não podemos conformar-nos com este mundo. Ergamos nossas vozes, e brademos contra a imoralidade que já ameaça o arraial dos santos.

2. O testemunho de Ló. Não sabemos quanto tempo passou o piedoso Ló em Sodoma. Mas foi o suficiente para que se tornasse uma espécie de juiz e conselheiro da cidade (Gn 19.9). Grande foi o seu testemunho! Não obstante, os perversos e pervertidos não se deixaram convencer (2 Pe 2.7).

3. O testemunho dos anjos. Como última instância, en-

viou-lhes o Senhor dois entes celestes. Mas em vão. Numa apostasia que não conhecia quaisquer limites, intentaram, inclusive, violentar os anjos de Deus (Gn 19.5).

Os que seguem os caminhos dos sodomitas não se deixam convencer por ninguém (Lc 16.31). Não foi o que disse o patriarca Abraão ao rico que, em vida, desprezara as riquezas da misericórdia divina? Os profanos tudo profanam. Eis por que o Senhor resolveu destruí-los por completo.

4. A destruição de Sodoma. O que fazer com uma civilização que não se deixa persuadir por testemunho algum? Que não se curva nem diante da aparição dos anjos? Ao Santíssimo Deus restava uma única alternativa: a destruição dos impenitentes. Foi o que aconteceu (Gn 19.24-26).

Narra o texto sagrado que o Senhor fez descer fogo e enxofre sobre Sodoma, Gomorra e sobre as demais cidades das campinas do Jordão. A explosão foi tão forte que, no sítio onde estavam elas localizadas, se abriu uma profunda fossa tectônica, que se acha a quatrocentos metros abaixo do mar Mediterrâneo. Hoje, nessa região, ainda se pode observar as conseqüências do pecado. A explosão havida na área foi bem superior às havidas em Hiroxima e Nagazaki, no final da Segunda Guerra Mundial. Estas cidades puderam ser reconstruídas; Sodoma e Gomorra, não. De Deus não se escarnece; tudo o que o homem semear, isto também ceifará.

> *Nosso testemunho tem de ser perfeito. Mostremos a este mundo que, apesar de toda a corrupção e miséria, ainda é possível manter uma vida irrepreensível e perfeita diante de Deus e dos homens.*

Conclusão

A conduta mundana concernente ao sexo é incompatível com o padrão exigido pela Bíblia Sagrada. Temos de ser puros na alma e puros no corpo. Deus não nos chamou para a imundície (I Ts 4.7).

Nosso compromisso com a pureza sexual é inegociável. É em santificação que devemos andar. Caso contrário: jamais veremos o Senhor (Hb 12.14).

Capítulo 9

A Reverência e a Postura de um Anjo

Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda. Estes, porém, dizem mal do que não sabem; e, naquilo que naturalmente conhecem, como animais irracionais, se corrompem (Jd 9,10).

Introdução

Entrei, certa feita, numa igreja neopentecostal onde era realizada uma cessão de exorcismo. Mas o que acabei por assistir, naquela tarde, foi um triste e vergonhoso espetáculo. O pastor e a endemoninhada, quais atores medíocres, lutavam por desempenhar um papel que, num teatro de arena, não passaria de uma comédia mal ensaiada. Na ânsia por mostrar a sua autoridade, o pastor cobria de vitupérios a possessa que, embora não estivesse tomada pelo demônio, agradava a este com seus fingimentos e mentiras.

Tivesse eu oportunidade, aconselharia aquele exorcista a ter umas aulas de reverência

com Miguel. É o que nos recomenda Judas em sua epístola. Que a nossa postura, pois, seja no mínimo, humanamente angelical.

> *Tem agido você de forma reverente? O Senhor exige que todos os seus filhos prestem um bom testemunho não apenas com as suas palavras, mas principalmente com os seus atos. Que todos reconheçam em nós não meros seres humanos, mas homens e mulheres que, apesar de suas limitações, enaltecem a Deus por intermédio de sua postura.*

I. Quem é Miguel

Vejamos algumas particularidades acerca deste magnífico príncipe celeste. Nas Sagradas Escrituras, é tratado com especial deferência e honra. É o principal entre os anjos. Segundo os livros apócrifos, há pelo menos sete arcanjos. Todavia, as escrituras hebraicas, genuinamente canônicas, falam de apenas um: Miguel. Quanto a Gabriel, não recebe este semelhante alcunha; é mais um interprete dos oráculos divinos do que um guerreiro.

1. O significado de seu nome. Em hebraico, Miguel significa: Quem é como o Senhor? Que contraste entre o arcanjo e o ungido querubim! Enquanto este lutava por ser como o Altíssimo, aquele exalta o Altíssimo até mesmo em seu nome (Is 14.14). Em seu nome, santificava Miguel o nome de Deus.

Tem você exaltado o Todo-Poderoso? Exalte-o em sua vida e em seu nome, pois assim agem os seres angelicais. Eis por que, na oração dominical, recomendou-nos o senhor que orássemos: "Assim na terra como no céu".

2. O grande príncipe. Este é o título nobiliárquico de Miguel em hebraico: *ha sar ha gadol* (Dn 12.1). *Sar* significa, entre outras coisas, nobre, chefe, comandante, representante do rei, etc. E *gadol* denota aquele que é grande em poder e riqueza.

Na existência de Miguel, cumpriu-se o que disse o Senhor Jesus: o que se humilha será exaltado. O arcanjo portou-se humildemente ao não acompanhar o ungido querubim em sua rebelião no céu, por isso foi exaltado como o mais excelente dos anjos. Ganhou ele o comando dos exércitos de Deus.

3. Arcanjo. Proveniente do grego, este termo significa o principal dentre os anjos. Ora, se Miguel é o principal dentre os anjos, conclui-se que existe apenas um arcanjo. Aliás, é o que significa exatamente a palavra arcanjo em grego.

4. Miguel, o defensor dos filhos de Israel. De acordo com a profecia de Daniel, o arcanjo será destacado para defender os israelitas nos últimos dias: "E, naquele tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta pelos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro" (Dn 12.1).

Pelo que podemos observar, vem o arcanjo Miguel cumprindo de maneira extraordinária a sua missão. Haja vista as guerras que Israel enfrentou nos últimos 50 anos. As formidáveis vitórias do Estado Judeu não são devidas à sua coragem, ou ao seu exército, mas a intervenção direta de Deus. Não resta dúvida de que Miguel, o grande príncipe, já se levantou para proteger os israelitas de seus ferrenhos e implacáveis adversários. Caso contrário: teria o Estado de Israel desaparecido ainda em seu nascedouro.

5. Miguel no arrebatamento da Igreja. Miguel fará ressoar a trombeta de Deus quando do arrebatamento da Igreja: "Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras" (1Ts 4.15-17).

Nessa consoladora passagem, realça o apóstolo o papel a ser desempenhado pelo arcanjo Miguel no rapto dos santos. Ele tocará a trombeta de Deus, deflagrando dessa forma o maior acontecimento da história desde a encarnação, morte e ressurreição de Nosso Senhor.

6. Miguel no Apocalipse. João revela, por intermédio do Espírito Santo que, no final dos tempos, haverá uma grande batalha nas regiões celestes. De um lado, o dragão e seus anjos, do outro, Miguel e seus comandados. A Bíblia afirma que o diabo, apesar de toda a sua fúria, não logrará prevalecer. Leiamos a narrativa do Apocalipse:

"E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão; e batalhavam o dragão e os seus anjos, mas não prevaleceram; nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele. E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e

o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite. E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram a sua vida até à morte" (Ap 12.7-11).

II. A Luta de Miguel com o Diabo

Evocando uma narrativa oral bastante correntia entre os escribas, Judas, sob a inspiração do Espírito Santo, mostra o quanto era reverente o arcanjo: "Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda" (Jd 9).

1. A luta. Judas limita-se a revelar que a peleja entre Miguel e o diabo deu-se por causa do corpo de Moisés. O que buscava, porém, o maligno com os restos mortais do profeta e legislador dos hebreus?

Do Deuteronômio, inferimos ter sido o arcanjo enviado para sepultar o defunto. No entanto, o diabo se lhe opôs, porque intentava suscitar, dos despojos do homem de Deus, um objeto de culto, e apresentar-lho a um povo sempre propenso à idolatria (Dt 34.5,6).

Não foi o que sucedeu com a serpente de bronze esculpida por orientação divina pelo mesmo Moisés? Leia com atenção 2 Reis 18.4. Na rebelião do deserto, a serpente servira de cura para os judeus. No entanto, com o passar dos séculos, o objeto utilizado para abençoar Israel, agora amaldiçoava Israel.

Seria uma tragédia espiritual tanto aos israelitas quanto aos gentios se o sepulcro de Moisés fosse localizado. Por isso,

Deus enviou o seu anjo para que procedesse a inumação do cadáver de Moisés.

Observemos a narrativa bíblica: "Assim, morreu ali Moisés, servo do SENHOR, na terra de Moabe, conforme o dito do SENHOR. Este o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém tem sabido até hoje a sua sepultura" (Dt 34.5,6). Segundo o Deuteronômio, o corpo de Moisés foi sepultado pelo mesmo Senhor. Mas, de acordo com o que depreendemos de Judas, teria sido Miguel o encarregado pelo enterramento do profeta. Como harmonizar ambas as escrituras?

Toda vez que um anjo executava uma tarefa sob as ordens de Deus, na verdade era o próprio Deus que estava agindo. Haja vista as diversas manifestações do Anjo do Senhor. A este respeito, pronuncia-se Chouraqui: "O sujeito desse verbo não é identificado, como tampouco o lugar da sepultura. O túmulo de Moshé permaneceu deliberadamente secreto [...] para evitar que se tornasse um lugar de peregrinação".

Conclui-se, pois, ter sido Miguel o encarregado de sepultar o corpo de Moisés sob as expressas ordens de Deus.

2. O exemplo de Miguel. Na peleja, o arcanjo, apesar de seus incríveis poderes, não ousou afrontar o adversário. Mas, fortalecido pela autoridade que em Deus possuía, assim resistiu o diabo: "O Senhor te repreenda" (Jd 9). Quão expressiva é esta frase no original: *epitimésai soi kúrios!* O verbo usado por Judas significa também reprimir. Era a palavra de ordem usada por Jesus para subjugar as forças do mal.

3. A autoridade do nome de Deus. O arcanjo usou a autoridade do nome de Deus para repreender o adversário, e este não lho pôde resistir. Há poder no nome de Deus! Grande é o nome do Senhor Jesus Cristo! (Jr 10.6; Mc 16.17).

Tem você usado o nome de Jesus para repreender as forças do mal? Tem-no evocado para calar a boca aos demônios? A nossa força nada pode contra as potestades das trevas. Mas, no nome de Jesus, faremos proezas. Aleluia!

III. O Exemplo dos Filhos de Cevas

Já ouviu falar de Cevas? O livro de Atos informa ter sido ele o principal dos sacerdotes levitas que moravam em Éfeso. Tinha ele sete filhos que, de casa em casa, andavam a expulsar demônios.

Nesse mister, os filhos de Cevas utilizavam-se de um expediente até então desconhecido. Em nada diferiam de Nadabe e Abiú (Lv 10.1). Se estes com fogo estranho apresentaram-se diante de Deus, aqueles com uma fórmula exótica queriam fazer calar os demônios. Tanto estes quanto aqueles caíram em desgraça por não darem a honra devida ao Todo-Poderoso.

Admirados ante os sinais que Paulo operava em nome de Jesus, quiseram os filhos do ilustre sacerdote fazer o mesmo. Aproximando-se de um endemoninhado, bradaram: "Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega". O possesso, zombando deles, retorquiu-lhes: "Conheço a Jesus e bem sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?" (At 19.15).

Em seguida, avançou o endemoninhado sobre os rapazes, rasgou-lhes as vestes e pô-los em fuga.

IV. Expulsar Demônio não é Espetáculo

Expulsar demônios não é espetáculo. É um ato de amor. Tem de visar a libertação do oprimido e a glorificação do

nome de Deus (Mt 9.33). Por isso, todas as vezes que tivermos de atuar nessa área, levemos em consideração:

1. O preparo espiritual. Estejamos sempre em espírito de oração. Nalguns casos, teremos de estar em jejum conforme preconiza o próprio Senhor (Mt 17.21). Não confiemos quer em nossa força quer em nossa experiência. Firmemo-nos inteiramente em Deus. Eis o que escreveu o piedoso Mathew Henry: "Se resistirmos o diabo com fé em Cristo, ele fugirá de nós. Mas se o enfrentarmos usando o nome de Cristo como se fosse arte mágica, ele nos vencerá".

2. O espírito de reverência. Há muitos obreiros que, para cevar o marketing pessoal, fazem uma extenuante campanha publicitária para libertar os oprimidos do diabo. Perguntam o nome do demônio e querem saber a sua procedência. Em seguida, interrogam-no acerca de sua missão, como se ninguém soubesse ser o trabalho do diabo matar, roubar e destruir (Jo 10.10). E com isso desperdiça-se todo o tempo da exposição da Palavra de Deus, induzindo o povo a uma macabra distração.

Há também os exorcistas que, insensíveis à tortura do endemoninhado, prolongam de tal forma a sessão de libertamento, que dão espaço a que o demônio descarregue na igreja seus impróprios, levando inclusive o possesso a despir-se e até a quebrar a mobília do santuário, gerando escândalos e tropeços.

Não perca tempo com tais expedientes. Use a sua autoridade espiritual; repreenda o diabo em nome de Jesus. Por que entrevistar o demônio se ele é o pai da mentira? Mostre-lhe a verdade, fazendo-o calar em nome de Jesus Cristo Nosso Senhor.

3. O Uso de linguagem sã. Não xingue o diabo nem use de palavras chulas contra o adversário. Pois é exatamente isto

o que ele quer. Tratando-o com vitupérios, você só conseguirá uma coisa: levar a irreverência ao povo de Deus além de esvaziar-se espiritualmente.

Não são poucos os obreiros que, no ato do exorcismo, xingam o diabo de moleque, capiroto, capeta, cara-suja e outros apelidos bem conhecidos de nosso folclore. Tais alcunhas não o reprimem; intensificam o clima de irreverência e chocarrice entre os santos, transformando o culto numa presepada. Invoque, porém, o nome de Jesus; o inferno estremecerá e os demônios, amedrontados, ver-se-ão obrigados a bater em retirada.

4. O uso indevido da força física. Esta só deve ser usada a fim de proteger o endemoninhado para que este não se fira. Se não zelarmos por sua integridade física, poderemos até ser citados judicialmente. A recomendação do profeta é aqui mui consentânea: "Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos" (Zc 4.6).

Se estivermos cheios do Espírito Santo, nenhum demônio poderá resistir-nos; bastará uma única palavra a fim de que o inferno todo se cale.

5. A manutenção do culto. Estejamos apercebidos a fim de que os endemoninhados não nos tirem a reverência do culto, transformando-o num triste e lamentável espetáculo. Às vezes o sujeito nem possesso está. O que ele quer é perturbar a boa ordem da casa de Deus. Por isso, muito discernimento e cuidado.

V. O Poderoso Nome de Jesus

O arcanjo Miguel não se perdeu em irreverências. Poderia ter se aproveitado de sua força e posição junto aos exérci-

tos celestiais para cobrir de opróbrios ao diabo. No entanto, preferiu usar da arma infalível: "Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda" (Jd 9).

Se um poderoso anjo viu-se na contingência de usar do nome de Deus numa peleja, quanto mais nós. Em nome de Jesus, expulsemos os demônios e libertemos os pobres cativos de Satanás.

> *Tem você usado o poder do nome de Jesus para enfrentar o diabo e suas legiões? Ou prefere confiar nos próprios recursos? No nome de Jesus há poder, graça e virtude. O nome de Jesus é irresistível!*

Conclusão

Alguns obreiros da época de Judas tratavam a todos com irreverência e desrespeito. Não consideravam nem a Deus nem aos homens. Ao tratarem com desrespeito ao diabo, faziam o jogo deste. Nós, porém, faremos uso do nome de Cristo, e em seu poderoso operaremos sinais e maravilhas.

O nome de Cristo tem todo o poder nos céus, na terra e sob a terra. Não nos percamos em irreverências e zombarias; sejamos reverentes como os anjos de Deus, a fim de que todos, quer nos céus, quer na terra, glorifiquem o nome do Cordeiro.

Capítulo 10

O Caminho de Caim

Ai deles! Porque entraram pelo caminho de Caim (Jd 11a).

Introdução

O celebrado escritor russo Fiodor Dostoievsky fez uma confissão, certa feita, que bem retrata aquele sentimento que levou Caim a matar Abel: "Não consigo viver com quem quer que seja por dois dias no mesmo quarto. Faço-me inimigo dos homens, mal entro em contato com eles".

Era essa a disposição de Caim. Ferido pelos constantes êxitos do irmão, já não o suportava. Por isso acabou por matá-lo dolosa e traiçoeiramente. A animosidade do ser humano em relação ao seu semelhante não mudou. Apesar de todos esses milênios de trágicas lições, os homicídios, em suas várias modalidades e nuanças, vêm se repetindo quer nos campos de batalha, quer

no âmbito da sociedade, quer no abrigo do lar; repete-se até mesmo no santuário.

Não são poucos os homens, mulheres, adolescentes e até crianças que, deixando-se contaminar pela inveja e pelo ódio, estão a trilhar o caminho de Caim. Mas, a advertência do apóstolo Judas, não deixa esperar: "Ai deles! Porque entraram pelo caminho de Caim".

I. O Que É o Caminho de Caim

Com o nascimento de seu primogênito, ofereceu Eva um sacrifício de louvor e gratidão a Deus: "Alcancei do Senhor um varão" (Gn 4.1). Ela recebia a criança como prova de que a sua iniqüidade fora perdoada. Talvez até tivesse conjecturado estar ali, em seus braços, aquele que viria a esmagar a cabeça da serpente.

Como nossa bondosa mãe estava enganada! Aquele bebezinho, cujo nome significa adquirido ou esperado, viria a esmagar não a cabeça da serpente, mas a do próprio irmão.

Tudo começou quando ambos resolveram apresentar as primícias de seu trabalho ao Senhor.

1. A oferta de Caim. Pensam alguns comentaristas que o Senhor rejeitou a oferta de Caim por ter sido esta uma oferenda vegetal e não cruenta como a de Abel. O Senhor, porém, jamais olhou para a espécie de oferta, mas sempre atenta para a qualidade do ofertante (Sl 51.16,17). Além disso, na Festa das Primícias, requeria Jeová, dos filhos de Israel, os frutos da terra e não os primogênitos dos animais (Êx 34.22).

Eis o que o Senhor diz a Caim quando viu o semblante deste descaído: "Se bem fizeres, não haverá aceitação para ti?

E, se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e para ti será o seu desejo, e sobre ele dominarás" (Gn 4.7). Tivesse Caim subjugado o seu ódio, não somente seria aceita a sua oferta como ele próprio tornar-se-ia aceitável diante de Deus. Caso contrário: ainda que estivesse a oferecer sacrifícios de sangue far-se-ia abominável diante do santíssimo Deus (Is 66.3).

O pecado jaz à porta! Eis uma grande figura utilizada pelo autor sagrado para mostrar como o pecado é oportunista. No original hebraico, a frase poderia ser assim traduzida: "Na abertura, o pecado se oculta". Isto significa que o pecado, qual serpente, acha-se em sua toca pronto a dar o bote fatal em qualquer incauto que dela aproximar-se. Por isso, deve o crente estar sempre orando e vigiando. Pois o adversário tem por hábito atacar de improviso, instilando nos desavisados os mais diversos venenos. No iracundo, a raiva. No orgulhoso, a soberba. No imoral, a lascívia. No ladrão, a cobiça. Mas, se estivermos sempre alertas, haveremos de escapar às artimanhas desse réptil que, desde o Éden, vem desafortunando o pobre ser humano.

Sugere-se também que a palavra pecado deveria, nesse versículo, ser traduzida por demônio. Afinal, é o diabo conhecido também como a antiga serpente. De qualquer forma, deixou-se Caim enredar-se na armadilha do demônio.

> *Tem você se guardado do cruel inimigo? Não perca tempo discutindo com o demônio nem especulando acerca das ordenanças que recebeu você do Senhor. Cumpra-as de forma plena e amorosa. Cuidado! O pecado não dormita. Por isso, temos de nos guardar em todo o tempo.*

2. O primeiro homicídio. Já tomado pela inveja, e por um ódio incontrolável já dominado, Caim mata traiçoeiramente a Abel: "E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel e o matou" (Gn 4.8).

O primeiro assassinato teve como cenário o campo – palco de violentíssimas lutas e incontroláveis combates. Mas, como sempre, o motivo para tantas mortes não é necessariamente a posse da terra; é o ódio que Caim cultiva em seu coração mau e perverso.

Infelizmente, até mesmo por um campo ministerial há obreiros dispostos a matar seu irmão. Esquecem-se de que a Seara é do Senhor e não deles. Muito cuidado! O sangue de Abel está a clamar aos ouvidos de Deus.

Ao discorrer sobre o clamor do sangue de Abel, escreve o pastor Mathew Henry: "O assassinato é um pecado que clama. O sangue pede sangue; o sangue do assassino pelo sangue do assinado". O sangue de Abel clama através do direito natural, por intermédio dos códigos penais, por meio das tradições que zelam pela santidade da vida e por todos os instrumentos mantidos pelas sociedades humanas que, inspirados nos reclamos divinos, lutam por manter a vida e punir os culpados.

> *Você odeia a seu irmão? Já não lhe consegue falar benignamente? Dobre os joelhos agora mesmo, a fim de que o Senhor Jesus, através de seu sangue, limpe-lhe o coração de toda a ira. Caso contrário: será marcado para sempre com o estigma do assassino.*

3. O caminho de Caim. O caminho de Caim é a alternativa gerada pelo desamor, pela incompreensão e pela intolerância. É a inveja que leva ao ódio; é o ódio que induz ao homicídio.

O que é o caminho de Caim? Recorramos ao original para termos uma idéia mais clara desse pecado que, aqui, é tratado por uma rica analogia. A expressão grega é bastante esclarecedora: *ouaí autóis, hoti te hodo tou Káin eporeúthesan.* O substantivo traduzido em português como caminho – *hodós* – significa, neste caso específico, qualidade, têmpera, curso de vida e procedimento. Judas, assim, retrata os maus obreiros que, apesar de sua inofensiva aparência, em nada diferem do primeiro homicida. Em tudo seguem o caminho de Caim. Eis o verbo que o autor sagrado usa para descrever como os falsos irmãos trilham o caminho do homicida: *poreúomai* denota seguir um caminho, viajar e andar. Eles seguiam o caminho de Caim, nele viajavam e andavam de forma persistente. Isso significa que, para lograrem seu intento, estavam dispostos a derramar o sangue do próximo.

Por conseguinte, o caminho de Caim é a violência e a falta de afetos naturais que levam o ser humano a matar o semelhante de maneira fria e calculada. É a violência pela violência.

4. O caminho de Caim é, em si, uma religião. O caminho de Caim não é apenas o desamor, a violência e o assassinato; é também a religião humana que, rejeitando a divina, vai em busca de sucedâneos para Deus. O assassinato de Abel começou a ser projetado a partir do momento em que Caim procurou oferecer um culto que, em todas as coisas, rejeitava o divino.

Todos os que desprezam a religião divina, optam pela violência, a fim de obrigar o semelhante a professar-lhe o cre-

do fundamentado no rancor e no ódio. Haja vista os tribunais da inquisição católica e a guerra santa dos muçulmanos. Quantas vidas preciosas não estão sendo ceifadas, neste momento, em conseqüência da religião de Caim!

No Corão, o livro sagrado dos muçulmanos, há uma recomendação explícita, incitando os seguidores do profeta Maomé a empreender uma guerra sem tréguas às outras religiões: "Matai os idólatras onde quer que os encontreis, e capturai-os, e cerca-os e usai de emboscadas contra eles". Esta passagem encontra-se na sura 9 e versículo 5 do Corão.

De tal forma incitados, os muçulmanos estão a espalhar o terror por todo o mundo. Haja vista as incursões suicidas em Israel e nos Estados Unidos. No exato momento em que escrevo estas linhas, os norte-americanos lamentam as vítimas dos atentados terroristas ocorridos em Nova Iorque e Washington em 11 de setembro de 2001. Atentados estes perpetrados por terroristas islâmicos. É a antiga luta de Caim contra Abel.

A religião de Caim manifesta-se não apenas quando os muçulmanos massacram os cristãos, mas também quando estes lutam entre si e quando empreendem suas guerras expansionistas e injustas. Haja vista as cruzadas e os bárbaros crimes praticados pelos espanhóis e alemães contra os judeus e árabes. Em todos esses atos, fica bem patente a marca de Caim.

II. A Marca de Caim

Segundo alguns etimologistas, a palavra assassino provém do vocábulo haxixe. A definição tem a sua razão de ser. Pois, de conformidade com alguns testemunhos, os matadores profissionais da antiga China entorpeciam-se para execu-

tar suas vítimas, não atentando, assim, ao sofrimento destas nem ao clamor do sangue derramado.

Essa é a trajetória de Caim. Embriagado pelo ódio, e tendo por entorpecente a inveja, matou ele a Abel, seu irmão. Inquirido por Deus, saiu-se com uma evasiva que, ainda hoje, acha-se até mesmos nos lábios de muitos cristãos confessos.

1. A desculpa de Caim. Eis a resposta que Caim deu ao Senhor, quando o Justo Juiz lhe inquiriu acerca de Abel: "Não sei; sou eu guardador do meu irmão?" (Gn 4.9). Em hebraico, a expressão traduzida por guardador – *shamer* – é bastante significativa; evoca, entre outras coisas, os seguintes substantivos: guarda, protetor, mantenedor e reverenciador. Tudo isso deveria ser Caim em relação a Abel. Mas deste não passava agora de um desalmado algoz.

> *Você tem protegido a seu irmão? Tem-no ajudado em seus apertos e tribulações? Ou tem-no matado, pouco a pouco, com o seu ódio, inveja e incompreensões? Não se esqueça: você é o guardador de seu irmão. Tal incumbência é intransferível.*

2. A marca de Caim. De repente, percebe o assassino quão vulnerável tornara-se ao matar a seu irmão. Daquele momento em diante, qualquer pessoa achar-se-ia no direito de vingar o sangue de Abel. Para evitar que isso viesse a acontecer, pois a lei do dente por dente e olho por olho não havia sido ainda decretada, o Senhor faz um sinal em Caim para que a sua vida fosse poupada.

Que sinal era este? Não o sabemos. A Bíblia limita-se a descrever: "E pôs o SENHOR um sinal em Caim, para que não o ferisse qualquer que o achasse" (Gn 4.15). O referido

sinal achava-se num lugar bem visível no corpo do assassino. Em hebraico, a palavra usada para sinal é *oth* que, entre outras coisas, denota: marca, indício, estandarte e até milagre. Ali estava a marca do homicida; o indício de que um crime fora praticado; o estandarte do sangue inocente e a mensagem dramática de um Deus que, conquanto vingue os justos, tudo faz por levar o culpado ao arrependimento.

Segundo uma tradição rabínica, a marca que o Senhor colocou em Caim foi o seu soberano e excelso nome: Jeová. Tivera isso ocorrido, o recado de Deus para a humanidade seria ainda mais eloqüente: apesar do crime de Caim, o Senhor continuava interessado no arrependimento deste e em sua recuperação. Aliás, essa é a disposição de um Deus que é o mesmo amor.

3. O primeiro código penal da história. O sinal que o Senhor Deus imprimiu em Caim funcionou como um admirável e sintético código penal. Todos os que para ele olhavam, conscientizavam-se, de imediato, de que nenhum crime fica impune diante de Deus.

> *Querido leitor, há em si alguma marca de Deus denunciando-o como assassino de seu irmão? Talvez esteja você a retorquir: "Eu nunca matei ninguém". Será? Não se mata apenas com a espada; mata-se também com palavras e indiferenças. Por isso, reconcilie-se agora mesmo com o seu irmão. É na paz entre os homens que reina a bênção de Deus.*

III. A Civilização de Caim

Fugindo da presença do Senhor, imigrou Caim para a região de Node, onde fundou uma cidade a qual deu o nome de

seu filho, Enoque. Tinha começo ali, bem ao oriente do Éden, uma civilização que, conquanto brilhante, seria marcada pela violência e por um materialismo extremado (Gn 4.16-26).

1. Avanço tecnológico. Tubalcaim fez-se notório por dominar a técnica metalúrgica (Gn 4.22). Sem dúvida alguma, foi ele também o primeiro armeiro da história. Logo a seguir, temos o cântico da espada que seria entoado por seu Pai, Lameque.

2. O cântico da espada. Certo dia, o bígamo Lameque conclama suas esposas, e recita-lhes um poema que ficaria conhecido como o cântico da espada: "Ada e Zilá, ouvi a minha voz; vós, mulheres de Lameque, escutai o meu dito: porque eu matei um varão, por me ferir, e um jovem, por me pisar. Porque sete vezes Caim será vingado; mas Lameque, setenta vezes sete" (Gn 4.23,24).

A cada assassinato, entoa-se o cântico de Lameque. Haja vista as músicas de rock e funk que incitam os jovens às drogas e à violência. Desgraçadamente, levamos tais ritmos às igrejas, e com estes presumimos estar louvando a Deus. Se conhecêssemos as letras desses ritmos e como foram elas compostas, jamais as levaríamos ao culto dos santos.

Infelizmente, não são poucos os filhos de Deus que, além de matar seus irmãos através de palavras ferinas, por intermédio de uma indiferença desumana e criminosa e por meio de atos tão contundentes quanto uma espada, ainda saem a cantar suas vantagens como o homicida Lameque.

Conclusão

Só há um caminho para se fugir ao caminho de Caim: Amar o nosso próximo como a si mesmo. Esta é a Lei e os

Profetas. Quem não ama ao seu próximo jamais poderá viver como discípulo de Nosso Senhor. A Lei de Deus não se limita ao "Não matarás"; vai além: "Amai-vos uns aos outros".

> *Você ama a seu irmão? Ou está pronto a executá-lo como o fez Caim? Não se deixe levar pela inveja nem pelo ódio. Curve-se diante de Deus, e considere a todos como superiores a si. E você verá como o amor de Deus será derramado poderosamente em seu coração.*

Capítulo II

O Prêmio de Balaão

Ai deles! Porque [...] foram levados pelo engano do prêmio de Balaão (Jd 11c).

Introdução

Quem é o seguidor de Balaão? É aquele que, apesar de convencido da veracidade das Sagradas Escrituras, não hesita em torcê-la, desde que isso lhe traga ganhos e notoriedade. E como já vendeu a própria consciência ao diabo, não tem nenhum escrúpulo em traficar com as almas dos santos.

Embora tivesse Balaão conhecimento de Deus, de Deus ignorou a santidade e a justiça, indo atrás do lucro sórdido e fácil. Ele é o tipo do obreiro venal. Não vacilou em comerciar com os santos em troca de um prêmio, que acabou por condená-lo à perdição eterna.

Desgraçadamente, muitos são os obreiros que estão a cobiçar o prêmio de Balaão con-

forme denuncia o apóstolo Judas. O que esses mercenários não sabem é que os santos foram resgatados por um preço altíssimo.

> *Não fomos comprados com coisas corruptíveis como o ouro e a prata. Fomos resgatados através do sangue de Cristo Jesus. Por isso não podemos, sob hipótese alguma, agir mercenariamente diante do que temos recebido de Deus. Os que se portam como Balaão, como Balaão hão de perecer.*

I. Quem Foi Balaão

Apesar de estrangeiro, possuía Balaão um conhecimento privilegiado de Deus. Era tido inclusive como profeta. Todos lhe procuravam o conselho, pois dominava, e bem, a arte de amaldiçoar (Nm 23.11). Não sabemos se ele sabia abençoar, pois a maldição era a sua ciência predileta. Segundo consta, era originário da Mesopotâmia (Dt 23.4).

Como os nomes, nos tempos bíblicos, refletiam o caráter e a natureza das pessoas, o significado de Balaão já encerrava uma advertência: devorador. Ele devorava a tudo e a todos. Não pouparia nem a congregação do Senhor, pois o que mais amava era o lucro fácil e descompromissado.

Tivera ele primado pelo amor a Deus, estaria no rol daqueles gentios destacados no Sagrado Livro. Refiro-me a Melquisedeque, Jó, Reuel e ao mancebo Eliú entre outros. Infelizmente, preferiu ele o prêmio da impiedade. Hoje é lembrado não com o profeta de Deus, mas como um mero e cobiçoso adivinho (Js 13.22).

Steven J. Lawson assim discorre sobre o controvertido

personagem: "Balaão era um profeta gentio do Antigo Testamento. Chamado para ser porta-voz de Deus, sempre falou pelo diabo. Durante a peregrinação de Israel pelo deserto, Balaque, rei de Moabe, ouviu dizer que o povo de Deus avançava. E ele sabia que não havia maneira de se defender dos israelitas. Desesperado, pediu ajuda a Balaão: 'tenho para ti uma missão. Que me amaldiçoes a este povo. E, por isto, recompensar-te-ei'".

Não aceites as propostas do diabo para corromper o povo de Deus. Preserva-te incorruptível. Os que se vendem a Satanás não poderão jamais comprar o refrigério que o Senhor preparou aos seus queridos. Tal moeda não tem qualquer valor no Reino de Deus.

II. A Doutrina de Balaão

John H. Sailhamer afirmou que Balaão foi à procura de ganhos pessoais, não se importando com a destruição da Obra de Deus. Era ele um negociante que não conhecia escrúpulos; não ligava qualquer importância quer à ética pessoal, quer à postura ministerial. Era um obreiro que gostava de levar vantagem em tudo.

Quanto à doutrina de Balaão, o pastor Lawson é incisivo:

"A doutrina de Balão é o compromisso com o mundo. É a mistura das coisas santas com as profanas. É ter um pé na igreja e outro no mundo. Com semelhante ensino, o grupo de Pérgamo ameaçava destruir a igreja. Afinal, quebra-se um elo e toda a corrente é inutilizada. Se apenas uma célula torna-se cancerosa todo o corpo logo sofre. Assim é a igreja. Um pouco de fermento leveda toda a massa. Um pequeno foco de

pecado prejudica todo o corpo. O mal, pois, precisa ser eliminado. Agora!"

O pastor Donald Stamps também é incisivo ao definir a doutrina de Balão: "A doutrina de Balaão refere-se, portanto, a mestres e pregadores corruptos que, em Pérgamo, levavam suas congregações à transigência fatal com a imoralidade, o mundanismo e as falsas ideologias; tudo por amor à promoção pessoal ou vantagem financeira. Segundo parece, a igreja em Pérgamo tinha mestres que ensinavam ser a fé salvífica em Cristo compatível com a prática da imoralidade".

Vejamos, a seguir, como o profeta estrangeiro usava toda a sua teologia para prejudicar a Obra de Deus.

1. Ele sabia que não se pode amaldiçoar o povo de Deus. Como amaldiçoar a Israel, se Israel era o objeto de todas as bênçãos de Deus? Balaão o sabia muito bem (Nm 24.10). Todavia, preferiu namorar o prêmio de Balaque a retirar-se da presença do monarca moabita.

> *Se tu, obreiro, não queres te corromper como Balaão, foge dos homens corruptos. Se com os corruptos ficares, corrompido tornar-te-ás.*

2. Ele sabia que Israel era povo de Deus. Haja vista as profecias que enunciou ao presenciar o arraial hebreu. Leia com atenção o capítulo 24 de Números. Todavia, perseguiu serpenteando em seu intento, buscando uma forma de amaldiçoar a Israel a fim de ficar com todos os prêmios de Balaque.

Não são poucos os obreiros e teólogos que, apesar de terem uma clara visão da Igreja como povo de Deus, induzem-na ao mundanismo e à frialdade espiritual, pois somente assim poderão conquistar o prêmio de Balaão. Sabem eles

muito bem que jamais poderão corromper uma igreja avivada; por isso lutam por tirar da igreja todo o avivamento. Mas o que eles não sabem é que o Senhor Jesus zela por sua amada, e por ela há de batalhar até às últimas conseqüências.

> *Como tens tratado a Igreja de Cristo? Como a noiva do Cordeiro ou como uma mera fonte de renda? A Igreja não foi deixada à própria sorte; o Senhor Jesus luta por ela, e por ela haverá de batalhar contra todos os que a querem destruir.*

3. Ele sabia usar a teologia para corromper. Nunca se criou tantas teologias e modismos para se corromper o povo de Deus. É a teologia da prosperidade. É a confissão positiva. É a profissionalização do ministério. É o assentimento aos costumes mundanos. É a glorificação da injustiça. E o que mais direi? É a apostasia querendo invadir de vez a Igreja de Nosso Senhor.

Sofismando os mais caros enunciados bíblicos e teológicos, os tais obreiros lançam tropeços diante dos filhos de Deus. Dizem-se doutos e sábios, mas não passam de tolos (1 Tm 1.7).

Assim agiu Balaão. Como não pudesse amaldiçoar a Israel, tornou Israel objeto da maldição de Deus. O que fez ele? O próprio Cristo discorre sobre as proezas teológicas do profeta mercenário, corrupto e corruptor: "Mas umas poucas coisas tenho contra ti, porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel para que comessem dos sacrifícios da idolatria e se prostituíssem" (Ap 2.14).

Conforme adverte o Senhor Jesus, a doutrina de Balão

não ficou no passado; continua a encontrar generosas guaridas em muitas igrejas. Aliás, em Pérgamo, grandes foram os estragos causados por essa teologia fundamentada no reino das trevas. Leia Apocalipse 2.12-17.

Através de seu conhecimento teológico, levou Israel à maldição e ao anátema.

Devidamente instruído por ele, Balaque introduziu mulheres pagãs e desavergonhadas no arraial dos israelitas, induzindo-os a comerem comidas sacrificadas aos ídolos e a se prostituírem.

Agem assim os obreiros fraudulentos. Corrompem sutilmente os santos, a fim de lhes roubar os haveres e arrebatar-lhes as almas. O que mais almejam é o prêmio de Balaão.

> *Como utilizas o conhecimento teológico que adquiriste? Para edificar o povo de Deus, ou para corrompê-lo? Já te esqueceste do que disse Tiago acerca dos mestres? Vejamos a advertência do apóstolo: "Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres, sabendo que receberemos mais duro juízo" (Tg 3.1).*

III. O Prêmio de Balaão

O prêmio de Balaão pode ser definido como o galardão daqueles obreiros que, além de se corromperem, fazem de tudo por corromper a Palavra de Deus e a Igreja de Cristo. Os que dessa forma procedem, afirma Mattew Henry, em nada diferem dos três mais notáveis criminosos do Antigo Testamento: Caim, Coré e o próprio Balaão.

Acerca destes, brada o apóstolo Judas: "Ai deles! Porque[...]

foram levados pelo engano do prêmio de Balaão" (Jd 11). A expressão *engano*, no original grego, denota um indivíduo errante e desviado, que jamais conseguirá achar-se. E o substantivo *prêmio – misthós* – refere-se a uma recompensa, salário ou pagamento. A palavra é usada para descrever o ganho do mercenário que, em busca de seu prêmio, torce a Palavra de Deus e deixa-se corromper no ministério cristão.

É claro que o obreiro é digno de seu salário (Lc 10.7; 2 Tm 2.15). Todavia não podemos fazer comércio do povo de Deus (2 Pe 2.3) nem agir por torpe ganância (1 Tm 3.3). Eis o que recomenda Paulo: "Em tudo, te dá por exemplo de boas obras; na doutrina, mostra incorrupção, gravidade, sinceridade" (Tito 2.7).

A sedução do obreiro começa quando, premido pelas circunstâncias, já não fala o que a igreja precisa ouvir, mas o que determinados grupos querem escutar. Ele já não zela pela sã doutrina; está mais interessado em agradar os poderosos do que o Todo-Poderoso.

O obreiro se deixa seduzir quando vende a consciência para angariar os bens que aqui começam e aqui acabam. Lembra-te, porém, querido obreiro: não foste chamado para seres um homem do povo, mas um provado e legitimado homem de Deus.

O homem de Deus ama a Deus, mas o homem do povo não ama nem a Deus nem ao povo; ama ao que o povo tem. E, deste, busca tirar tudo. É o obreiro que demonstra um grande amor pelo dinheiro fácil e pelo lucro leviano. Aos tais, recomenda Paulo: "Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores" (1 Tm 6.10). Não diz o apóstolo ser o dinheiro a raiz de todos os males,

mas o amor deste. Pois o dinheiro, quando bem utilizado, glorifica a Deus. Haja vista as contribuições que os hebreus fizeram, a fim de construir o tabernáculo. E as oferendas trazidas pelos discípulos aos apóstolos? Não nos esqueçamos dos dízimos e ofertas que carreamos à casa do tesouro (Ml 3.10). É com estes recursos que estaremos mantendo a Obra de Deus, e abrindo frentes de evangelização tanto no Brasil quanto no exterior.

Balaão, contudo, enxerga o dinheiro com outros olhos; vê-o como um fim em si mesmo e não como um meio para se expandir o Reino de Deus e prover-nos do necessário para a existência. Foi Balaão um obreiro venável e corrupto; o brilho do ouro foi-lhe irresistível. Nessa cobiça, desviou-se de Deus e, conseqüentemente, foi traspassado de dores e angústias.

> *Não te deixes corromper pelo ouro de Balaque. Jamais coloques tropeço diante dos santos; os maus obreiros não ficarão impunes. O Deus que agiu no Antigo Testamento continua ativo e vigilante. Ele não tosqueneja.*

Conclusão

José Salguero, o grande teólogo da Universidade de Salamanca, comentando o texto que nos serve de base para o estudo deste domingo, afirmou: "Como Balaão os falsos doutores permitem que a cobiça lhes afogue a voz da consciência incitando-os a toda sorte de obscenidades".

Como está a nossa consciência? Tentados pelos prêmios deste mundo, respondamos como Daniel diante do oferecimento do corrompido Belsazar: "As tuas dádivas fiquem contigo, e dá os teus presentes a outro" (Dn 4.17).

Capítulo 12

A Rebelião e a Contradição de Corá

Ai deles! Porque [...] pereceram na contradição de Corá (Jd 11).

Introdução

O inspirado comentarista norte-americano Warren Wiersbe assim discorre acerca da rebelião de Corá, Datã e Abirã: "Os que imitam a Corá estão a desafiar a Palavra de Deus e aos ministros por ele constituídos".

Infelizmente, o pecado de Corá não pereceu com Corá; muitos são os seus imitadores. Lembra-te de Abimeleque? Do jovem Absalão? E de Alexandre, o latoeiro? Eles todos imitaram a Corá, que era, por seu turno, um perfeito imitador do diabo.

> *A quem tens imitado? Ao Senhor Jesus que se esvaziou a si mesmo a fim de cumprir a vontade do Altíssimo? Ou ao ungido querubim que se inflou de orgulho porque almejava ser mais alto*

do que o próprio Altíssimo? Se nos humilharmos perante Deus, certamente, seremos exaltados. Mas, se contra Ele e seus ministros nos rebelarmos, abatidos seremos.

Vejamos como o apóstolo Judas usa a imagem de Corá para retratar os que se rebelam contra Deus e contra os seus ministros.

I. Quem Era Corá

Corá era um obreiro que tinha tudo para dar certo. Pertencia a tribo de Levi; possuía uma subsistência vitalícia e, por todos os seus irmãos, era ele honrado. Além disso, achava-se entre a nobreza de Israel. Diz o historiador Flávio Josefo que, entre os hebreus, o ofício sacerdotal conferia um *status* superior ao da realeza. Era mais honroso pertencer ao ministério que à nobreza davídica.

Só havia um problema com Corá; não tinha a cabeça no lugar. Assemelhava-se a muitos obreiros que, de ministério em ministério e de convenção em convenção, vivem a causar divisões e cismas na Obra de Deus.

Tivesse ele mais paciência e humildade, receberia certamente uma elevada honra na Casa de Levi. Infelizmente, Corá era um obreiro mui pretensioso; achava que o mundo girava em torno de si.

Quais as tuas pretensões? A glória de Deus ou a glória pessoal? De nada nos adianta ganhar o mundo todo e perder a alma. Glorifica o nome de Deus por intermédio de teu ministério. A nossa maior glória não é a própria glória; é a glória do Deus de toda a glória.

II. A Contradição de Corá

O capítulo 16 de Números revela-nos ter sido Corá um obreiro que era a mesma pretensão. Vejamos até onde chegavam o orgulho, a vaidade e as demandas desse obreiro.

1. Seu orgulho espiritual. Corá era do tipo de obreiro que se orgulhava de ser humilde. Eis o que disse a Moisés: "Demais é já; pois que toda a congregação é santa, todos eles são santos, e o SENHOR está no meio deles; por que, pois, vos elevais sobre a congregação do SENHOR?" (Nm 16.3).

Atrás de todo esse vocabulário piedoso, havia um irreprimível espírito de rebeldia. Nas entrelinhas, estava Corá a dizer que, já que toda a congregação era santa, por que precisaria de um pastor?

Lembra-te daqueles crentes de Corinto que, batendo no peito, afirmavam ser apenas de Jesus? São os piores. Pelo menos os que se diziam de Paulo, a Paulo obedeciam; os que diziam ser de Cefas, a Cefas se curvavam. Mas os que afirmavam pertencer apenas a Jesus, implicitamente declaravam que, para eles, não havia pastor, nem presbítero, nem diácono. Não aceitavam nenhum líder. Eles parecem espirituais e até santos, mas os seus frutos mostram que, na verdade, são soberbos, desobediente e rebeldes.

A gênese de toda a apostasia reside exatamente na atitude de Corá. Primeiro, rebela-se contra o ministério; em seguida, levanta-se contra a sã doutrina; depois, parte-se em busca dos falsos mestres e doutores que tudo farão por justificar as mais impensáveis aberrações teológicas e doutrinárias, desde que isso lhes traga lucros. Se quisermos, pois, coibir as heresias que se erguem contra o povo de Deus, comecemos por disci-

plinar aqueles que se rebelam contra o ministério instituído por Cristo através do Espírito Santo.

> *Tens considerado devidamente o ministério constituído por Cristo? Ou tens agido como Corá e seu bando? Lembra-te: Cristo é o cabeça da Igreja, mas deixou-nos Ele um ministério com a incumbência de administrar o seu povo.*

2. O inconformismo de Corá. Corá era do tipo de obreiro que jamais se conformou com o cargo que lhe confiara o Senhor. Não lhe bastava o sacerdócio; queria o lugar de Arão. Aliás, já exigia o posto de Moisés.

Infelizmente, não são poucos os obreiros que vem imitando a Corá. Se diáconos, não se preocupam em servir; cobiçam o presbiterado. Já presbíteros, almejam a cadeira do pastor. Todavia, não servem, nem consolam nem pastoreiam. Buscam uma glória que, definitivamente, de nada lhes aproveita.

Ao pretensioso e inconformado Corá, exorta Moisés: "Porventura, pouco para vós é que o Deus de Israel vos separou da congregação de Israel para vos fazer chegar a si, a administrar o ministério do tabernáculo do SENHOR e estar perante a congregação para ministrar-lhe?" (Nm 16.9).

> *Do Senhor, querido obreiro, tens recebido as maiores honras e deferências. Por isso, não te deixes levar pelas revoltas. Agradece a Deus pelo ministério que Ele te confiou.*

3. A desobediência de Corá. Além de orgulhoso e inconformado, o bando de Corá era desobediente. Quando Moisés convocou a Datã e a Abirã para uma reunião de pres-

tação de contas, responderam eles: "Não subiremos" (Nm 16.13).

Como é difícil lidar com o desobediente! Ele não obedece a ninguém. Prestar contas? Nem pensar. Além disso é respondão. O obreiro que tem o hábito de prestar contas à sua convenção, ao seu pastor-presidente, ao seu ministério, à sua igreja e à sua família, jamais cairá em certas contradições e pecados.

> *Tens prestado contas de teu ministério? Ou achas que podes caminhar, ignorando as autoridades por Deus constituídas na Igreja de Cristo? Se foste chamado para ser obreiro, torna-te em tudo um fiel despenseiro. É o que o Senhor requer de cada um de seus servos.*

4. A contradição de Corá. Diz Judas que Corá pereceu em sua própria contradição. Em grego, *antilogía*. O vocábulo não significa apenas contradição, mas também controvérsia. Isto significa que Corá vivia para criar controvérsias entre o povo de Deus.

Recomenda Paulo a Timóteo: "E ao servo do Senhor não convém contender, mas, sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor" (2 Tm 2.24). Contender, porém, era o ministério de Corá. Contendia com Moisés e com Arão. Contendia com o povo e até consigo próprio contendia. E, assim, de contenda em contenda, foi ele formando a sua congregação de rebeldes.

> *Tens evitado as contendas? Ou te delicias com elas? O homem de Deus jamais se perde em palavrórios inúteis; busca sempre a Deus e deixa que Deus lute por ele.*

III. A Congregação dos Rebeldes

Diz o texto sagrado que Corá e o seu bando congregaram-se contra Moisés (Nm 16.3). Em tudo pareciam uma igreja bem constituída. Achavam-se organizados, possuíam um guia, faziam uso de um vocabulário místico e ostensivamente professavam o nome de Deus. Todavia, não passavam de uma congregação de rebeldes.

Temos de estar bem atentos aos que se congregam para se rebelarem contra a Obra de Deus.

1. O rancho dos profetas. Não são poucos os profetas que se reúnem para jogar a igreja contra o seu pastor e o pastor contra o ministério. Brincando com o nome de Deus e abusando dos dons espirituais, destroem lares e reputações. Parecem ovelhas, mas não passam de lobos; dilapidam o patrimônio dos santos e o tesouro da igreja.

Se tens algum problema, não saias por aí à cata de profecias. Fala com o teu pastor. Se Deus tem para ti alguma palavra profética, esta certamente virá. Consulta a Bíblia – a inspirada, inerrante e infalível Palavra de Deus.

Quanto aos que detém o dom profético, que se conscientizem: 1) O dom não lhes pertence, é uma dádiva divina; 2) A direção da igreja não foi confiada aos que receberam os dons espirituais, mas aos que o Senhor confiou os dons ministeriais (Ef 4.8-11); 3) Insurgir-se contra o pastor da igreja e seu ministério significa rebeldia declarada; é um pecado tão grave quanto o de feitiçaria (1 Sm 15.23).

É mister nos precavermos contra os pseudoprofetas, pois estes desconhecem escrúpulos e limites. Em seus embustes e falsidades, levantam falsos testemunhos contra os membros

da igreja, colocando o pastor e o ministério em sérias dificuldades. Não são raros os casos em que moças e senhoras, sentindo-se ofendidas por um enunciado profético, entram na justiça contra a igreja. Enquanto isso, vai o tal profeta para outra cidade, deixando o pastor da igreja às voltas com estragos irreparáveis. Quando o Espírito Santo fala através dos dons proféticos, nenhuma dificuldade surge nessa área, pois a sua missão é consolar, exortar e edificar (1 Co 14.3).

2. A departamentalização da igreja. Eis aí um terreno mais que propício aos Corás e Abirãs. Tendo em vista a sua administração e liturgia quase informais, algumas igrejas permitiram a multiplicação de departamentos e grupos que, além de prejudicarem o bom andamento dos cultos, transformaram-se em feudos, e tentam agora fazer dos pastores meros vassalos.

Quem já não teve problemas com um líder de mocidade que é o mesmo orgulho? Ou com um maestro que exerce mais influência sobre a igreja do que o próprio pastor? Ou com o responsável pelo culto de libertação que, caso sinta-se desprestigiado, não vacila em jogar seus seguidores contra o anjo da igreja? Ou daquela irmã que todas as vezes que se sente contrariada desfere profecias contra os ministros de Deus?

> *Se recebeste a liderança de um departamento da igreja, não te ensoberbeças. Humilha-te sempre diante de Cristo Jesus e jamais te negues a prestar antes os ministros por Ele constituídos. Sê fiel no pouco; no muito te constituirá o Senhor.*

Conclusão

Na casa de Deus não pode haver lugar para Corá. Os ministérios foram constituídos pelo próprio Cristo a fim de

que o seu Reino possa atingir todos os seus objetivos.

Levemos em conta também ter sido Davi o organizador dos levitas em turnos. O grande rei jamais deixaria tal incumbência aos neófitos, pois sabia que o avivamento espiritual passa necessariamente pela excelência da música e pela submissão às autoridades divinamente constituídas.

Se os rebeldes, porém, não quiserem reconhecer o primado de Cristo e a autoridade que Ele confiou aos seus ministros, terão o mesmo destino de Corá: o chão abrir-lhes-á engolindo-os vivos.

Capítulo 13

Quando os Ímpios se Intrometem na Congregação dos Santos

Estes são manchas em vossas festas de caridade, banqueteando-se convosco e apascentando-se a si mesmos sem temor; são nuvens sem água, levadas pelos ventos de uma para outra parte; são como árvores murchas, infrutíferas, duas vezes mortas, desarraigadas; ondas impetuosas do mar, que escumam as suas mesmas abominações, estrelas errantes, para os quais está eternamente reservada a negrura das trevas (Jd 12,13).

Introdução

Li, certa vez, acerca de uma igreja que vinha apresentando um crescimento fenomenal. Pelo que pude inferir da reportagem, tratava-se de uma igreja feita sob medida àquelas pessoas que, embora se declarem noivas do Cordeiro, continuam amantes do mundo.

Uma de suas adeptas chegou a declarar que segue tocando normalmente a vida. O fato

de ser evangélica, alegou, não a inibe de usar mini-saias, nem de praticar o nudismo.

É nessas horas que a gente tem vergonha do evangelho que andam praticando por aí. Tais crentes jamais foram sarados de seus pecados e apostasias; seus corações são uma terra enfermiça.

Vejamos o que Judas tem a dizer acerca desses joios que crescem entre o trigo.

> *Como você tem se comportado entre os santos? É o trigo do Senhor? Ou o joio semeado pelo adversário? Chegou o momento de nos alinharmos com o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Caso contrário: seremos tratados como aqueles iníquos do Salmo 1 que, apesar de suas artimanhas, não puderam permanecer na congregação dos justos.*

I. O Alerta de Judas Quanto aos Falsos Crentes

Judas faz-nos um grave alerta quanto aos ímpios que, sob o disfarce de abalizados mestres e doutores, intrometem-se em nossas festas e reuniões solenes. O apóstolo tacha-os de manchas, nuvens sem água, árvores murchas, ondas impetuosas e estrelas errantes (Jd v.12).

Utilizara-se Judas inicialmente de analogias extraídas do Antigo Testamento para descrever os ímpios. Agora, através de figuras emprestadas da natureza, mostra quão daninhos e nefastos são eles, pois, subrepticiamente, se vão introduzindo entre os santos, roubando destes toda a comunhão com o Senhor Jesus.

1. Quando os ímpios se banqueteiam. A expressão grega *spilás*, traduzida como mancha, é usada também para descrever um vento sujo, lamacento e tempestuoso. Era um fiel retrato daqueles que se imiscuíam nos ágapes e outras festas dos crentes primitivos, com o intuito de banquetear-se a si mesmos, e deturpar a comunhão dos santos. Sutilmente, iam eles comprometendo a singeleza das reuniões cristãs, tirando destas toda a santidade e induzindo os néscios às mais grosseiras abominações (2 Tm 4.6,7).

Fritz Rienecker aprofunda-se na exegese dessa passagem de Judas: "O significado aqui é que os falsos mestres eram responsáveis pela destruição da fé e do comportamento decente de seus companheiros cristãos, assim como recifes submersos podem afundar navios". Quantas igrejas não têm perdido suas características em conseqüência da falta de vigilância e de rigor na aplicação da Palavra de Deus!

Em seu abalizado comentário, discorre o Dr. David H. Wallace: "Festas de fraternidade eram refeições feitas em conexão com os cultos de adoração ou a Eucaristia, e sua intenção era aumentar a comunhão cristã dos crentes, fortalecendo seu senso de união com Cristo. Ao que parece os heréticos gnósticos corromperam tais festas em orgias vorazes, pervertendo assim seu propósito. Eles se alimentavam sem se preocupar com o bem-estar espiritual da Igreja".

2. Quando os ímpios mercadejam com o rebanho de Cristo. Muitos são os que fazem do rebanho de Cristo um simples mercado (2 Pe 2.3). Visando lucros cada vez mais nédios, vão juncando nossas searas de apostasias, cismas e mentiras. E o que dizer daqueles que, no ocaso de suas carreiras mundanas, transformam os púlpitos em palcos; e, os fiéis, em

fãs abobalhados? Através de seus shows irreverentes, acabam eles por comprometer a adoração e a reverência do culto divino. Não bastasse, espoliam as igrejas com pesados cachês e outros encargos. Desgraçadamente, o que recusamos à Obra Missionária, entregamos aos aventureiros e mercenários.

Acerquemo-nos de todo o cuidado, pois os comerciantes da fé não visam apenas os haveres dos santos. Eles anseiam por nos corromper a doutrina, a fim de que possam operar com mais liberdade em nosso meio. Se nos mantivermos firmes na doutrina dos apóstolos e dos profetas, haveremos de expulsá-los de nossos apriscos. Por que comungar com os lobos?

3. Quando nossos modelos são trocados. Através de suas palavras e ações, os falsos doutores estão a nos induzir os jovens a uma vida fútil e descompromissada com Deus (Ap 2.14). Eles são máculas que estão a enodoar aqueles que deveriam ter sempre brancas as vestes (Ec 9.8).

Tenho saudades do tempo em que os modelos dos jovens eram John Wesley, Charles Spurgeon, Daniel Berg e Billy Graham (Tt 2.17). Hoje, são jogadores e artistas que, embora se digam filhos de Deus, recusam-se a abandonar a cultura do príncipe das trevas. Não estou dizendo que inexistam convertidos entre eles; o que quero deixar bem claro é que, aquele que está em Cristo, nova criatura é; como filho de Deus deve portar-se em todas as instâncias (2 Co 5.17).

> *Você já deixou a cultura do mundo? Ou ainda tem o coração nas glórias que o presente século oferece? Quem são os seus modelos? Os santos ou aqueles que, apesar de toda a glória mundana, ingloriamente desaparecerão? Tenha como modelo a Cristo Jesus; Ele é o nosso supremo padrão.*

II. A Falsa Aparência dos Ímpios

Eles têm muita aparência (2 Tm 3.5). Dão a impressão de estarem sempre cheios do Espírito. Mostram-se às vezes mais crentes que os próprios crentes. No entanto, são nuvens sem água. Parecem carregados de unção, mas não chovem boas obras nem virtudes.

1. Quando as nuvens são inúteis. Judas apresenta os ímpios como nuvens arrastadas de um lado para outro, frustrando, com a sua inconstância, a expectativa dos que esperam pelas chuvas (Tg 5.7). Rienecker avança em sua exegese: "A sugestão é que os praticantes do erro são, todos, sombra e não substância; eles não têm nada para dar aos que são tolos o bastante para dar-lhes atenção". Leia o versículo 10 de Judas.

> *Como é triste ver um crente nessa situação! Ele vive apenas de aparência. Interiormente, é um vazio. Caso não se arrependa e busque um real avivamento, jamais entrará na gloriosa Sião. Como está a sua vida com Deus? É aparência ou poder?*

2. Quando os ímpios encontram guarida em nosso meio. Infelizmente, vêm os ímpios encontrando generosas guaridas em nossas igrejas. Promovem eles cultos de libertação, shows e até reuniões de avivamento. Parecem filhos de Deus, mas são afilhados de Satanás. Mostram-se interessados no Reino dos Céus, mas o que mais desejam é expandir seus impérios aqui na terra. Eles odeiam a Igreja de Cristo, e lutam por destruir as bases da sã doutrina; são os maiores inimigos da Escola Dominical. Eles não podem suportar uma igreja edificada nas Sagradas Escrituras. Resistamos-lhes com a Palavra de Deus;

certamente fugirão de nosso meio (Tg 4.7). Não nos impressionemos com eles; são nuvens sem água.

> *Em que base está você edificado? Busque solidificar-se na doutrina dos apóstolos e dos profetas. Somente assim, haveremos de vencer os encantos e as sutilezas das falsas religiões. Urge estarmos aparelhados para resistir os ataques dos falsos profetas e doutores. Só há um modo de se combatê-los: com a autoridade da Palavra de Deus.*

III. A Vida Infrutífera dos Ímpios

Eles existem, mas não têm vida. São duas vezes mortos (Jd 12). Além de estéreis, acham-se fossilizados. A expressão usada pelo apóstolo – *fthinoporinós* – retrata as árvores no final do outono: secas, desfolhadas, minguadas em seu crescimento.

Infrutuosos, buscam os ímpios exaurir-nos o fruto de nossa comunhão com o Espírito Santo, e drenar-nos a seiva do serviço que santificamos ao Senhor Jesus Cristo (Gl 5.22). Eles não têm frutos. Se não se arrependerem, em breve serão lançados na fornalha de fogo ardente (Mt 3.10).

> *Você está plantado junto às correntes de água? Então chegou o momento de dar os frutos esperados. Não queira agir como aquela figueira amaldiçoada pelo Senhor Jesus. Dar o fruto na estação própria significa prosperar espiritualmente e ter uma vida repleta de Deus. O fruto do Espírito Santo tem de permear toda a nossa existência.*

IV. A Impetuosidade dos Ímpios

Os falsos movimentos fazem grandes alardes, e chegam a impressionar até os mais precavidos. Entretanto, não passam de "ondas impetuosas do mar, que escumam as suas mesmas abominações" (Jd v.13).

Certa feita, a igreja no Brasil foi surpreendida por um movimento que causou estragos irreparáveis em alguns rebanhos. Mas, à semelhança das ondas referidas pelo apóstolo, acabou por se desfazer na rocha da sã doutrina (Jr 23.29). Infelizmente, nem todos os estragos puderam ser reparados. Entretanto, o Senhor a tudo presenciou. Em seu Tribunal, seremos chamados a prestar contas dos escândalos não evitados, das heresias não debeladas e das ovelhas não arrancadas aos lobos.

Não nos impressionemos com o som dessas ondas. Provemos se os espíritos procedem de Deus, ou se do príncipe deste século (I Jo 4.1). O Senhor Jesus alertou que os falsos mestres e profetas enganarão, se possível, os mesmos escolhidos (Mt 24.24).

> *Você tem provado os espíritos? Tem confrontado os modismos e as falsas doutrinas com as Sagradas Escrituras? Não podemos, sob hipótese alguma, assimilar tudo o que a mídia nos apresenta. Seguindo a recomendação de Paulo, examinemos tudo e retenhamos o bem.*

Os modismos tornaram-se mais daninhos que as heresias. Estas podem ser identificadas; aqueles, não. Elas podem ser desarraigadas; aqueles, não; de tal forma acham-se enraiza-

dos entre os santos que, se os arrancarmos antes do tempo, acabaremos por comprometer o trigo que vem recebendo do Senhor especial cuidado. Só há uma forma de se combater os modismos: impedindo sua entrada na seara de Cristo. Estejamos, pois, em constante vigilância; o adversário trabalha, e com muita eficácia, no torno da noite.

V. O Efêmero Brilho dos Ímpios

Nunca brilharam no mundo evangélico tantas estrelas! Vivemos a era do incremento do marketing pessoal. Já não se é atraído pela unção do mensageiro, mas por seu desempenho diante da mídia. Consagração, hoje, é sinônimo de performance. Quando se convida um pregador, já não se pergunta se tem ele comunhão com Deus, mas se tem intimidade com as câmeras. Não queremos saber se ele fala com Deus, mas se é desembaraçado para falar ao microfone.

Deixamo-nos, assim, arrastar por homens e mulheres destituídos da graça de Deus. Os tais só perseguem a glória humana. São como Demas que, por amar o presente século, abandonou a Paulo, tornando-se um astro errante (2 Tm 4.10). A igreja não pode impressionar-se com os que brilham, mas com aqueles que, à semelhança da estrela de Belém, levam os viajores até à manjedoura (Mt 2.9).

Quanto aos astros e estrelas que, por intermédio de seu mau exemplo, fazem errar os que buscam o Cristo de Deus, está-lhes reservada "a negrura das trevas" (Jd 13). Aí haverá choro e ranger de dentes. Essa imagem de Judas deveria ser considerada por todos os que atuam no ministério cristão. Não fomos chamados para ser estrelas; fomos convocados a

fim de brilhar como aqueles astros referidos pelo profeta: "Os entendidos, pois, resplandecerão como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas, sempre e eternamente" (Dn 12.3).

O que é uma estrela errante? Quando Judas usou essa imagem, tinha ele em mente um astro sem órbita e totalmente desgovernado. Uma estrela inútil: não serve para alumiar a terra nem para orientar o viajante. Moffat, o grande erudito e missionário inglês, descreve essas estrelas como aqueles cometas que, deixando suas órbitas, tornaram-se perdidos pelo infinito do espaço. Este é o destino dos que se afastam dos caminhos de Deus!

> *Se você quer brilhar, brilhe nas mãos de Deus. E que o seu brilho não sirva para incrementar o seu marketing pessoal. Mas para glorificar a Cristo e ajudar o próximo.*

Conclusão

Os evangélicos no Brasil já podem ser contados aos milhões. Se, por um lado, alegramo-nos com o avanço do evangelismo pátrio, por outro, não podemos ignorar a ameaça daqueles que já nos rodeiam interessados no mercado que representamos ou na quantidade de votos que possuímos.

Não haveremos de perder nossas características. Somos povo de Deus. E, como tais, permaneceremos. Não vamos permitir que os ímpios, e principalmente os falsos mestres e profetas, mercadejem com a igreja de Cristo.

Capítulo 14

A Profecia de Enoque para os Últimos Dias

E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos, para fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade que impiamente cometeram e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra ele (Jd 14,15).

Introdução

Tivesse Enoque morrido aos 365 anos, certamente este teria sido o seu epitáfio: "Ele andou com Deus". Ele, porém, não morreu; Deus o tomou para si. E, ao invés de um epitáfio, temos um grande exemplo a que todos nos obrigamos a seguir.

Neste capítulo, veremos que, apesar de todos os males que cerceiam a Igreja, é possível andar com Deus. Assim como foi Enoque arrebatado, em breve o seremos também. Mas, en-

quanto aqui estivermos, temos de fazer ecoar a voz profética de Nosso Senhor Jesus Cristo. Neste sentido, como mostra Judas, foi Enoque um tipo mais que perfeito para a Igreja.

I. Quem Foi Enoque

O feito dos justos é realmente grande, mas quão sucinta é, às vezes, a sua biografia! Haja vista Enoque. Toda a sua história pode ser condensada em pouco mais de dez versículos. Não temos muitos detalhes acerca de sua vida doméstica ou social. Tudo o que sabemos é que houve um homem chamado Enoque, que andou com Deus, até que um dia foi levado para o céu sem haver experimentado a morte.

> *Você tem andado com Deus? Tem agradado a Deus em todas as instâncias de sua vida? O Senhor requer que todos os seus servos mantenham uma firme e íntima comunhão com Ele. Se com Deus andarmos, haveremos de ter um testemunho igualmente poderoso.*

1. Seus ancestrais. Não podemos confundir este Enoque com o descendente de Caim de mesmo nome (Gn 4.17,18). O Enoque de que estamos a tratar pertencia à linhagem piedosa de Sete, e era filho de Jarede (Gn 5.18).

Não sabemos ao certo o significado de Enoque em hebraico. Eis algumas sugestões: treinado, iniciado e mestre. Segundo a tradição judaica, foi Enoque o iniciador de algumas ciências como a escrita, a aritmética e a astronomia. Tais informações, porém, não passam de folclore. O dado mais importante de sua biografia é a sua conversão.

2. Sua conversão. Do texto sagrado, inferimos que Enoque converteu-se aos 65 anos por ocasião do nascimento de seu filho (Gn 5.22). O que havia de tão especial naquele bebê que o teria levado a voltar-se ao Deus de seus antepassados? Não o sabemos. Afinal, o autor sagrado teve de sintetizar mais de dois mil anos de história em apenas I I capítulos.

Devido às condições climáticas e ecológicas extremamente favoráveis do mundo antediluviano, as pessoas daquela época desfrutavam de uma longevidade inimaginável em relação à expectativa de vida de nossos dias. Matusalém, por exemplo, chegou a viver quase um milênio. Tendo em vista as idades de seus contemporâneos, a vida de Enoque pode ser tida como visivelmente mediana. Contudo, foi mais do que suficiente para deixar um poderoso testemunho de fé e de serviços a Deus.

3. Sua vida familiar. Enoque não teve de tornar-se um eremita para viver como santo. Ele foi um homem santo como pai de família; foi santo vivendo num mundo que, a cada dia, corrompia-se flagrante e irremediavelmente (Gn 5.22); foi santo quando todos os seus contemporâneos tornavam-se ímpios e agarravam-se às coisas vãs.

Segundo alguns eruditos, Enoque, em hebraico, pode significar também ser humano. Temos aí, pois, mais um motivo para agradar a Deus apesar de todas as fraquezas que nos cercam. Não temos de viver enclausurados para glorificar a Deus. É justamente em meio às dificuldades e às tentações que Ele é louvado através de seus servos.

> *O que a sua geração dirá a seu respeito? Que você foi um homem santo? Ou que se conformou com este século? O profeta Enoque alcançou um admirável testemunho de seus contemporâneos. O seu testemunho,*

leitor, tem de ser igualmente admirável e irresistível. Somente assim poderemos glorificar a Deus.

II. A Piedade de Enoque

Enoque andou com Deus durante três séculos. Isto significa que, tivesse ele se convertido em 1800, quando a independência do Brasil ensaiava os primeiros passos, ainda estaria entre nós, mantendo a qualidade de sua vida espiritual e a ardência do primeiro amor.

Manter a qualidade da vida espiritual! Eis uma das maiores necessidades de nossa geração. De acordo com os padrões bíblicos, não podemos nem temos de regredir em nossa comunhão com Deus. Pois o Espírito Santo incita-nos a avançar continuamente até que venhamos a alcançar a estatura de perfeitos varões. É o que constatamos na vida de Enoque. Ele andou 300 anos com Deus, e, nestes três séculos, soube como preservar a qualidade e o contínuo avanço de sua espiritualidade.

Você anda com Deus? Ou já desistiu? Como está a sua vida espiritual? E o seu testemunho cristão? Andar com Deus não é uma simples opção para o crente; é uma necessidade diária que tem de ser satisfeita com a qualidade que a Bíblia requer.

III. O Arrebatamento de Enoque

Enoque foi uma perfeita figura da Igreja de Cristo. Andou com Deus, prestou um eloqüente testemunho da verdade e, finalmente, foi arrebatado quando se agravava a crise da

primitiva civilização: "E andou Enoque com Deus; e não se viu mais, porquanto Deus para si o tomou" (Gn 5.24).

De que forma o Senhor tomou a Enoque? Não o sabemos. A Bíblia limita-se a relatar que aquele homem piedoso e santo foi levado para os céus sem haver experimentado a morte. Foi ele levado num carro de fogo como Elias? Ou tomado por um anjo? Tais detalhes não são importantes. O mais importante é saber que um homem, em virtude de seu testemunho, agradou a Deus e por Deus foi tomado.

Observemos como o autor sagrado descreve o final da carreira terrestre de Enoque: "Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si" (Gn 5.24). O autor da Epístola aos Hebreus assim interpreta esta passagem de Gênesis: "Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois antes da sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus" (Hb 11.5).

Enoque, pois, era um homem tão puro e de tal forma piedoso, que Deus resolveu tomá-lo para si antes mesmo que ele fosse submetido ao processo da morte física. Ao que tudo indica, era exatamente isso o que desejava o profeta, pois já estava cansado da perversidade de sua geração.

Durante trezentos anos, andou com Deus e profetizou. Entretanto, parece que seus contemporâneos já não se impressionavam com as suas profecias. Arrebatado aos céus, nem lhe devem ter pressentido a falta; continuaram em seus delitos e pecados. Aquela geração em nada diferia da nossa.

Você está preparado para ser tomado por Deus? Em breve, Cristo Jesus virá arrebatar a sua Igreja. As profecias continuam a se cumprir uma após outra.

IV. A Profecia de Enoque

Como Judas logrou resgatar a profecia de um homem que viveu num período em que, provavelmente, ainda não havia escrita? Não estou aqui para especular. Creio firmemente ser a Bíblia a inspirada, a infalível e a inerrante Palavra de Deus. Além disso, não precisamos ter voz onde a Bíblia se cala. Ora, se a Palavra de Deus afirma que Enoque profetizou, para mim Enoque é profeta. Devemos receber a Bíblia com mais simplicidade e não com a desconfiança daqueles críticos que, no século XIX, lançaram a Palavra de Deus em total descrédito; e, por isso, foram obrigados a colher amarga colheita. Concentremo-nos, pois, na profecia de Enoque.

1. A profecia de Enoque. A profecia de Enoque é essencialmente apocalíptica. Num período em que se aguardava o nascimento da Semente da mulher, vem Enoque e anuncia a manifestação plena do Filho do Homem como o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Fora revelado também o mistério da Igreja, pois faz ele referência aos milhares de santos que, na segunda fase da segunda vinda de Cristo, haverão de acompanhar o Senhor: "Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos" (Jd 14).

Enoque não era apenas profeta, mas um mestre incontestável das coisas divinas. Era o homem que tinha acesso aos mistérios de Deus. E, nesses mistérios, avançou de tal forma, que chegou inclusive a profetizar a manifestação plena de Cristo Jesus.

2. O tema da profecia de Enoque. A volta gloriosa de Cristo Jesus é o tema das profecias de Enoque. Tão elevado era o tema de sua profecia, que os cristãos só viemos a entendê-la corretamente após as duas epístolas de Paulo aos

tessalonicenses e depois de lavrada a mensagem do Apocalipse. Não bastasse tamanho privilégio, o profeta antediluviano veio a experimentar ainda, na própria carne, o que estamos prestes a vivenciar: a glorificação de nossos corpos mortais. Enoque é o tipo da Igreja arrebatada e glorificada (I Co 15.50-57). Aleluia!

3. O que Enoque previu. Sintetizando de forma maravilhosa a manifestação de Nosso Senhor juntamente com a sua Igreja, profetizou Enoque: "Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos, para fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade que impiamente cometeram e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra ele" (Jd 14,15).

Enoque profetizou também que o Cristo manifesto e glorioso punirá a todos os ímpios e blasfemos. Não escaparão, pois, aqueles que se introduzem em nossas festas e confraternizações para banquetearem-se a si mesmos e mercadejar com a simplicidade dos santos. Os tais são inimigos declarados de Cristo; insultam-no com "duras palavras". O que isto significa? Eles pecam não por ignorância; pecam sabendo perfeitamente a quem estão insultando.

Como pode alguém insultar a Cristo com duras palavras? Recorramos ao original. Diz o escritor sagrado: *skleron on elálesan*. A expressão grega indica um modo incivilizado e descortês de se dirigir a alguém. Indica também desumanidade. Os ímpios falam do Filho de Deus como se este nada representasse; referem-se ao seu sacrifício com zombaria e desrespeito. O que não merecem os tais indivíduos senão o castigo divino?

O dia da vingança de Nosso Senhor já é chegado. Assim como a geração de Noé foi surpreendida com o dilúvio, a nossa o será pela ira do Cordeiro. Só há um meio de se escapar

à ira do Filho de Deus: humilhando-se diante dele e aceitando-o como Salvador e Senhor.

Ao invés de ficar especulando a respeito da profecia de Enoque, busque a Deus enquanto é tempo. Atente às advertências das Sagradas Escrituras. Somente assim poderemos livrar-nos deste mundo que jaz no maligno.

V. Como Andar com Deus

Qual a maior lição que podemos tirar da vida de Enoque? Ele andou trezentos anos com Deus. Sabe o que isto significa? Três séculos de piedade, pureza e integridade. Carecemos desesperadamente de homens, mulheres, jovens, adolescentes e crianças que andem com Deus e professem a Cristo Jesus. Mas, como andar com Deus?

1. Mantendo uma vida de oração. Diz o belíssimo hino da Harpa Cristã que muitos santos chegaram à glória sob o manto da doce oração. Infelizmente, parece que a oração já não é mais aquela maravilhosa e dulcíssima disciplina. Urge, pois, voltarmos a orar como os antigos. "Orai sem cessar" (I Ts 5.17). Há pretensos teólogos ensinando que o crente não precisa mais jejuar nem orar por já ser um eleito de Deus. Cuidado! Continue a orar, jejuar e a buscar a face do meigo Salvador. Somente assim chegaremos às mansões celestes.

2. Mantendo uma vida de integridade. A pergunta feita a Jó, no ardor de seu sofrimento, tem de ser remetida aos crentes desta geração: "Ainda reténs a tua integridade" (Jó 2.9).

Seria redundância dizer que, hoje, vivemos uma séria crise de integridade na Casa de Deus. Mas infelizmente é verda-

de. Nunca os crentes mostraram-se tão descompromissados com Deus como agora. Não podemos separar a vida pessoal da espiritual; ambas são partes inseparáveis de um todo que em tudo deve ser santo. Os que buscam tal separação, via de regra, lesam o fisco, furtam o governo, prejudicam os consumidores e clientes, roubam a Deus, traem o cônjuge, etc.

> *Amado leitor, não há divisão entre a nossa vida particular e a espiritual. Essa dicotomia não existe; esse dualismo é impossível. A reivindicação divina é clara: "Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver" (1 Pedro 1.15). Se você pretende andar com Deus, aprenda a ser íntegro. Deus não anda com corruptos.*

3. Mantendo a boa confissão. Em seu *Livro dos Mártires,* Jonh Fox relata a história de centenas de homens e mulheres que preferiram a morte a trair o seu Senhor.

> *Como está a sua confissão? Está disposto a morrer pelo Senhor Jesus?*

Conclusão

Enoque andou com Deus. Assim pode ser resumida a biografia deste herói da fé. Se você for chamado agora mesmo à eternidade, como será resumida a sua vida terrena?

Precisamos de homens, mulheres, jovens, adolescentes e crianças que andem com Deus até que, um dia, todos sejamos arrebatados ao encontro do Senhor nos ares.

Capítulo 15

A Chegada dos Escarnecedores

Estes são murmuradores, queixosos da sua sorte, andando segundo as suas concupiscências, e cuja boca diz coisas mui arrogantes, admirando as pessoas por causa do interesse. Mas vós, amados, lembrai-vos das palavras que vos foram preditas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo, os quais vos diziam que, no último tempo, haveria escarnecedores que andariam segundo as suas ímpias concupiscências. Estes são os que causam divisões, sensuais, que não têm o Espírito (Jd 16-19).

Introdução

Judas adverte-nos não apenas contra os falsos doutores e mestres, mas também a respeito dos escarnecedores. Tanto estes quanto aqueles são nocivos à Obra de Deus. Mas ambos podem ser encontrados a desfrutar de generosas guaridas entre os santos. É necessário precaver-nos contra os tais. Pois são exímios obreiros do diabo: querem nos matar a fé, buscam roubar-nos a comunhão com Deus e se esforçam por destruir-nos as bases da sã doutrina.

Os escarnecedores nem sempre parecem escarnecedores. Seus deboches e zombarias travestem-se, às vezes, de piedades e se disfarçam de verdades teológicas. Todavia, não são verdades nem piedades; são impiedades e mentiras. Acerca dos tais temos as advertências não somente de Judas como de outros apóstolos. Consideremos, pois, todos esses alertas.

> *Esteja atento! Não se deixe induzir pelos escarnecedores. Inimigos da cruz de Cristo, são irreconciliáveis. Mas em nossa reverência e temor a Deus, haveremos de prevalecer: é muito mais forte aquEle que em nós está do que aquele que se acha no mundo.*

I. Quem São os Escarnecedores

Certa vez, tentei ler alguns poemas de Gregório de Matos, mas não pude avançar além dos três ou quatro versos. Jamais vira tantos escárnios e blasfêmias concentrados em tão poucas linhas. Aquele poeta, apesar da arte que dominava e do engenho que lhe era tão peculiar, afrontava a Deus e nenhum respeito demonstrava pelo semelhante. Não foi sem razão que entrou ele para a história como o "boca do inferno". Gregório de Matos era um consumado escarnecedor.

Nem todos os escarnecedores, porém, usam linguagem de calão. Alguns zombam de Deus, utilizando-se de um estilo elegante e acadêmico. De uma forma ou de outra, é um escarnecedor e, como tal, constitui-se num inimigo de Deus.

1. Definição. Escarnecedor é aquele que faz escárnios, zombarias e troças de Deus e de seus semelhantes. É aquele que, desconhecendo o respeito e as convenções sociais, deleita-se em escarnir de tudo e de todos.

2. Conceito teológico. *Empaíktes* é o substantivo grego usado por Judas para designar o escarnecedor que, via de regra, é um declarado inimigo de Deus. Conscientemente, zomba de do Todo-Poderoso, e menospreza tudo o que é sagrado.

Vejamos a seguir como são os escarnecedores, e como podemos identificá-los.

II. Como São os Escarnecedores

O escarnecedor é alguém que, devido às suas muitas e continuadas iniqüidades, tornou-se uma aberração moral. Ele é descrito como:

1. Murmurador. É aquele que fala mal do próximo, vive a maldizer e a conceber juízos temerários. É o difamador.

Na língua grega, o murmurador é o *gongustés*: é aquele que, sem qualquer razão, dá expressão audível às suas insatisfações.

Por conseguinte, zomba-se de Deus não somente quando se usa de palavras baixas e de calão contra o Senhor, mas também quando se queixa contra Ele. Nesse sentido, quão zombeteiros tornaram-se os filhos de Israel em sua trajetória à Canaã!

2. Queixoso da sorte. O queixoso é aquele que nunca está satisfeito. Mesmo se fosse para o céu, no céu estaria insatisfeito. É por isso que essa espécie de gente jamais entrará nas regiões celestes a menos que se converta. O vocábulo para queixoso é *mempsímoiros*. Assim era o homem grego dos dias de Judas. Nunca estava satisfeito com o que conseguia, pois sempre ansiava pelo que não tinha.

> *Você é desse tipo? Ou já aprendeu a dar graças em tudo? O murmurador morrerá insatisfeito; sua*

satisfação é contentar-se com nada. Aquele, porém, que aprendeu a ser agradecido ainda que nada tenha em tudo dá graca.

3. Anda segundo as suas concupiscências. O escarnecedor anda segundo a carne, e de acordo com as inclinações da carne, age. A palavra concupiscência em grego: *epithumía*, denota um desejo forte e incontrolável. É a paixão que jamais será satisfeita. Disse Sócrates, certa vez, que o concupiscente assemelha-se a um barril sem fundos: por mais que se tente enchê-lo achar-se-á sempre vazio.

Os escarnecedores de que fala Judas, e que andavam de igreja em igreja, semeando seus erros, heresias e apostasias, tinham como alvo principal a satisfação de seus desejos pecaminosos. E, tudo faziam por induzir os santos nesses engodos. Não tinham eles qualquer compromisso com uma vida santa e irrepreensível.

Se você tem compromisso com Deus, porfie por andar em novidade de vida; não se deixe prender pelas concupiscências ou pelas vaidades. A demanda divina é inquestionável: "Sede santos, porque eu sou santo".

4. Arrogante. Levado pelo orgulho e pela soberba, o arrogante, via de regra, revela-se por atitudes altivas e desdenhosas. É insolente e atrevido. Não respeita a nenhuma autoridade. Com a sua arrogância, escarnece de tudo e de todos, zomba.

Em grego, arrogante é *hupéronkos*: alguém cheio, inchado; é a pessoa que não cabe em si; é o que desconhece por completo as reivindicações bíblicas quanto a uma vida humilde e despretensiosa. É aquele que imita ao diabo.

Aprendeu você a ser manso e humilde com Cristo? Ou o seu coração é prepotente e orgulhoso? Lembre-se: Deus dá graça aos humildes, mas abate aos soberbos.

5. Bajulador. O escarnecedor sabe bajular; é um mestre na arte da lisonja. Se admira alguém é porque está interessado naquilo que este alguém pode lhe dar. Como é difícil o bajulador! Sobre este indivíduo, pronuncia-se Nestor Vítor: "Tolo bajulador tem de ser forçosamente um malévolo no íntimo e por fim um ingrato".

Você não precisa bajular a ninguém. Respeite a todos, mas não se descaracterize nem negocie seus princípios por causa dos bens materiais. Aja com ética e temor a Deus.

III. A Advertência dos Apóstolos Contra os Escarnecedores

Judas, agora, evoca a autoridade dos demais apóstolos. Em suas respectivas epístolas, Paulo, Pedro e João já haviam alertado à Igreja sobre o aparecimento dos escarnecedores, falsos mestres e doutores. Sua advertência visava:

1. Alertar a Igreja de que os escarnecedores apareceriam. Não devemos mostrar-nos aturdidos com esses indivíduos. O seu aparecimento foi antevisto por Paulo (2 Tm 3.1-9), vaticinado por Pedro (2 Pe 3.1-14) e profetizado por João (1 Jo 18-29. Aliás, o próprio Cristo, em seu Sermão Profético, falou acerca dos lobos que se disfarçam em ovelhas. Estejamos, pois, vigilantes contra os escarnecedores que estão a nos rodear as igrejas, seminários e eventos.

2. Denunciar o objetivo dos escarnecedores: levar o povo de Deus a desacreditar na volta gloriosa de Nosso Senhor. Atentemos a esta advertência de Pedro:

"Amados, escrevo-vos, agora, esta segunda carta, em ambas as quais desperto com exortação o vosso ânimo sincero, para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas e do mandamento do Senhor e Salvador, mediante os vossos apóstolos, sabendo primeiro isto: que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Eles voluntariamente ignoram isto: que pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste; pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio. Mas os céus e a terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro e se guardam para o fogo, até o Dia do Juízo e da perdição dos homens ímpios. Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão" (2 Pe 1-10).

> *Os escarnecedores e os falsos mestres e profetas não toleram a realidade da segunda vinda de Cristo. Sabem eles muito bem que uma igreja centrada na bendita*

esperança jamais se deixará corromper. Eis por que haveremos de estar sempre alertas para não perdermos o galardão que nos dará o Senhor naquele dia. Jesus está às portas! As profecias estão se cumprindo. Atentemos para os sinais de seu retorno!

IV. Como Combater os Escarnecedores

Os escarnecedores não deveriam ter vez nem oportunidade em nosso meio. Infelizmente, não são poucos os obreiros que, na ânsia de inflar as igrejas, convidam pregadores que nenhum compromisso têm com a doutrina ou com os bons costumes. E o resultado não poderia ser mais desastroso. Suas igrejas dificilmente voltarão a ter o vigor de outrora.

Não nos impressionemos com os ventos de doutrinas nem com os modismos. São artimanhas do diabo para desestruturar a Igreja de Cristo. Tais coisas só beneficiam os mercenários que, com a anuência dos ingênuos, estão a nos espoliar as ovelhas. É mister que tomemos as seguintes precauções:

I. Firmemo-nos na Palavra de Deus. Tudo aquilo que contrariar a Palavra de Deus que seja considerado anátema. Mesmo que um anjo desça dos céus, e anuncie outro evangelho, que seja repreendido em nome de Jesus; é o diabo (2 Co 11.14; Gl 1.8). Não nos deixemos impressionar também por aqueles que, exibindo diplomas e títulos, buscam corromper a sã doutrina. O diabo também é acadêmico.

Todas as declarações que nos forem feitas têm de ser conferidas com as Sagradas Escrituras. É por isso que os bereanos foram tidos como nobres (At 17.11). Enfim, que o lema de Isaías seja a nossa divisa: "À lei e ao testemunho! Se

eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva" (Is 8.20).

2. Não nos impressionemos com os modismos. A partir de agora, tornar-se-ão estes mais comuns do que nas décadas passadas. Antigamente, não era difícil combater os modismos, pois vinham como seitas. Hoje, porém, aparecem eles travestidos de ortodoxia, e têm em nosso meio o seu habitat. E como seus promotores são convincentes! Se lhes for possível, enganarão até os mesmos escolhidos.

Vivemos as épocas dos falsos cristos, profetas e mestres (Mt 24.24; 2 Pe 2.1). São ele tão hábeis, que fazem com que a verdade pareça mentira e a mentira se mostre como a mais verdadeira das verdades. Eles sabem trabalhar a lógica e não têm nenhum escrúpulo em imitar os dons espirituais, mesmo sabendo que correm o risco de estarem blasfemando contra o Espírito Santo. Nunca esta advertência fez-se tão necessária: "Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo" (I Jo 4.1).

3. Aguardemos a bem-aventurada esperança. Os escarnecedores não admitem a segunda vinda de Cristo. Por isso zombam eles dessa doutrina, menosprezando-a e desacreditando-a. Todavia, como ressalta Pedro, virá o Senhor como ladrão, surpreendendo-os em seus delitos, enganos e pecados (2 Pe 3.10).

> *Aguardemos, pois, a vinda de Cristo Jesus. Ele pode vir agora mesmo para arrebatar a sua Igreja. Você está preparado?*

Conclusão

Não se deixe impressionar pelos escarnecedores. Irão eles de mal a pior, enganando e sendo enganados. Serão punidos por Deus; de modo algum escaparão. Quanto a nós, firmemo-nos cada vez mais na promessa da segunda vinda de Cristo Jesus. Esta é a nossa bendita esperança.

Maranata! Ora vem, Senhor Jesus!

Capítulo 16

Edificados na Santíssima Fé

Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo, conservai a vós mesmos na caridade de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna. E apiedai-vos de alguns que estão duvidosos; e salvai alguns, arrebatando-os do fogo; tende deles misericórdia com temor, aborrecendo até a roupa manchada da carne. Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória, ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre. Amém! (Jd 20-25).

Introdução

O objetivo de Judas foi estimular a igreja de seus dias a batalhar pela fé que, de uma vez por todas, foi entregue aos santos. Agora, em suas palavras finais, exorta-nos ele a edificar-nos, nesta mesma fé, a fim de que sejamos guardados até ao arrebatamento da Igreja.

Nunca as exortações de Judas fizeram-se tão necessárias! Sua epístola deveria ser lida e

relida nesses tempos de crise e calamidade espiritual. Seu objetivo primevo, como já o dissemos, é a preservação da fé que nos confiou o Senhor Jesus Cristo. Ai de nós se não atentarmos às suas advertências!

Se preservarmos a fé, teremos condições de socorrer os perdidos, arrebatando-os do fogo. Caso contrário: acabaremos por perder todas as características que nos identificam como povo de Deus. Não nos esqueçamos das igrejas e dos movimentos que, por não agirem com energia e intrepidez contra o erro, foram subvertidos. Haja vista o que ocorreu nos países nórdicos. Depois de haverem experimentado grandes visitações do Espírito Santo, deixaram-se tomar pela letargia espiritual. Será que o mesmo não está acontecendo conosco? O Movimento Pentecostal no Brasil levou milhões de pessoas a viverem o clima dos primeiros dias da Igreja. Mas, passados aqueles tempos heróicos, parece que estamos a repetir os erros do passado. Preservemos a santíssima fé. É a única maneira de conservarmos nossas características como povo de Deus.

> *Tem você preservado a santíssima fé? Tem-na vivido segundo os padrões da Palavra de Deus? Ou já se tornou indiferente às demandas divinas? Chegou o momento de nos alinharmos ao lado dos que, inspirados pelos exemplos sagrados, põem-se a lutar as lutas do Senhor.*

I. O Que É a Fé

Anatole France confessou que não tinha fé, mas considerava felizes os que a possuíam. Louvemos a Deus porque, além da fé comum a todos os homens, foi-nos confiada a fé

salvadora, que nos faz triunfar em todas as coisas através de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O verdadeiro crente não é o que se limita a crer na existência de Deus. É aquele que sabe estar Deus sempre pronto a galardoar os que lhe buscam a face. Os filósofos gregos, de uma forma geral, acreditavam no Criador. Haja vista Sócrates. Foi este condenado à morte, entre outras coisas, por menosprezar os deuses gregos, e confessar a realidade de um único Deus. Todavia, jamais professou ter comungado com o Ser Supremo. O mesmo se pode dizer de Aristóteles e de todos aqueles que buscaram conhecer as coisas somente através da luz natural da razão.

1. Definição. De conformidade com o autor da Epístola aos Hebreus fé "é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem" (Hb 11.1). O *Dicionário Teológico* da CPAD dá-nos ainda estas definições: "É a confiança que depositamos em todas as providências de Deus. É a crença de que Ele está no comando de tudo, e que é capaz de manter as leis que estabeleceu. É a convicção de que a sua Palavra é a Verdade. Enfim, é a tranqüilidade que depositamos no plano de salvação por Deus estabelecido, e executado por seu Filho, no Calvário".

2. A fé segundo Judas. Em sua epístola, o apóstolo refere-se em duas ocasiões à fé. Na primeira, diz: "Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da comum salvação, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos" (Jd 3). Nesta passagem, ele mostra a fé como um dom de Deus, e realmente o é. Se é um dom divino, cabe-nos batalhar por ela a fim de que não a percamos.

Na Segunda ocasião, exorta-nos: "Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo" (Jd 20). Este maravilhoso dom, agora, é visto como a base onde devemos edificar todo o edifício de nossa vida espiritual. Por isso, ele a trata de santíssima fé. Em grego: *hagiotáte pístei.* Isto significa que a fé nos foi especialmente separada por aquEle que é o seu autor e consumador. O superlativo é usado para mostrar uma fé sobremodo santa; uma fé a que ninguém tem acesso a não ser aqueles que ouvem e aceitam o Evangelho de Cristo.

> *Você já tem esta fé? Ela está à sua disposição. É só aceitar a Cristo Jesus como o seu único e suficiente Salvador. Amigo, crer em Deus não é suficiente. Afirma Tiago que os mesmos demônios acreditam em Deus, e diante dEle tremem. O mais importante é saber que o Criador propiciou-nos as condições necessárias para nos relacionarmos com Ele através de Cristo Jesus.*

II. Como Ser Edificados na Fé

Um dos maiores mártires do Cristianismo aconselhou a seus paroquianos: "Crê, espera e serás forte. Não podes ser vencido sem a tua vontade, e a graça é mais poderosa que todos os obstáculos". Savonarola sabia muito bem o que estava a dizer; não estivesse edificado na santíssima fé, certamente teria sucumbido ante os poderes das trevas.

Se também estivermos edificados na fé, seremos em tudo mais do que vencedores. O que significa estar edificado na fé? A expressão grega – *epoikodoméo* – é bastante significativa; dá a idéia de se construir e estar completamente assegurado neste edifício.

Encontra-se você edificado na santíssima fé? Jesus Cristo morreu, a fim de que andemos de valor em valor e de triunfo em triunfo. Mas, como iremos construir o edifício de nossa fé? Através das Sagradas Escrituras, construamo-lo sobre a rocha. E mesmo que nos açoitem as piores tempestades, a tudo resistiremos. Veja, a seguir, como podemos ser edificados na fé.

Somos edificados na fé quando:

1. Ouvimos a Palavra de Deus. Declara o apóstolo Paulo: "De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10.17). Quanto mais lermos, estudarmos e ouvirmos a exposição da Palavra de Deus, mais estaremos edificando-nos na santíssima fé.

Você tem lido as Sagradas Escrituras? Os heróis da fé não são super-homens; são homens que superaram suas limitações através de um convívio diário e constante com a Palavra de Deus.

2. Dedicamo-nos à oração. A ordem divina é: "Orai sem cessar" (1Ts 5.17). A expressão grega utilizada por Paulo dá a idéia de um tributo que devemos pagar ininterruptamente ao Rei, pois assim Ele o exige. Conta-se que Charles Finney passava quatro horas diárias em oração e profunda comunhão com Deus. Tão poderoso era o seu ministério, que, não raro, bastava um olhar seu para que as almas se curvassem diante de Cristo. Não podemos viver sem oração. É mister que voltemos a esse maravilhoso, doce e indescritível exercício. O diabo não teme um grande teólogo, mas foge de um ministro que faz da oração a regra áurea de sua vida.

Você tem orado? Tem pago o tributo da oração àquEle que merece todas as nossas devoções? Ou já se esqueceu deste grande compromisso? Viver não é preciso; orar é preciso.

3. Consagrando-nos ao serviço cristão. Se temos fé, e nesta santíssima fé estamos edificados, temos a obrigação de nos dedicarmos integralmente ao serviço do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Os que lêem a Bíblia são impulsionados a orar. Os que oram são compungidos a trabalhar na seara do Mestre. A vida de oração constrange-nos a trabalhar. Oração e trabalho! Eis o lema do crente piedoso. Somente assim haveremos de resgatar aqueles que se vão consumindo pelo fogo.

Como está a sua diaconia? Diaconia é serviço! Não podemos imaginar um servo de Deus sem um firme compromisso com o serviço cristão.

III. Arrebatai-os do Fogo

Arrebatai-os do fogo foi um livro que li quando jovem. Escrito pelo missionário Joá Caitano, exortava-nos a dedicar-nos com mais afinco ao serviço cristão. É a ordem que recebemos de Cristo.

1. O significado da palavra. O que significa arrebatar alguém do fogo? Vejamos o que realmente disse Judas: "E apiedai-vos de alguns que estão duvidosos; e salvai alguns, arrebatando-os do fogo; tende deles misericórdia com temor, aborrecendo até a roupa manchada da carne" (Jd 22,23). A expressão grega não deixa qualquer dúvida: *ek purós arpázontes*. O ver-

bo arrebatar, aqui usado, traz a idéia de pegar, agarrar tirar com força. Foi o que fizeram os dois anjos quando pegaram Ló e sua família pela mão, agarraram-nos, tirando-os da Sodoma que estava prestes a ser destruída.

Assim devemos proceder com todos os que, à nossa volta, caminham a passos largos para o inferno. Evangelizemos, visitemos os que se acham fracos na fé e os que, na expressão de Judas, encontram-se prisioneiros das dúvidas e dos dilemas.

Se assim não agirmos, pouco faremos em prol daqueles que caminham a passos largos para o inferno. Os maiores evangelistas não se limitaram a expor a Palavra de Deus aos perdidos. Cheios do poder do Espírito Santo, arrancavam a estes das garras de Satanás, antes que viessem a se precipitar no fogo do inferno.

> *Veja ao seu redor. Quantas pessoas neste momento não estão sendo devoradas pelo fogo do pecado e dos vícios! O que fará por elas? Chegou o momento de assumir a sua posição como filho de Deus, e arrebatá-las do poder de Satanás. Essa é a missão que lhe confiou o Senhor Jesus.*

2. A preocupação dos santos. É claro que nos devemos entregar ao serviço cristão. Para isto fomos chamados. Todavia, não podemos nos contaminar com os que se acham adoentados pelo pecado. Eis a recomendação do apóstolo: "...tende deles misericórdia com temor, aborrecendo até a roupa manchada da carne" (Jd 23).

Amemos o pecador, mas odiemos o pecado. Foi o que ensinou o teólogo Agostinho. Se você tiver preparo espiritual

e psicológico para evangelizar grupos específicos: drogados, homossexuais, prostitutas, bandidos, faça-o. Caso contrário: deixe esse trabalho aos que foram chamados e equipados por Deus para semelhante mister. Dedique-se, enquanto isto, à evangelização de uma maneira genérica, distribuindo folhetos, novos testamentos, etc.

IV. A Preservação dos Santos

Eis aqui uma das mais complexas e maravilhosas doutrinas das Sagradas Escrituras. Ao tratar desta verdade, temos de evitar dois extremos: 1) a predestinação absoluta; e 2) o barateamento da graça de Deus. A predestinação absoluta diz que os eleitos de Deus jamais perderão a sua salvação, mesmo que vivam eles em apostasias e abominações. Quanto ao barateamento da graça, apregoam seus proponentes que basta uma mínima falta para o crente perder a salvação. O que realmente diz a Bíblia?

1. Definição. A preservação dos santos é a doutrina segundo a qual Deus, através de sua Palavra e por intermédio do Espírito Santo, conserva a fé e a integridade espiritual daqueles que aceitam a Cristo Jesus. O crente, porém, deve permitir que o Espírito Santo atue em sua vida, administrando-lhe os meios da graça que, em nosso ser, haverão de operar a preservação.

2. O ensino de Judas. Neste particular, veja como é incisivo o apóstolo: "Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória" (Jd 24).

O verbo grego usado por Judas, e traduzido em português como guardar, é bastante esclarecedor: *phulásso* implica em proteger, guardar em total segurança.

O Senhor guarda-nos de tropeçar ou cair. Quão inefável é esse consolo! A expressão original *aptaistos* era usada para descrever os cavalos que, apesar do ritmo que lhe imprimiam seus adestradores, não tropeçavam. Mais tarde foi usada para descrever os homens que, embora vivam numa sociedade corrupta e corrompida, mantém-se moralmente sadios.

Apesar de vivermos numa Babilônia, o Senhor, através do Espírito Santo, preserva-nos de todo o mal. E assim haverá de manter-nos até à sua vinda. Aleluia!

> *Você é alvo dos cuidados de Deus. Já imaginou quão grande é esse privilégio! Nossa força é pequena, mas aquEle que nos preserva é poderoso. Se formos atacados pelo adversário, virá Ele em nosso socorro, preservando-nos de todas as setas do inimigo. Não se desespere. Deus tem um firme compromisso com a nossa preservação!*

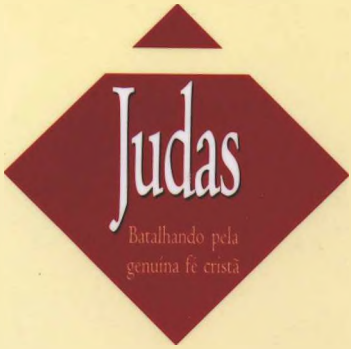
Conclusão

Encerrando sua epístola, após exortar-nos energicamente a batalhar pela fé que nos foi confiada, Judas enaltece o Cristo de Deus com esta belíssima doxologia:

"Ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre. Amém!" (Jd 25).

Defendamos a fé. Exaltemos, pois, o Cristo de Deus. Louvemos ao Cordeiro, pois Ele é digno de toda a honra, de toda a glória e de todo o louvor! Em breve, virá Ele buscar a sua Igreja. Maranata! Ora vem, Senhor Jesus.

SÉRIE
Comentário Bíblico



CLAUDIONOR DE ANDRADE

Com o surgimento do gnosticismo entre os anos 65 e 80, doutrinas e costumes alheios à ortodoxia cristã começaram a ser introduzido na Igreja. Seus promotores, embriagados pela soberba, diziam-se os únicos a possuírem uma perfeita visão de Deus, e pretendiam, através dessa "nova revelação", acabar com o Cristianismo, fundindo todas as religiões num único sistema. A fim de combater tais heresias e preservar a santíssima fé, Judas, irmão de Tiago, escreve uma enérgica e combativa epístola que se tornaria, rapidamente, numa encíclica de caráter universal. Nosso tempo em nada difere daquela época. As palavras do apóstolo continuam a nos ecoar aos ouvidos, exortando-nos a combater pela fé que, de uma vez por todas, foi confiada aos santos. Este livro adverte-nos a que, como Igreja de Cristo, não percamos as propriedades de Reino de Deus.

O Autor

Ministro do Evangelho, é autor do Dicionário Teológico, Dicionário de Escatologia Bíblica, Geografia Bíblica, Merecem Confiança as Profecias?, Paulo Em Atenas, Responda-me, por favor, *entre outras.*

ISBN 85-263-0374-0
9 788526 303744